



Centro Universitário de Brasília – UniCEUB

Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento

Curso de Mestrado em Psicologia

Sarah Guerra da Rocha Soares

Escrita poética e posição da analista: à disciplina dos assombros

Brasília, Junho de 2026.

Sarah Guerra da Rocha Soares

Escrita poética e posição da analista: à disciplina dos assombros

Dissertação defendida à Banca de Mestrado do Programa de Mestrado em Psicologia, nível de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, no Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento – ICPD, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Linha de Pesquisa: Saúde, Clínica e Avaliação Psicológica

Orientador: Prof. Dr. Juliano Moreira Lagoas

Brasília, Junho de 2026.

Centro Universitário de Brasília – UniCEUB

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Saúde, Clínica e Avaliação Psicológica

DISSERTAÇÃO DEFENDIDA NO PROGRAMA DE MESTRADO EM
PSICOLOGIA DO INSTITUTO CEUB DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO

APROVADO PELA SEGUINTE BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Juliano Moreira Lagoas – Presidente
Departamento de Psicologia – Centro Universitário de Brasília (CEUB)

Prof. Dr. Carlos Sapelli – Membro
Departamento de Psicologia – Faculdade Instituto Superior e Centro Educacional
Luterano Bom Jesus (IELUSC)

Profa. Dr. Guilherme Freitas Henderson – Membro
Departamento de Psicologia – Centro Universitário de Brasília (CEUB)

Prof. Dr. Leonardo Cavalcante de Araújo Mello – Suplente
Departamento de Psicologia – Centro Universitário de Brasília (CEUB)

Brasília, Junho de 2026.

A meu amor,

AGRADECIMENTOS

Agradeço orgulhosamente a meu orientador, Juliano Moreira Lagoas, por desde a minha primeira entrevista ter-me transmitido que o sonho é do próprio sonhante, investindo valiosa e pacientemente em minhas artesanais escolhas de trabalho, nunca ferindo-as. Por mais que não se escreva a duas mãos, não se escreve sem que alguém nos estenda ao menos uma delas. Permito-me dizer, ao lado de sua presença-ausência, que este trabalho é nosso.

À minha analista, Marília Rosa Mendes Nunes, com quem apreendi que o sonho é do próprio sonhante, onde perdi o medo de nomear (des)importâncias e descobri que, por trás do desejo de escrever, há uma trapaça à morte destinada à vida. Nessa longa travessia, tão breve quanto a existência, conheci o finíssimo tecido entre o sacrifício e o desejo, podendo assinar-me como esta que faz as coisas entre a vida e a morte. Uma conquista invencível transmutar de “ou” para “e”, coisa essa à que este trabalho não passou ileso.

A Leonardo Cavalcante de Araújo Mello, por ter-me dito: “Isto é método!”. À Daniela Chatelard, por ser o feminino de meu trabalho. A Rafael Marques Longo, como um bom amigo, matéria de salvação, por não desistir do ensaiar de meu ensaio. A Guilherme Henderson, pela acolhida e contribuição à esta estrangeira em terras brasileiras, pela destinada carta. Agradeço às minhas estimadas amigas, que hão de saber quem são, por suportarem-me apesar de mim mesma neste percurso, e desde que nasci, incentivando os céus da minha língua. Agradeço aos amigos que fiz neste Programa de Mestrado, os quais me deram um lugar possível em Brasília, especialmente a Pedro Saraiva, quem me iluminou o caminho. A Carlos Sapelli,

transmissor e professor em Psicanálise desde minha inaugural época de Graduação em Psicologia, pelas primeiras marcas deixadas, trazendo-lhe em mim até hoje.

Agradeço à minha primeira analista, que sorriu para mim, já em época de supervisora, quando eu não sabia o que fazer quando escutei à primeira pessoa que não sabia o que fazer.

Agradeço aos escritos produzidos por mulheres, agradeço aos livros que fizeram, que me trouxeram assombrada até o meu. Agradeço à cada troca feminina neste percurso, por documentarem em mim a outra que sou, e por não me permitirem ceder ao cinismo. Nomeio sobretudo Paula Goldenberg, a Economista em minha vida, por seu compromisso com o nosso entusiasmo. Toda vez que uma mulher escreve, outra se reescreve, aprendi isso com Ana Cristina Bernardes e, por isso, não devemos atrapalhar-lhes a emergência.

Agradeço à minha família, aos meus pais Carmen Daise Guerra da Rocha Soares e Marcus Antonius Soares, e a meu irmão, Jayme Guerra da Rocha Soares, bem como à família de meu companheiro, hoje também minha, que garantiram a sobrevivência de minha saúde e de meu sentimento de mim enquanto pesquisadora, por ser um amor que sempre conheci. Mãe, obrigada por não ter-se espantado quando, criança, alimentei uma febril curiosidade pela porta do conto de Barba Azul. Pai, obrigada por ter fechado a porta do escritório em sinal de respeito quando me viu, pré-adolescente, escrever meu primeiro ensaio. Jayme, obrigada por nunca ter tido vergonha de si. Agradeço ao meu enteado, Eduardo Tessmann Curi, por, há muitos anos, ainda menino, ter-me dito que havia em mim uma “boa-ideísta!”.

Ao meu noivo, Rafael Luís Comini Curi, que nunca confundiu nossas pesquisas, agradeço pelo teto todo meu no qual nunca mexeu, o que tocou-me profundamente. Agradeço por ser o destino de minha leitura, de meus achados e alegrias. *La tierra giró*

para acercarnos... Tanto milagro! Agradeço por receber o meu sagrado e o meu profano, amando-os!

Aos analisantes, que pacientes e pacientemente, “pagaram para me ensinar” (Winnicott).

Agradeço, por fim, e de início, à Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal – FAP-DF, pelo imprescindível apoio financeiro. Espero que saibam que este reconhecimento, nestes tempos que ainda atravessamos, é duas vezes valoroso à uma mulher na academia científica. Cassandra, minha ficção preferida entre as tragédias mitológicas gregas, por seu irreparável efeito de verdade, foi amaldiçoada em vida pelo castigo do descrédito; quer dizer que, por mais verdadeiras que fossem suas previsões, seus anúncios dos perigos, pois Cassandra o sabe, ela seria tida como mais uma mulher que fala: louca. Antígona, por sua vez, morreu de ir até o fim, se maldição ou dádiva, retirou esse direito de escolha dos homens que lhe sentenciaram à morte. Estamos inventando uma língua para dizer (Ana Martins Marques), porque “criar sim, mentir não” (Clarice Lispector).

O trabalho está feito, recolhamos aos ossos!

A fala é um parasita. A fala é um verniz. A fala é uma forma de câncer pela qual o ser humano é afligido. Porque um homem dito normal não a percebe? Há aqueles que chegam a quase senti-lo...

Jacques Lacan

Será preciso coragem para fazer o que eu vou fazer: dizer. E me arriscar à enorme surpresa que sentirei com a pobreza da coisa dita. Mal a direi, e terei que acrescentar: não é isso, não é isso!

Clarice Lispector

[...] penso que devemos agradecer à Psicanálise [...] Mas confesso que, no caso de Goethe, não fomos muito longe. Isso se deve ao fato de que Goethe não foi apenas como poeta um grande confessor, mas também, apesar de suas inúmeras anotações autobiográficas, um cuidadoso encobridor. Não podemos deixar de lembrar aqui as palavras de Mefisto: “O melhor, que podes saber / Não deves dizê-lo ao menino.”

Sigmund Freud

RESUMO

Esta pesquisa-ensaio contempla a dimensão conceitual da posição do analista a partir da escrita poética, essa entendida como um escrever do impossível, uma certa artesã da perda e da ausência. Em metodologia psicanalítica, a ser uma pesquisa de e em Psicanálise, adota ao ensaio como gênero textual e percorre os selecionados textos sob uma revisão narrativa, preocupada em construir uma lógica argumentativa que não necessariamente atravesse e constitua de maneira cronológica um estatuto de estado da arte da obra freudiana e do ensino lacaniano, quanto ao ofício literário. Compreendeu, assim, que estas duas paixões, a de saber e a de criar, aproximam-se em seu paradigma estético do derradeiro e em sua ética de sujeito apesar das distinções quanto ao jogo da ignorância. Por objetivos, atravessou-se: i. Indicar qual é a lógica da escrita poética diante da linguagem psicanalítica; ii. Esboçar uma travessia pelo avanço que Jacques Lacan faz de “não ser um poeta, mas um poema”; iii. Circunscrever, por fim, a escrita poética como pista de leitura da posição de um psicanalista. Tem-se, portanto, um trabalho sobre a importância de um método: o modo de fazer de um engajamento aos restos, a invenção do disfarce de seu apagamento e a valorização dos vestígios como chave de leitura à práxis psicanalítica.

Palavras-chave: escrita poética; posição do analista; psicanálise; linguagem; método.

ABSTRACT

This essayistic-research contemplates the conceptual dimension of the psychoanalyst's position from the perspective of poetic writing, understood here as a writing of the impossible, a certain craftswoman of loss and absence. In psychoanalytic methodology, as a research of and in Psychoanalysis, and in adopting the essay as a textual genre, it goes through the selected texts under a narrative review, concerned with constructing an argumentative logic that does not necessarily traverse and constitute, in chronological fashion, a state-of-the-art account of the Freudian and Lacanian work regarding the literary craft. It thus understood that these two passions, that of knowing and that of creating, come close in their aesthetic paradigm of the finitude and in their ethics of the subject, despite their distinctions regarding the game of ignorance. As objectives, it is intended to: i. Indicate the logic of poetic writing before psychoanalytic language; ii. Sketch a passage through the advance Jacques Lacan makes from "not being a poet, but a poem"; iii. Finally, circumscribe poetic writing as a clue for reading the position of a psychoanalyst. It follows, therefore, that this is a work on the importance of a method: the way of doing involved in an engagement with remains, the invention of the disguise of their erasure, and the valuing of traces as a key to reading psychoanalytic praxis.

Keywords: poetic writing; psychoanalyst's position; psychoanalysis; language; method.

SUMÁRIO

RESUMO.....	9
I. INTRODUZIR: uma questão de método.....	12
I.I: O ensaio como forma.....	56
II. DO POETA AO POEMA: o rigor do risco.....	77
III. DE UM NÃO CONCLUIR: considerações finais.....	97
IV. REFERÊNCIAS.....	107

I. INTRODUZIR: uma questão de método

Esta dissertação em ensaio inicia-se por seu fim: seu esforço de pesquisa é inesperadamente o de uma reconciliação com a linguagem. Não foi assim que a iniciei. Foi preciso uma travessia de “no princípio era o Verbo”, do Evangelho¹ (de “V” maiúsculo, de Deus), à “no descomeço era o verbo” (aos “v”s minúsculos, um outro discurso), de Manoel de Barros², para que o efeito poético e sua centelha por esta pesquisa não desistisse da palavra, emprestando-lhe em paz, apesar do sobrenome Guerra de meu nome, a seu caro lugar de “triunfo do real”³. Procurei um lugar a salvo das palavras, mas esse lugar não há. Foi preciso ceder ao entendimento de que “[...] a linguagem é a condição do inconsciente” (Lacan, 1970/2003, p. 404) para retornar ao que me atraía: “Que o sujeito não seja aquele que sabe o que diz, quando efetivamente alguma coisa é dita pela palavra que lhe falta” (Lacan, 1970/2003, p. 403); desembocando por onde comecei: podemos aceder ao real pela escrita? Há um sujeito da enunciação sem o sujeito do enunciado? (Villari, 2002). “Ora, em um dado momento, percebeu-se que, em se falando do inconsciente freudiano, o conceito de sujeito era fundamental” (Villari, 2002, p. 23) e, nesse caso, descobri que a escrita poética, em seu modo de uso das palavras, não precisa de renunciar a linguagem para transmitir: “A poesia não é um gênero literário, é um idioma anterior a todas as palavras” (Mia Couto). Ou como em Lispector quando se perguntou se seria capaz de pôr em palavras o que

¹ Evangelho de João, Novo Testamento da Bíblia. “Verbo”, em maiúsculo, faz menção à presença de Deus.

² Em “Meu quintal é maior do que o mundo” (2015), antologia publicada pela Editora Alfaguara, p. 83.

³ Sobre a expressão “triunfo do real”: vide obra de Viviane Martins Ligeiro (2024). Sobre o conceito de real em Jacques Lacan: “É o que resiste absolutamente à simbolização” (Lacan, Seminário I, p. 82), mas “Para que a própria questão venha à luz [...], é preciso que haja linguagem” (Lacan, 1957, p. 531).

pintava: “O que pinteí nessa tela é passível de ser fraseado em palavras? Tanto quanto possa ser implícita a palavra muda no som” (Lispector, 2019, p. 28).

Poderia, então, a escrita poética prescindir da palavra? A resposta é sim. Da palavra como vocábulo, absolutamente. Está na música, na dança, nos ritos. Nos rituais, na ancestralidade, nos bichos. No olhar, no toque, no silêncio. A poesia não precisa de nós. Nós, no entanto, nós vemos a palavra. Parece que só fomos capazes de fundar essa dimensão da poesia porque a linguagem existe e porque podemos dizer, com a palavra: “Ela vem, volta, levanta uma cortina, espia, diz que não é aquilo, que não há o que dizer, não é aquilo” (Duras, 1986, p. 135). Parece-me que é por podermos recusá-la que a poesia existe. A palavra, aqui, portanto, é tomada como uma das manifestações da nossa linguagem, talvez porque sejamos humanos. De que palavra e de que linguagem falamos, portanto? Da que concerne à Psicanálise:

A psicanálise não é um bebê, mas quando se fala de ato de nascimento da psicanálise – o que faz sentido, pois justamente um dia ela apareceu –, essa é a questão que se evoca: o campo que ela organiza, [...] será que ele existia antes? [...] Claro, há todas as chances de que esse campo existisse antes, certamente não contestaremos que o inconsciente tenha feito sentir seus efeitos antes do nascimento da psicanálise. Mas, mesmo assim, se prestarmos bastante atenção, podemos ver que a pergunta “*Quem o sabia?*” talvez não seja desprovida de importância aí. [...] A questão que coloco sob forma de *Quem o sabia, o campo da psicanálise?* não tem nada a ver com a antinomia falaciosa em que se fundamenta o idealismo. Não se trata de contestar que a realidade seja anterior ao conhecimento. A realidade sim, mas e o saber? O saber não é conhecimento, [...] basta eu aludir à arte de saber viver [*savoir-vivre*], ou ao saber-fazer [*savoir-faire*]. Aqui, a questão acerca do que vem antes passa a fazer todo o sentido, pois o saber-viver ou o saber-fazer pode nascer em dado momento (Lacan, 1967/2025, p. 17).

Uma citação à letra lacaniana sobre o ato psicanalítico, que será melhor articulado no capítulo final deste ensaio, para aqui introduzir: há um saber que antecede o conhecimento, isso encontramos na escrita poética e na Psicanálise, ambas operações diferentes que tratam do mesmo, o saber inconsciente, esse desconhecimento que, no entanto, faz recair os séculos sobre nós (Clarice, 2019).

Werner Herzog, no documentário “Caverna dos Sonhos Esquecidos”, presenteia-nos com as Cavernas de Chauvet, no Sul da França, onde estão vivas as pinturas mais antigas de que se tem notícias, deixadas pelos neandertais há mais de trinta e dois mil anos. Há mais de quatrocentas pinturas rupestres na Caverna de Chauvet-Pont-d’Arc, inacreditavelmente conservadas. São obras-de-arte. Herzog narra brilhantemente as descobertas dos pesquisadores a concluir: eram artistas, possivelmente os primeiros artistas precedentes a nossa posterior linhagem *Homo sapiens*. Questiono: por que sentiram a necessidade de desenhar nas paredes? É por que se espantavam com a imensidão do mundo, com o desconhecido dos céus, com o fogo? É porque precisavam registrar, comunicar, sobreviver? Sofriam de angústia? O que quero dizer, todavia, é que seus traços artísticos, sem as palavras, constituíam sua forma de linguagem e que, a mim, causam-me efeito de escrita poética, um conceito que não sei dizer se lhes faria sentido, nas cavernas, sobretudo por que estou partindo dessa escrita como método de leitura à uma invenção muito contemporânea: a Psicanálise. É preciso que fique claro que a Psicanálise trabalha com a sua própria noção de sujeito, um sujeito que sofreu modificações de Freud a Lacan, mas que, apesar das idas e vindas lacanianas por seu ensino quanto aos linguistas, ainda precisou endereçadamente dizer: “É claro que não!”. Jean Allouch fez disso uma interessante abordagem metodológica e estilística do ensino de Lacan, um chiste lacaniano, aos moldes de um ato psicanalítico, na obra “– Alô, Lacan? – É claro que não!” (1999). Sibylle Lacan, sua filha, por outro

lado, no livro “Um Pai” (1996), escreve: “Só muito mais tarde, tarde demais, é que Glória me contou que, nessa época, ele já dizia não a todo mundo” (Lacan, 1996, p. 90). Sibylle Lacan se refere à época de Março de 1980, cujas dores do corpo de seu pai adoeciam incuravelmente. Lembramos que Lacan faleceu, doente, em Setembro de 1981. O que queremos dizer com isso também é uma apreensão de dimensão clínica:

O que é o ato psicanalítico? Como distinguir o que especifica o ato psicanalítico e diferenciá-lo de outros tipos de ato? Essa questão persiste para Lacan durante seu ensino de 1967-1968. Porque é claro para ele que pode haver muitas formas de ato: o ato político, o ato revolucionário, o ato heroico, o ato trágico, o ato notarial, o ato ilustrado, o ato cerimonial, o ato tradicional, o ato meritório ou mesmo o ato exemplar, para citar apenas alguns daqueles que ele evoca nesse percurso do seu ensino (BATTISTA, 2021, p. 55).

Percebamos que há, nesse sentido, uma diferença entre o espírito com que Allouch desfrutou desse ato e o espírito com que Sibylle Lacan, na posição de filha, recebeu-o. Um mesmo “É claro que não!” a assumir distintos efeitos. O que mudou? Se a ação era a mesma, passível de com ou sem sentido, podemos pensar no efeito de Transferência como sustento de cada leitura. É claro que, como prossegue a autora (2021), não temos a resposta acerca do que Allouch e Sibylle quiseram dizer, ou mesmo se Lacan dizia algo nesse momento frágil de sua saúde, mas importa-nos recuperar a pergunta e relançá-la às articulações que propõe esta pesquisa. Dizemos aqui que o ato psicanalítico é esse que tem, aos restos, efeitos poemáticos, efeitos de poema, efeitos que convidam a uma travessia pelo objeto *a*, o que o particulariza, então? Justamente que “O que vale dizer que é à transferência, e não à sua análise, a que, agora, [...] se deixa a última palavra” (Allouch, 1999, p. 29).

Aos efeitos de um ato psicanalítico, portanto, remetemos o que se passa na posição do analista, uma vez que Lacan (1968/2025) afirma que é o ato psicanalítico que identifica, qualifica e autoriza um analista como tal. E é pelos vestígios, prossegue o autor (1968/2025), que nos cabe perceber o que se quer dizer quando se fala do estatuto do ato. É também aos vestígios que se escreve o escrever da escrita poética, essa chave de leitura que nos permite avançar na apreensão de que um psicanalista é instrumento e não pivô na tarefa psicanalítica: “Se há algum lugar onde o psicanalista ao mesmo tempo não se conhece e é também o ponto em que ele existe, seguramente é na medida em que ele é sujeito dividido, inclusive em seu ato” (Lacan, 1968/2025, p. 104). Finaliza: “[...] eu, pelo que introduzo como nova ordem no mundo, devo tornar-me dejetos” (Lacan, 1968/2025, p. 106). Se resgatarmos um dos objetivos específicos desta pesquisa, mencionados no resumo e desenvolvidos por seu decorrer, veremos que a travessia que Lacan faz de “ser um poeta” a “ser um poema”, como isso que traduz a posição do analista, é à indicação clínica dos dejetos. Ser desejo é viver assombrado pela disciplina da aposta na surpresa que experimenta um sujeito dividido, conhecedor de si pelos vestígios de um ilusório “si mesmo”. “Vestígios” ocupa aqui, desse modo, um importante eixo argumentativo à construção desta dissertação, pois que de outra forma colhemos os efeitos do Inconsciente senão às surpresas que os restos vão-nos deixando pelo caminho? Ao sermos deixados pelo caminho, transmite-se a nós, maus leitores que somos disto que chamamos nós mesmos, que a nossa verdadeira palavra foi até agora intocada (Clarice, 2019).

“Sim, quero a palavra última que também é tão primeira” (Clarice, 2019, p.30). Após essa breve introdução, voltemos ao fato de introduzir esta pesquisa por meio do epílogo – digo, abri-la a partir de sua conclusão – não se reduz aqui à uma questão mera de capricho senão à própria inevitável estrutura inconsciente diante do incapturável da

palavra, configurando, portanto, mais uma marca de “a fim de” que “de fim”. “Sem dúvida, na teoria psicanalítica, sabemos muito mais sobre a entrada do que sobre a conclusão” (Miller, 1995, p. 27), não por seu acabamento, penso, mas por sua saída inventar-se desde a entrada. Antoni Gaudí (1852-1926)⁴, sobre sua arquitetura, transmitiu-nos algo à semelhança: “La originalidad consiste en el retorno al origen... A la simplicidad de las primeras soluciones”, pois que tudo está ontologicamente posto desde o começo? Não é o que nos ensina a poética da escrita dos escritores e de uma experiência de análise, mas, paralelamente, enunciam-nos esses que as nossas primeiras soluções infantis⁵ destinam nosso dom de estilo, “pois nada pode ser único ou íntegro a menos que tenha sido usado”⁶, articulação essa intérprete do pensamento desta pesquisa, os restos nos constituem e aos restos vamos nos reconstituindo:

[...] do equívoco com que Joyce [...] desliza de *a letter* para *a litter*, de uma carta/letra, traduzo, para um lixo. Havia — talvez vocês se lembrem, mas é muito provável que nunca tenham sabido nada disso — um mecenas que queria o bem de Joyce e lhe ofereceu uma psicanálise — foi inclusive com Jung que lhe ofereceu. No jogo que evocamos, ele não ganharia nada, visto que iria direto, com esse *a letter*, *a litter*, direto ao melhor do que se pode esperar da psicanálise em seu término (Lacan, 1976/2007, p. 106).

À vista disso, que reconhece Lacan com Joyce, parece-nos que notícias de um mesmo já se encontrava com Duras (1974, p. 14), quando, na publicação Boas Falas, responde à jornalista que lhe entrevistava: “É isso, está bem. Não se avança. Não sei vai a parte alguma, move-se apenas.” Nesse contexto, conversavam sobre se Duras considerava

⁴ Arquiteto catalão mais conhecido por sua inacabada obra-prima: “*Temple Expiatori de la Sagrada Família*”, localizada na cidade de Barcelona, na Espanha.

⁵ Faço, aqui, menção ao texto freudiano: “Sobre o esclarecimento sexual das crianças” (1907/2018), por lembrar-nos das primeiras questões mitológicas, as curiosas e grandes perguntas sobre a origem, que se fazem as crianças, poetisas de nascença, a partir do traumático da sexualidade, diante da vida.

⁶ Tradução da Editora Tinta da China para trecho de “Crazy Jane Talks to the Bishop”, de William Butler Yeats, na obra de Eliane Robert Moraes “A parte maldita brasileira: literatura.excesso.erotismo” (2023, p.24), a qual explora “as sobras da obra”.

que avançava ou não quando “falava em círculos”, sobretudo em sua vida-obra de livros. Quantos analisantes não se perguntam, em apelo aos seus analistas, o mesmo? Quantos escritores, por isso mesmo, não o fazem? Para além disso, no jogo que evoca Lacan, não seria ironicamente aceitável acatarmos, por conseguinte, à expressão “giro de 360°” como um sucesso em uma experiência psicanalítica? E em recusa a qualquer posição cínica, pois que o tratamento, assim mesmo, nesse giro que “volta ao mesmo lugar”, que reconhece e desconhece a si mesmo, que possui em sua conquista a conclusão de que “tu não te moves de ti” (Hilst, 2022), objetiva ao “[...] o estabelecimento de sua capacidade de realizar e de gozar” (Freud, 1904 [1905]/ 2017, p. 57). Uma poética de cura, dessa forma, oposta ao sentido de patologizar e desafetar-nos do afeto, como que no entendimento médico de “recuperação da saúde”, mais próxima, quem sabe, de viver a própria loucura com saúde. Certa vez, nesse sentido, escrevi que sou grata à poesia, que tudo me dá a troco de nada. Aposto ser à essa maneira, não necessariamente do recurso da poesia, mas do efeito poético dessa posição, um efeito de surpresa e de verdade, que pode e deve localizar a clínica. Chamo Chatelard (2005): “Ora, a prática analítica, a da fala, a da linguagem, deixa o sujeito contar, relatar, dizer, mas de mesma forma, subtrair-se gradualmente à ‘cifra mortal de seu destino’, que lhe foi dado pelo Outro primordial” (p. 23). Assim, recorrendo aos artesãos da perda, que disso nos deixam saber, cito:

“Pra onde vão os trens meu pai?

Para Mahal, Tamí, para Camirí, espaços

no mapa, e depois o pai ria: também

pra lugar algum meu filho, tu podes

ir e ainda que se mova o trem

tu não te moves de ti”

Hilst (2004).

Quer dizer, é muito grave criar de si próprio um sujeito (Lispector, 2019), mas mais grave do que isso é não curá-lo da ideia de que ele já está posto desde o começo. Se não nos movemos de nós mesmos, que fazemos? Sobre isso, escreveu-nos Alain Badiou (2004) “Por uma estética da cura analítica”, a lembrar-nos de que “Lacan define a análise de modo muito preciso: a análise deve elevar a impotência ao impossível, a cura analítica é a passagem de um estado de impotência a uma experiência do real e, portanto, do impossível” (p. 237). Esse é o giro, a verdade é a de que descobrimos que o impossível esteve sempre lá, como condição habitável à linguagem humana: “Falo do real como impossível na medida em que creio justamente que o real – enfim, creio, se esse é meu sintoma, digam-me –, é preciso dizê-lo bem, o real é sem lei. O verdadeiro real implica a ausência de lei. O real não tem ordem” (Lacan, 1976/2007, p. 133). “Estou me criando. É andar na escuridão completa que à procura de nós o que fazemos. Dói. Mas é a dor do parto: nasce uma coisa que é. É-se” (Lispector, 2019, p. 55). Ser, no presente, é o real sem lei. O real é o tempo presente, o tempo de “é-se”. “É o que resiste absolutamente à simbolização” (Lacan, 1953/1986, p. 82), mas “Para que a própria questão venha à luz [...], é preciso que haja linguagem” (Lacan, 1957, p. 531).

Não haverá, portanto, como esta pesquisa livrar-se da linguagem, nem em sua recusa poética (“servos da linguagem”, escrevera-nos Lacan⁷). Essa recusa pertencente ao poético, isso que resiste à interpretação, encorpa o tema deste trabalho, não porque se cala diante do dizer, mas justamente porque, ao não cessar de não se escrever, transmite-nos uma lição encontrada no Jacques Lacan do Seminário 6 (1958/2016): não

⁷ Em “A instância da letra ou a razão desde Freud” (1957/1998, p. 498).

há Outro do Outro e, mais tardar, em um outro Lacan do Seminário 23: “[...] porque não Outro do Outro para operar no Juízo Final” (1976/2007, p. 59). Sendo assim, inexistente a palavra final, o significante totalizante falta ao Outro, deixando faltar uma curiosa falta aos poetas, sujeitos que, em uma ética de uso de um fracasso do saber distinta da do analista, desejam continuar não sabendo que sabem e, assim, escrevem. Essa é a hipótese desta pesquisa, que modificou seu rumo em meio aos achados e perdidos de se chegar até aí. É nesse ponto que se situa a posição do analista: não no lugar daquele que detém um saber, mas naquele que sustenta a falta no campo do Outro. Sua operação não consiste em preencher o vazio, mas em mantê-lo em funcionamento, permitindo que o sujeito se confronte com aquilo que não se deixa dizer. Diferentemente do poeta, cuja operação se dá na escrita, o analista opera no campo da transferência. Ainda assim, ambos se aproximam na medida em que não recobrem o vazio de sentido, mas se orientam por ele: “Que o sujeito não seja aquele que sabe o que diz, quando efetivamente alguma coisa é dita pela palavra que lhe falta” (Lacan, 1970/2003, p. 403).

Diante disso, a nossa hipótese é a de que a aproximação ética entre um psicanalista e um poeta não se dá pela equivalência entre seus ofícios, mas pelo modo como ambos se relacionam com a linguagem: não como instrumento de comunicação, mas como campo em que se manifesta o impossível. Parece-nos, ainda, importante frisar que a clareza dessa elaboração nasceu de um questionamento da Banca em ocasião de exame de qualificação: “Como, então, não se confundem, um poeta e um psicanalista?”.

Como nas pegadas apagadas, mas humanamente marcadas, de Robinson Crusoe, Lacan (1958/2016, p. 57) parece transmitir-nos: a marca do apagamento, a maneira de encobrir a coisa outra que uma enunciação diz a partir de um enunciado, a dicção de como um sujeito enrola e desenrola sua língua, é o que nos interessa na clínica, nesta

clínica do desejo. Este, portanto, é um projeto de dissertação sobre a importância de um método: o modo de fazer de um vestígio, o engajamento de seus restos, a invenção do disfarce de seu apagamento e da sedução infernal de sua entrega. Por que os escritores do real, essa escrita imperiosa do impossível, tradutora de silêncios, que neste trabalho será considerada e conceituada como escrita poética, coisa essa próxima à coisa da posição de um analista, transmitem Psicanálise? Reafirmo a citação que abre este convite: “A fala é um parasita. A fala é um verniz. A fala é uma forma de câncer pela qual o ser humano é afligido. Porque um homem dito normal não a percebe? Há aqueles que chegam a quase senti-lo...” (Lacan, 1976/2007, p. 92). “Aqueles que chegam quase a senti-lo”, consideramos o mesmo que Marguerite Duras autorizou-se a nomear de seu escrever como “doença da escrita”⁸; Manoel de Barros, a acatar como “loucura do poeta”⁹ (referindo-se à poesia como a loucura das palavras, o delírio do verbo); e Wislawa Szymborska¹⁰, em um curioso movimento de crítica, a responder em formato de carta a um escritor que lhe procurou com anseios de como se tornar ou não um (escritor): “[...] Aliás, não entendemos bem por que na carta para a redação o senhor fala em <<mania de escrever>>, como se fosse uma doença vergonhosa que é preciso forçosamente curar o mais rápido possível. Não há nada de anormal na necessidade de anotar seus pensamentos e vivências; pelo contrário [...]” (2021, p. 24-25). Enquanto Duras e de Barros parecem confortáveis com a “doença” que suscita o dizer “mania de escrever”, Szymborska, nesse trecho, parece incomodar-se com o “mania” como a estética parasitária que escuta Lacan sobre essa fala que “normalmente” (fundamentalmente) nos aflige, que funda o Inconsciente. Embora salve o escrever como “normal” e, por conseguinte, de dispensável cura, algo como que belo – não é a

⁸ Vide seu ensaio “Escrever” (1993/2021), publicado pela Editora Relicário.

⁹ Um testemunho de linguagem que aparece por toda sua vida-obra. Registra-se aqui a antologia “Meu quintal é maior do que o mundo” (2015), publicada pela Editora Alfaguara, como sugestão.

¹⁰ “Correio literário: ou como se tornar (ou não) um escritor” (2021), publicado pela Editora Âyiné.

intenção deste trabalho o estatuto da escrita para Wislawa em sua obra –, aproveitamos essa sua resposta para pinçar a expressão substancialmente interessante à este estudo: *doença da escrita, loucura do poeta e mania de escrever...* Uma tríade que condiz com a leitura que buscamos construir sobre a escrita poética, esses paranóicos da língua, louca e lucidamente infectada pela parasitagem, pela perseguição e pelo câncer que é habitar a linguagem que nos habita, incapaz por natureza discursiva de apreender o corpo em que se manifesta: “[...] o sentido sempre mais longe e eu já não vou / lá chegar como pode doer escrever e / ser bom” (Mallmann, 2021, p. 85).

Sublinhamos que essas nomeações – doença, loucura, mania – podem ser tomadas como indicações de um modo de relação com a linguagem em que o sujeito não domina o que escreve. Trata-se de uma escrita que se impõe, que insiste, e que se organiza não pela intenção consciente, mas pela incidência do significante. Nesse ponto, ela se aproxima do funcionamento do sintoma, entendido como formação que responde à falha estrutural da linguagem.

Bem como propõe o laboratório de um analista, Sigmund Freud (1912/2010) adverte-nos desde os fundamentais textos de recomendação aos que praticam a Psicanálise, que, nessa práxis, pesquisa e tratamento coincidem (1912/2010, p. 152). Nesse mesmo contexto técnico, adverte que esse é um dos méritos que a própria práxis reivindica para si, a diferenciar o tempo da escuta flutuante do tempo de “trabalhar-se cientificamente” um caso, a saber, penso ser possível colher desta maneira: é inútil e prejudicial ao êxito, de uma pesquisa e de um tratamento, bem como dos efeitos de um poema, a preocupação de prevê-la e de esgotá-la. Por práxis, citamos Lacan no Seminário 11: “O que é uma práxis? Parece-me duvidoso que este termo possa ser considerado como impróprio no que concerne à psicanálise. É o termo mais amplo para designar uma ação realizada pelo homem, qualquer que ela seja, que o põe em condição

de tratar o real pelo simbólico. Que nisto ele encontre menos ou mais imaginário [...]” (Lacan, 1964/2008, p. 14). Nos dicionários, encontramos que “práxis” carrega o sentido de “ação”, “prática” e “conduta”, derivada do grego e incorporada ao latim. Filosófica e historicamente, práxis assume o sentido de uma atividade psíquica, alguns consideram “reflexão”, que une teoria e atividade para agir sobre uma realidade. Dessa forma, os conceitos e a realidade de seus conceitos são vividos. Diante dessa noção, o que comporta a clínica do “laboratório do analista” é exatamente isso, pois a clínica psicanalítica não nasce da ordem de uma teorização aplicável e posteriormente posta à prova, nasce disto que não se procura, mas se acha. Disse-nos Lacan ao citar Picasso: “Eu não procuro, acho” (Lacan, 1964/2008, p. 15). Ele prossegue afirmando que há, na pesquisa científica, dois domínios que se pode reconhecer: aquele em que se procura, e aquele em que se acha, diferenciando-os. Tensiona a questão, muito embora Lacan não tenha se considerado ele mesmo um pesquisador (1964/2008), advertindo-nos aos perigos da “ciência que procura”: “*Não me procurarias se já não tivesse me achado. O já achado, está sempre por trás, mas atingido por algo da ordem do esquecimento. Não é assim uma pesquisa complacente, indefinida, que se abre então?*” (Lacan, 1964/2008, p. 15). Disso, compreendemos a pesquisa que “acha” (“acha” como que pressupõe, mas não tem certeza, mas também como aquela que se permite surpreender-se, essa que encontra. Esta presente pesquisa é um desses casos e, nisso, portanto, assume que pesquisa e tratamento coincidem.

Explico que foi a esse modo que a metodologia psicanalítica desta pesquisa aliou-se a *revisão narrativa*¹¹ ao decidido gênero textual do ensaio, garantindo suficientemente, embora distintamente sistemático, as exigências científicas de construção conceitual. Na seção seguinte, encontra-se esse rigor descrito. Por ora,

¹¹ Segundo Botelho et al., citado por Cavalcante e Oliveira (2020), define-se como “publicações que visam a descrever, de maneira ampla, o desenvolvimento de um assunto específico”, sob o ponto de vista teórico ou conceitual.

pontuo sua semelhança à operação da *atenção equiflutuante* e da *associação livre* na busca por sua forma, sua fôrma. O fato de que não houve indexação prévia dos textos ou das demais referências, por exemplo, não anula a coerência com que foram sumariando-se no decorrer desta pesquisa, endossados por uma mesma causa. Uma leitura causava a outra e, *a posteriori*, colhia-se seus efeitos de argumento, escrevendo. Em comum, tiveram, evidentemente, a questão temática e o sustento dos objetivos específicos.

Adélia Prado (2018), certa vez em entrevista, dá-nos aqui: “A poesia, ela é a forma. Ela não é assunto, não. Não é enredo, né? É a forma, é o como”. O caminhar que aqui se assume fora, então, traçado como na fala – falando; aproveitados sob o tempo lógico do “instante do olhar, do tempo para compreender e o momento de concluir” (Lacan, 1945/1998, p. 204). Sua seleção e organização foi-se acontecendo sob o destino de uma (in)certeza mais ou menos antecipada, de acordo com os achados, apostas e provocações pelo curso, o desejo de deslizar de uma leitura que convidava à outra e que, com a suspeita e a *fé* de uma movimentação já em andamento há seu tempo em formação psicanalítica, uma certa escuta pôde-se transformar, mais tarde, somente *a posteriori*, em uma lógica de referencial teórico, com seus objetivos e compreensão de que, durante todo o percurso, já se tinha uma causa e um método, uma forma de pesquisar que acontecia: através dos rastros deixados em anotações às margens das páginas dos livros-textos lidos, dos papéis soltos, cadernos e blocos de anotações, pequenos bilhetes que, como monumentos de um “conflito defunto”, para citar Lacan ao reler Freud (1953/1998, p. 270), enfim puderam frutificar-se em um novo: a escrita, quase transcrita, desta dissertação. Essa *certa escuta*, de certa forma flutuante mas atenta, aproxima-se também ao que em sua letra Lacan (1957/1998, p. 517) entregou-nos como “na mira do analista”.

Aproximo, assim, pesquisa e tratamento também dessa maneira, uma vez que tanto na clínica como em um processo de pesquisa, não dirigimos ao paciente, no entanto, sim, ao tratamento. Somos cegos, pois não podemos vislumbrar o que há de vir, o devir, é condição ao trabalho de análise bem como da escrita poética que só apareça ao se pronunciar “o que há para não ser dito” (Lacan, 1958/2016, p. 56), mas não estamos perdidos. Isso quer dizer que em sua mira está o rigor da práxis psicanalítica, essa que, conforme lemos em “A instância da letra ou a razão desde Freud” com Lacan (1957/1998) cifra e não decodifica, pois que escutar ao Inconsciente é lê-lo como ao *rébus* do sonho¹², é da ordem do que decifra e corta. “Decifrar”, inclusive, segundo os dicionários gramaticais, diz: “Ler o que está em cifra, o que é obscuro ou ilegível”; “adivinhar”. Perguntamo-nos, a partir deste ponto, neste momento de inspiração ao tema da pesquisa, se isso que se obscurece e se faz ilegível, convidando a um jogo de adivinhação por parte da aposta de um analista na próxima palavra de seu analisante, não é senão mais da ordem da criação, do ato, de um “fenômeno poético” (Lacan, 1958/2016, p. 62) que de um processo arqueológico da escavação de um objeto escondido, uma vez que, é sabido em Psicanálise, é apenas na elisão, sob um véu que ao escondê-lo expõe sua ausência, que ele existe: existe em condição de perda. Ressalvo que essas citações de 1958 são colhidas do Seminário 6 de Lacan, “O desejo e sua interpretação”, todas contempladas na Lição V de 10 de Dezembro de 1958, em que por mais de uma vez Lacan recorre a soluções poéticas, como quando cita o poema de Lise Deharme (p. 62), para demonstrar sua articulação do “problema do desejo e de sua interpretação, uma certa ordenação da estrutura significante, daquilo que se enuncia no significante como comportando essa duplicidade interna do enunciado; processo do enunciado e processo do ato da enunciação” (Lacan, 1958/2016, p. 56). Mais importante a este estudo que interpretar ao poema, é servir-nos do fato de que Lacan o utilizou

¹² Vide “A Interpretação dos Sonhos” (1899), de Sigmund Freud.

como saída, ou entrada. A questão aqui é localizar que, mesmo ainda não atribuindo o mesmo estatuto conceitual que o fez em 1965 com a homenagem à Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein¹³ – atribuição representativa de um giro em seu ensino, cuja volta permitiu-lhe fracassar como poeta, mas não como poema (travessia a ser desenvolvida nesta pesquisa por substancialmente constituí-la), transmitindo-nos, assim, novamente, notícias da posição do analista –, já nos denunciava a escrita poética como uma chave de leitura à práxis psicanalítica.

Isso posto, retorno ao modo de desenvolvimento desta dissertação que se ensaia, uma vez que o estilo é uma questão cara à prática da Psicanálise, uma conquista do sujeito, havendo todo um Seminário dedicado ao *sinthome*, esse *savoir-faire*, esse saber-fazer do modo, cujo “signo de autenticidade” Lacan (1976/2007, p. 149) devotou ao escritor e inventor de línguas James Joyce, afirmando: “Só se é responsável na medida de seu *savoir-faire*. [...] É a arte, o artifício, o que dá à arte da qual se é capaz um valor notável, porque não há Outro do Outro para operar no Juízo Final. Pelo menos sou eu quem o enuncio assim” (1976/2007, p. 59). “Pelo menos sou eu quem o enuncio assim” ensina-nos uma rigorosa marca do pensamento da obra de Lacan. A isso, acrescentamos um comentário Safatle (2003, p. 41) sobre o trabalho analítico e, como escrevera Lacan (1971/2009, p. 106), “o que de melhor ele pode oferecer”: transformar algo em modo de manifestação de um sujeito, restando saber como reconhecer a si mesmo naquilo que não se conforma à imagem. Se essas são pistas que permitem, em nossa apreensão, a um psicanalista só se autorizar-se de si mesmo, não sem alguns outros¹⁴, a seu estilo de analista, penso na relevância que essa analogia pode importar também à causa de uma pesquisa universitária em Psicanálise a partir do “Ato de fundação”: “Fundo – tão sozinho quanto sempre estive em minha relação com a causa

¹³ Escrito publicado em “Outros Escritos” (2003, p. 198) pela Editora Zahar.

¹⁴ Em “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola” (1967/2003, p. 248).

psicanalítica – a Escola Francesa de Psicanálise [...] (1967/2003, p. 235). A “causa psicanalítica”, nesse ato, convida-nos precisamente ao que se é possível de dizer sobre o vazio, o buraco do *objeto a* presente em toda causa, essa solidão que pode fazer-nos circular ou exiliar; e, ainda, ao que é da ordem do singular, essa alteridade radical do Outro em si, como no ato de autorizar-se “sozinho como sempre se esteve na relação com a causa.”

Seja na formação em Psicanálise ou na academia científica, o valioso recorte acima referente ao singular do psicanalítico – mesmo que pudesse confundir-se com uma generalização da ordem do particular pelo encontro dos pares, a exemplo em Escolas –, parece-nos de bom grado estendê-lo à singularidade que também pode circunscrever uma universidade diante das produções autênticas, e não necessariamente universalizantes, de seus pesquisadores e escritores. A introdução dessa dimensão da Escola e da solidão subjetiva neste momento, portanto, não constitui apenas um desvio temático, mas um desdobramento da própria hipótese desta pesquisa. Se a escrita poética se organiza a partir de uma relação singular com a linguagem, a formação do analista, por sua vez, exige a sustentação dessa mesma singularidade, que não se reduz à identificação coletiva, mas se produz “um a um”. Essa perspectiva permite sustentar que a solidão subjetiva não é um dado psicológico, mas condição estrutural. E é exatamente essa condição que aproxima o analisante, o analista e o escritor.

Nessa perspectiva, há um texto proveitoso a esse argumento de uma frutífera reunião de solidões: “Teoria de Turim: sobre o sujeito da Escola”¹⁵, em qual Jacques-Alain Miller trabalha questões sobre a formação do analista na Escola, como a seguinte:

¹⁵ Disponível online na Revista Opção Lacaniana, ano 7, Número 21, novembro de 2016.

O que Lacan chama uma Escola é uma formação coletiva na qual, a princípio, cada um dos membros sabe isto. [...] sabe algo à medida em que é analisado, que se analisa, que conceitualmente captou o que ensina uma análise, que cada um está só – só como Outro significante, só com sua fantasia, da qual “um pé está no Outro”, só com seu gozo, êxtimo. A Escola é uma formação coletiva na qual se sabe a verdadeira natureza do coletivo. Não é uma coletividade sem o Ideal, mas uma coletividade que sabe o que é o Ideal, e o que é a solidão subjetiva. A Escola é uma soma de solidões subjetivas, e este é o sentido de nossa fórmula, “um a um” [...]. The School is a lonely crowd” (2016, p. 7).

“Lonely crowd”, algo como uma “multidão solitária” para o português, no entanto tomada aqui precisamente no sentido de que há uma separação na aparente amálgama chamada “multidão”, essa, então, que se conta “um a um”:

[...] cada um, em uma instituição, é chamado a fundá-la a partir de sua própria relação a esse vazio que faz o centro de seu ser. Uma instituição edificada sobre esse modelo permanece fiel a seu projeto, não na repetição do mesmo, mas na surpresa e na invenção de cada um. Os muitos não são unificados verticalmente pela identificação ao Um que é o mestre, mas são solidários na interrogação que cada um porta sobre sua própria Causa (Ciaccia, 1999, n/p).

O “um a um”, portanto, é como se conta em Psicanálise. Conta-se os casos um a um, conta-se o manejo do próprio um ao um a um de cada sessão, trabalha-se pela transmissão da Psicanálise um a um. Não se é possível enfileirar solidões, mas a verdadeira natureza do coletivo as trabalha como no título em que se encontra esse trecho de Ciaccia (1999): “Da Fundação por Um à Prática por Muitos”.

Analogamente, nossa formulação da escrita poética como um dispositivo de transmissão também “um a um” se aproxima desse ato de fundação lacaniano ao mesmo rigor em que experimenta a elaboração oferecida por seu escrito-ato “Carta de dissolução” (Lacan, 1980/2003), pois “Há um problema da Escola. Não é um enigma.

Eu me oriento para isso, e já não é sem tempo. Esse problema demonstra-se tal por ter uma solução: trata-se da *dis* – da dissolução. Que basta que um vá embora para que todos fiquem livres é, em meu nó borromeano, verdadeiro a respeito de todos; é preciso que seja eu em minha Escola" (p. 319). "Façam como eu, não me imitem", registra-nos Goldenberg (1994, p. 2). Disso, compreendemos que, como denuncia a escrita em questão, "[...] eu os abandono a fim de que eles me mostrem o que sabem fazer" (Lacan, 1980/2003, p. 320), a saber, dêem notícias de seu estilo diante da falta, da castração, dos efeitos de que "o universal advém como singular", que se conta um a um¹⁶:

fernando farei palavras
de outras palavras
ou usarei as mesmas
mas comigo elas
serão diferentes
porque serei eu a usá-las

Mallmann (2021, p. 91).

Ao "não se imitar", Lacan enuncia-nos, ainda, a sua noção ética de sujeito, esse sujeito evanescente que cita desde "A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud" da seguinte forma: "Não se trata de saber se falo de mim em conformidade com aquilo que sou, mas se, quando falo de mim, sou idêntico àquele de quem falo" (Lacan, 1957/1998, p. 520). Evocando, mais uma vez, a poética de Francisco Mallmann (2021, p. 145), lemos: "estou despossuída de mim fernando despossuída". De "não possuir-se", lê-se, também, em Lacan:

¹⁶ Artigo por Mota-Naunheim, R.; Neves, T. & Lagôas, J. M. (2024).

“Penso, logo existo (cogito ergo sum)” [...] Sem dúvida, os filósofos introduziram aí importantes correções, nominalmente a de que pensa (cogitans), nunca faça senão constituir-se como objeto de (cogitatum). [...] O cogito filosófico está no cerne dessas miragens que se torna o homem moderno tão seguro de ser ele mesmo em suas incerteza a seu próprio respeito. [...] Penso onde não sou, logo sou onde não penso. [...] O que cumpre dizer é: eu não sou lá onde sou joguete de meu pensamento; penso naquilo que sou lá onde não penso pensar (Lacan, 1957/1998, p. 520-521).

Nesse sentido, é-nos possível prosseguir essa rápida digressão para resgatar um interessante e proveitoso preceito registrado em Wilhelm von Humboldt (1808) no ato de fundação da Universidade de Berlin. Em seu estatuto, dentre outras condições para o que defendia servir uma Universidade, e suas produções, como conceito, encontra-se o seguinte: “A atividade intelectual somente progride quando há cooperação, e não apenas para que um investigador forneça o que falta ao outro, mas para que o êxito de sua atividade entusiasme ao próximo” (1808/1997, p. 50-51). Humboldt não era psicanalista, embora conte a história terem ele e Goethe sido bons amigos, um passo tão próximo a Freud, mas por que não pensarmos nesse êxito como o êxito do desejo? Faltantes que somos, portanto aí está o “fracasso” da completude, que uma atividade baste por e para entusiasmar ao outro. Se interpretarmos um pouco mais radicalmente via transmissão psicanalítica¹⁷, essa é a grande esperança, a primordial aposta do ofício

¹⁷ Optamos por não escrever “Discurso da Psicanálise” ou “discurso psicanalítico”, pois o que existe sobre a Psicanálise, nesse sentido, é o Discurso do Analista. Lacan pontua essa diferenciação no Seminário 17: O avesso da psicanálise: “Escuto falarem muito de discurso da psicanálise, como se isso quisesse dizer alguma coisa. Se caracterizamos um discurso centrado-nos no que é predominante, existe o discurso psicanalisando, com o discurso proferido efetivamente na experiência analítica” (1969/1992, p. 33). Compreendemos, dessa forma, que o engano de tomar a Psicanálise como um discurso seria torná-la uma visão de mundo – uma *Weltanschauung* –, contramão, desse modo, ao que se localiza desde Freud em “Novas conferências introdutórias [acerca de uma visão de mundo], 1933/2010. Sobre isso, Rafael Gaudenzi apresentou um rigoroso trabalho no XIV Encontro Nacional | XIV Colóquio Internacional da

do analista. Quanto a Humboldt, talvez por isso, pela apreensão afetiva da solidão de um ser falante, tenha ele prosseguido a explicação desta forma: “[...] a força comum e original que no indivíduo somente pode destacar-se de forma isolada ou derivada. Trata-se de uma colaboração a si mesma, uma colaboração livre” (1808/1997, p. 51). À essa maneira, por fim, considerou as “ciências humanas” da época, diferentemente das “ciências naturais”, como “esforço de espírito” (*Streben des Geists*). Está – quase – tudo aí: notícias dos efeitos de uma análise; notícias da posição de um analista, seja em consultório ou nos demais dispositivos analíticos, como associação poder ser uma Escola; notícias, ainda, do quanto serve a invenção de uma escrita poética ao saber do analista: a posição do esforço de espírito é, mais uma vez, singular. É possível o lúdico de invertermos a ordem: saber do poeta e invenção do analista. A esse lúdico, brincante à ao estatuto originário da poesia, penso que se pode citar, ainda, o que Lacan considerou “a arte do analista” (Lacan, 1953/1998, p. 257), por suspender as certezas do sujeito até que se consomem, diz-nos, em suas últimas miragens. Ao ser tocado, pela simples razão de ser tocado, escreve-nos Juliano Moreira Lagoas em sua Tese de Doutorado (2016), o caranguejo (presa), que estava na *mira* do polvo (predador), desapareceu. Seria preciso, para enxergá-lo com seus tentáculos que tocavam ao crustáceo sem efeitos de percepção, continua o autor, que ele fechasse os olhos.

“Posição da analista”, portanto, desde o título desta pesquisa, assume um sentido conceitual:

A evocação das coisas derradeiras [...] representa precisamente a mais bela das elaborações que há dessa realidade impossível de enfrentar que é a morte. É justamente contando a nós mesmos mil ficções – ficção é tomada aqui no sentido mais verídico – sobre a questão das coisas derradeiras que

Organização Seção Goiânia – Corpo Freudiano Escola de Psicanálise, em 2024, intitulado: “Um Laboratório, não uma Weltanschauung”.

metaforizamos, domesticamos e fazemos entrar na linguagem o confronto com a morte (Lacan, 1957/1999, p. 45).

A “evocação das coisas derradeiras” e guiar-se pela “disciplina dos assombros” constituem-se, portanto, neste ensaio, em nossa bússola ao impossível através do real que nos denunciam os poetas, esse real tomado como o real lacaniano, que não cessa de não se inscrever na ordem simbólica e ao qual damos notícias de nossa existência antes de qualquer alfabetização¹⁸ – a ser trabalhado no decorrer dos capítulos –, visto que somos animais poéticos e somente para nós “[...] e para nenhum outro animal, há o depois” (Madeira, 2022, p. 194). Como esse recorte, colhido de um texto literário, do campo da Literatura, traduz o sujeito da Psicanálise? Clarice Lispector escreve: “Um animal jamais substitui uma coisa por outra, jamais sublima como nós somos forçados a fazer. E move-se, essa coisa viva!”¹⁹ e Juliano Moreira Lagoas continua: “[...] O polvo não pode *simular* o ato” (2016, p. 133).

A noção de “assombro” não se refere aqui a uma reação afetiva, mas ao encontro com aquilo que rompe o campo do sentido. O assombro marca o ponto em que o sujeito se depara com o real, isto é, com o que não pode ser simbolizado. Sustentar essa experiência, sem reduzi-la, constitui a disciplina a que esta pesquisa se propõe. Trata-se, portanto, de um rigor que não consiste em eliminar o inesperado, mas em manter-se fiel a ele – fazendo do assombro não um obstáculo ao pensamento, mas sua condição. A disciplina dos assombros é uma forma de rigor que consiste em não domesticar o real. É

¹⁸ Pode-se escrever / Pode-se escrever sem ortografia / Pode-se escrever sem sintaxe / Pode-se escrever sem português / Pode-se escrever numa língua sem saber essa língua / Pode-se escrever sem saber escrever / Pode-se pegar na caneta sem haver escrita / Pode-se pegar na escrita sem haver caneta / Pode-se pegar na caneta sem haver caneta / Pode-se escrever sem caneta / Pode-se sem caneta escrever *caneta* / Pode-se sem escrever escrever *plume* / Pode-se escrever sem escrever / Pode-se escrever sem sabermos nada / Pode-se escrever *nada* sem sabermos / Pode-se escrever *sabermos* sem nada / Pode-se escrever *nada* / Pode-se escrever com nada / Pode-se escrever sem nada / Pode-se não escrever (Pedro Oom, 1980).

¹⁹ Trecho de sua crônica “Bichos”, originalmente publicada no Jornal do Brasil em 13/03/1971.

uma conceituação que recebe a ruptura do sentido, o encontro com o real e a impossibilidade de simbolização, mas que considera, entretanto, que é “Pela palavra, que já é uma presença feita de ausência” (Lacan, 1953/1998, p. 275) e “[...] no dom da fala, que reside toda a realidade de seus efeitos; pois foi através desse dom que toda a realidade chegou ao homem, e é por seu ato contínuo que ele a mantém” (Lacan, 1953/1998, p. 323).

A sua conceituação, à essa maneira, toma forma no desenvolvimento à categoria de método, apontando, também, para o material com o qual se dispõe à escuta o analista na clínica: “Quanto ao sujeito do inconsciente, ele engrena sobre o corpo. Será preciso repisar que ele só se situa verdadeiramente a partir de um discurso, ou seja, daquilo cujo artifício cria o concreto, e como!” (Lacan, 1973/1998, p. 535).

Por ora, de volta ao polvo, apreciemos desse extrato um encontro possível com o ato de fundação lacaniano e com o que aduba um estilo, a causa e o desejo do analista ou de um pesquisador: a sua solidão subjetiva, visto que essa solidão se faz da ordem de (des)habitar o próprio corpo, coisa radical impossível de ser emprestada ou experimentada por outro alguém, exílio intransferível de afetos, esse mesmo que é também capaz de, num esforço de espírito, “capengar direito” (Lacan, 1966/1998, p. 880) nas imprudências do dizer, isso que é o Inconsciente em ação. Essa constatação desloca a solidão do campo psicológico ao estrutural, e estruturante. O sujeito não é indivíduo pois sua alteridade radical é a assumpção do Outro, portanto, nesse sentido, divisível e dividido.

Não é sem essa solidão (condição estrutural do sujeito, que não exclui da questão deste trabalho seus possíveis efeitos de ética e estética) que o estilo, essa relação entre sintoma e *sinthome*, se manifesta. Nesse ponto, inclusive, faz-se importante distinguir o estilo enquanto efeito daquele que se produz na prática analítica. Se, na escrita, o estilo

se manifesta como marca singular de um dizer, na clínica, ele se apresenta como modo de operar com o inconsciente. Em ambos os casos, contudo, trata-se de uma resposta singular ao impossível da linguagem: é ali onde o sujeito inventa uma forma própria de lidar com o impossível da linguagem – com o que não se escreve, com o que não se diz. A escrita poética, nesse sentido, parece-nos uma das raras mostrações éticas da estética vazia do inconsciente estruturado como uma linguagem, não sendo, por conseguinte, apenas expressão, mas a elaboração do impossível, esse de que, nos contornos da linguagem, expomos em seu centro o vazio. Ela dá corpo àquilo que, de outro modo, permaneceria puro resto, pura insistência pulsional. Essa centralidade do resto permite diferenciar a escrita poética de outras formas de escrita. Enquanto a escrita teórica tende a organizar o sentido e a reduzir a ambiguidade, a escrita poética mantém o resto em circulação, recusando sua integração completa ao campo do significado. É nesse ponto que ela se aproxima da lógica do inconsciente, que também se manifesta por meio de fragmentos, lapsos e formações que escapam à ordenação do discurso. Inclusive, através dessa noção de “resto”, costumeiramente recusada como sem serventia, e aqui valorizada, podemos citar: “Procure seu estilo no que você tem de pior” (Julia Rezende). Isso também quer dizer: “Trata-se da procura de um bem-dizer” (Villari, 2002, p. 27).

O estilo em Lacan, assim, não diz de uma questão meramente estética, mas nos aponta para a dimensão ética do sujeito, a ética do desejo em que se trabalha o laboratório do analista, pois a poética que opera é da ordem da surpresa, surpresa que, evidentemente, advém da técnica, da ciência dos conceitos e da chamada metapsicologia desde Freud, entretanto que não encontra lugar de efeito sem que o analista coloque algo de si. Colocar algo de si, aqui, tomemos como o “fundo”, do “tão sozinho”. Que não nos plagiemos, pois que, no fim das contas, é inútil e impossível.

Bem como um poema que se escreve dos restos do próprio corpo, as sobras da obra, a posição do analista é esta que, em sua conceituação, assume a impossibilidade de prever ou sequer rever os efeitos de ressonância de um traquejo. Apostar no derradeiro e, em ato, imprimir algo de si, vem de fato do apostar-se, postar-se, por-se. E ressonância, lemos em Duras com Lol V. Stein, é vinda lá de onde nunca esteve: “uma palavra-buraco”. Além, portanto, do singular do desejo, a poética inclui consentir com “ser objeto”, um poema que só a dimensão do real não escreve. Possivelmente, em ensino lacaniano, lê-se tal indício quando marca: “Que a prática da letra converge com o uso do inconsciente é tudo de que lhe darei testemunho ao lhe prestar homenagem” (Lacan, 1965/2003, p. 200).

Para além do entendimento de que a verdade é não-toda, ela não é, então, não-toda de mesma forma aos sujeitos, cada um a seu estilo poderá escrever o mesmo – é curioso como as temáticas dentre os escritores se repetem –, havendo algo, todavia, que não: a sua dicção. E assim se pode assinar a um estilo, esse dom que “[...] não é um fruto da natureza, mas da graça, isto é, de um acordo intersubjetivo que impõe sua harmonia à natureza dilacerada que o sustenta” (Lacan, 1998, p. 266)²⁰, este bem-dizer intraduzível a um “dizer bem”, nem todo bem-dito é bendito (no sentido de que a ética da Psicanálise não é a dicotomia da moral do “belo”²¹, “Um repúdio radical de um certo ideal do bem” (Lacan, 1960/1988, p. 274):

Lacan pôde nos propor como definição do final de análise conseguir o bem dizer. [...] É saber dizer de lado, saber dizer por alusão, é ter um domínio alusivo e saber dizer a verdade à

²⁰ Interessante situar que nesse trecho retirado de “Função e campo da fala e da linguagem” (1953, p. 266), Lacan, ao citar La Rochefoucauld, se perguntava se haveria pessoas apaixonadas, se nunca tivessem *ouvido falar de amor*. Com isso, ele contextualiza, à época, a função do símbolo quanto ao “poder das palavras” (p. 264). Concluiu que se deve haver um reconhecimento do quanto a fala comporta de amor e, a isso, chamou de graça – em oposição à naturalização do humano.

²¹ Vide “O Infamiliar” (Freud, 1919/2019) e “O Seminário 7: A ética da psicanálise” (Lacan, 1959-60/1988).

metade, porque dizer toda a verdade se converte sempre em mentira ou insultos. [...] O bem dizer é saber fazer-se responsável pela maneira segundo a qual o outro vai entender o que você diz. Esse é o desejo do analista. Seria o analista um sujeito que sabe o que diz? Não, ninguém sabe o que diz, ninguém sabe os efeitos que tem, no outro, o que alguém diz. Mas, o analista seria um sujeito que sabe que o essencial está entre as palavras e não nas palavras. Um analista – profissão impossível, dizia Freud, estafante, dizia Lacan – é um sujeito que aceita ser responsável pelos efeitos de seu dizer mais além do que diz (Miller, 1995, p. 44).

Essa formulação permite precisar o que está em jogo na articulação entre escrita e posição do analista: não se trata de dizer corretamente, mas de sustentar um dizer que leve em conta seus efeitos. É nesse sentido que o bem-dizer se aproxima da escrita poética, por sua responsabilidade diante da linguagem.

O valor dessa travessia não está, desse modo, em explicar-se, pontuar sentidos e significados, em ser capaz de atingir uma clareza contrária à lógica da incompletude e do mal-entendido que é o delírio de duas línguas que nunca são a mesma; está, de outro modo, na dimensão do que Souza Jr. (2023, p. 132) descreve em sua obra sobre o estilo em relação à dimensão ética do poético. Ele escreve que se tem aí, portanto, uma dimensão em que aquilo que se exige se dizer – um semi-dizer, uma meia-língua – será dito de uma determinada maneira, e não de outra. ”Um bem dizer – um dizer que é corte – e um saber ler que estão do lado do ato do analista. Mas a citação de Lacan ainda tem outra precisão genial: 'o analisante diz mais além do que quer dizer e o analista corta ao ler o que está aí do que quer dizer'" (Tarrab, 2021, p. 3). As duas possibilidades de leitura desse trecho, que faz Tarrab, justificam-se neste trabalho: por um lado, aponta para a demarcação do desejo (“o que quer dizer”), mas, por outro, a marca da falha mesma do saber (“o que está aí”), a qual, interpreto, aponta ao hiato fundamental da linguagem, à dimensão de real. Não é que não se diga por que não se sabe, ou seja, basta saber – descobrir, desocultar, escavar – que se dirá, é porque é esse hiato mesmo

que constitui a experiência do inconsciente estruturado como linguagem, marca do ensino lacaniano. Ao poema:

“não é fácil colher lírios sem um facão
é preciso certa grosseria na arte de decapitar
a lagartixa por exemplo
sabe a hora de perder o próprio rabo”

(Ferrazzano, 2021, p. 34).

Disso é o que sabe a dimensão conceitual Infamiliar do escrever. Um poema, ao qual tantos leitores resistem, assustados, por sua estrutura fragmentada de tonalidade inexplicável ao sentido, é concebível apenas à categoria afetiva de tocar-se. A estranheza de seus hiatos é muito cara a esta pesquisa.

Sucessivamente à essa breve contextualização, sigo quanto ao método. Além da *paciência histórica*²² e transferência de trabalho com o Orientador Prof. Dr. Juliano Moreira Lagoas em suas dúvidas, provocações e indicações de escuta, uma posição com êxito de efeitos de “Eu aguardo, mas não espero nada” (Lacan, 1976/2007, p. 133), foi também a partir da intersecção com a Disciplina criada por Prof. Dr. Leonardo Cavalcante de Araújo Mello de nome “Tópicos Especiais em Cultura e Processos Psicossociais”, durante o cursar deste Programa de Pós-Graduação, através de oficinas nas quais discutimos Pesquisa Qualitativa pelo viés da Cartografia e do Diário de Campo²³, que minhas anotações espalhadas há tantos anos às margens de livros, artigos

²² Expressão de Isildinha Baptista Nogueira quando convidada à Plenária 3 do XIV Encontro Nacional | XIV Colóquio Internacional da Organização Seção Goiânia – Corpo Freudiano Escola de Psicanálise, 2024.

²³ Reverencio especialmente a publicação “A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: por que censurar seu diário de campo?” (Weber, 2009).

e textos encontraram um lugar como que academicamente falando. Decidiu-se, assim, que a reunião de meus assombros constituiria esta pesquisa, essa a ser a disciplina do desejo – a mira da analista, o destino da pesquisa. E que esse início, que já se havia iniciado, seria o indício dos próximos passos: relê-los e escolher os próximos. Esse é o respeito que este ensaio guarda pelos vestígios (o único caminho do Inconsciente), assumidos como fichamentos em meus diários de pesquisa. Seu procedimento, portanto, na medida em que segue amarrações entre as temáticas levantadas e as obras escolhidas, também valoriza a interrupção, a digressão e o esteio artístico como argumento sistemático.

O gozo, como bem se sabe, o sujeito o paga com o corpo, neste caso não foi diferente: a “perda de tempo” foi meu custo pela insistência do não-digital. Pelo ancestral recurso tecnológico do escrever *à mão*, maneira pela qual se pôde desinibir esta pesquisa, atravessar ao deserto da página em branco e assiná-la de desejo. Foi, portanto, sob o traço da letra. A transcrição a este documento impresso se deu em um segundo ato, um outro momento de revisão e investimento. “Saber a hora de perder o próprio rabo”. Uma decisão insistente em, por não lembrar onde havia lido determinado trecho que não esqueci, encontrar novas articulações pelo caminho das páginas até encontrá-lo. Com a Psicanálise e a Literatura, aprende-se a não pegar atalhos. E isso é um ganho de estilo, mas também uma posição de dimensão ética.

Há um contexto para esse ato processual, além de mim: nos percalços da escrita deste ensaio, “O Brasil que lê menos” foi o título da chamada assumida pela colunista Natuza Nery (2024) no segundo semestre deste 2024 ao anunciar os resultados da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, de mesmo ano, realizada pelo Instituto Pró-Livro. Em presença da socióloga Zoara Failla, coordenadora do levantamento, e de Caetano Galindo – professor, escritor e tradutor –, discutem a conclusão de que “Pela

primeira vez, o número de brasileiros que não leu nenhum trecho de um livro, dentro do espaço de três meses, supera o número de leitores no país” (2024). Nery apresentou que, conforme resultados da investigação, a qual considerou tanto livros físicos quanto digitais, quase sete milhões de brasileiros abandonaram a prática nos últimos quatro anos, a apontar, ainda, que a escola perdera seu lugar de referência à leitura. Causada pelo contato com essa notícia, escrevi um ensaio nomeado “O trabalho de perder tempo”, apresentado à disciplina de “Docência na Educação Superior e Compromisso Social”, também componente deste Programa. Isso importa pelo simples fato de que foi um acontecimento que causou-me o desejo de insistir neste trabalho à maneira com que ele se colocava internamente, preocupada com os efeitos da disseminação das Inteligências Artificiais Generativas em nosso tempo.

O ilimitado consumo de tecnologias das IAGs têm demonstrado em âmbito educacional implicações do esvaziamento do sentido de aprender em uma civilização contemporânea na qual “a diferença entre cultura e comércio está desaparecendo” (Han, 2022, p. 39). Há uma tela que consome e um sujeito em sua frente que é consumido. Há uma despersonalização da autoria, uma robotizada indexação de referências que perde o sentido de uma vida-obra. Há um caos informativo, um grave distanciamento do relato, da experiência de comunidade e de memórias. À que servirá a docência? Esta pesquisa, por também descender dela, acredita que ela ainda possa servir à transmissão do desejo e à sua causa, à íntima, criativa e contemplativa alteridade indispensável ao pensar e à invenção de uma curiosidade que não perca “seu senso de espanto” (Han, 2022, p. 44), esse destas únicas perguntas possíveis inclusive a se fazer ciência como essa experiência infantil – e não infantilizada – do não-saber. A produção de um saber nasce da falta. O que falta no discurso de uma tela?

A atividade intelectual somente progride quando há cooperação, e não apenas para que um investigador forneça o que falta ao outro, mas para que o êxito de sua atividade entusiasme o próximo. Deste modo, evidencia-se, para a comunidade científica, a força comum e original que no indivíduo somente pode destacar-se de forma isolada ou derivada. A organização interna das instituições científicas, portanto, deve produzir e preservar uma colaboração contínua entre cientistas de diferentes disciplinas. Trata-se de uma colaboração capaz de estimular a si mesma, uma colaboração livre e que não obedeça a uma finalidade prévia (Caper, G.; Humboldt, W. 1808/1997, p. 51).

Dessa citação, destaco o reconhecimento da indispensabilidade da existência de um outro no êxito dessa atividade ao entusiasmo, ao pensamento crítico e à investigação, sobretudo de um Outro capaz de ocupar uma função de Sujeito Suposto Saber – o “suposto”, oposto às imediatas IAGs, é o que nessa articulação pode assumir a dinâmica de cooperação (co-operação) e de colaboração (co-elaboração). De fato, desse modo, quando Han (2022) denuncia “a falta de resistência digital”, ou seja, uma plenitude inerte desprovida de (des)encontro, não há como se esperar uma revolução: “Muito provavelmente, um mundo caracterizado por relações de ‘acesso’ produzirá um tipo diferente de pessoas” (Han, 2022, p. 34). Com Freud, recordo:

Como psicanalista, estou destinado a me interessar mais pelos processos emocionais que pelos intelectuais, mais pela vida mental inconsciente que pela consciente. Minha emoção ao encontrar meu velho mestre-escola adverte-me de que antes de tudo, devo admitir uma coisa: é difícil dizer se o que exerceu mais influência sobre nós e teve importância maior foi a nossa preocupação pelas ciências que nos eram ensinadas, ou pela personalidade de nossos mestres. É verdade, no mínimo, que esta segunda preocupação constituía uma corrente oculta e constante em todos nós e, para muitos, os caminhos das ciências passavam apenas através de nossos professores. Alguns detiveram-se a meio caminho dessa estrada e para uns poucos — porque não admitir outros tantos? — ela foi por causa disso definitivamente bloqueada (Freud, 1914/1976).

Cito, em companhia a esse sentimento de reencantamento da palavra, a essa educação da perda – curiosamente a de não perder o senso de espanto –, Byung-Chul

Han: “É a mão do dono que dá ao livro uma cara inconfundível. [...], inerente ao folhear das páginas” (Han, 2023, p. 38). Enquanto conversava com Freud e Lacan, e demais autores, pelas páginas, fazendo-lhes perguntas de consultório, lembrava das elucidações conceituais que me facilitavam Clarice Lispector e Hilda Hilst, por exemplo. Podia, assim, convidá-los todos à mesa, pois, conforme escrevera, ainda, Han (2023), por arrepiar-me, podia pensar e, dessa forma, não ensurdecer-me à voz da comoção. Essa “tonalidade afetiva” (2023, p. 72), diz-nos, parece-me condizente com o que lemos da Psicanálise, pois é ela quem precede, apresentando-nos o mundo, todo o posterior trabalho do conceito. Ademais, há em Deleuze (1987) uma verdade que nos conta que nunca se sabe como uma pessoa aprende, mas de qualquer forma que aprenda, é perdendo tempo. Também, “De acordo com Deleuze, a filosofia decola com um *faire l’idiot* [fazer de si mesmo um idiota]. Não é a inteligência, mas um idiotismo que caracteriza o pensar. [...] (Byung-Chul Han, 2023, p. 83). Na contemporaneidade que nos habita, em tempos de Inteligências Artificiais Generativas na educação e, assombrosamente na tentativa de transmissão da Psicanálise, provavelmente devamos nos lembrar da *douta ignorância* de que também se serve Lacan em sua obra, em diferentes momentos, a ser um deles em “O Averso da psicanálise” (1992). Nesse Seminário, Lacan entrega-nos a ignorância ligada ao saber, um saber, corretamente, de efeito de verdade, e não da verdade (por ser não-toda) – única paixão a que se deve prestar um psicanalista em seu discurso –, alcançada às hiências, aos tropeços, e descontinuidades do sujeito do inconsciente em suas vacilações do pensar.²⁴ À semelhança de um poeta e seu “inutensílio”²⁵. Essa breve contextualização acende o epílogo do capítulo de Byung-Chul Han, cuja defesa desejo articular neste parágrafo por

²⁴ Lacan em “O Seminário Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise” (1964/2008).

²⁵ “O poema é antes de tudo um inutilensílio”, escreveu-nos Manoel de Barros. Consideramos, até o presente momento, a possibilidade de pensar nos próximos capítulos desta pesquisa a transição lacaniana de “poeta à poema” a partir desse de “inutensílio”, como resto.

compor o sentido do trabalho da “perda de tempo” como um método, sobre as inteligências artificiais: “A inteligência artificial não é capaz de pensar, porque não é capaz de *faire l’idiot. Ela é inteligente demais para ser uma idiota*”. (2023, p. 84). É preciso um mestre ignorante. Essa observação, ainda que situada no contexto contemporâneo, reforça um ponto central desta pesquisa: a escrita, tal como aqui concebida, não se reduz à produção de respostas, mas implica uma relação com o não saber, condição que escapa a uma lógica determinista.

Registro isso por seu componente de processo a esta pesquisa e pelo fato de que há infindas maneiras de ler-se a relação entre escrita (do campo das Literaturas) e Psicanálise, bem como singulares modos amarrar e desamarrar seus laços. A forma com que aqui se dá espera não só transmitir o que se pode chamar de conteúdo, mas, sobretudo, do caminho pela disciplina dos assombros: de fato, a transmissão. Cito Daniela Chatelard: “[...] não ceder da dimensão da experiência analítica e não hesitar em fazê-la existir mediante a elaboração deste trabalho: só uma escrita bem próxima a meu estilo e a minha formação psicanalítica poderia ser entendida, amarrada e um pensamento [...]” (2005, p. 9).

Quanto à *fê* anteriormente citada, ressalto que se trata da confiança na suspeita atravessada pelo símbolo, isso que nos marca um significante, conceber a perda da mística de seu destino. Lacan, nesse momento, em “Função e campo da fala e linguagem em psicanálise” (Lacan, 1953, p. 270), escreve que Freud nos ensinou que, no texto das associações livres, é preciso acompanhar a ramificação ascendente dessa linha simbólica e que o que há de essencial é apreender o seu poder combinatório, o qual, segundo ele, ordena seus equívocos e permite o reconhecimento da mola propulsora do inconsciente. Esse argumento se abre para que se chegue ao próximo, o da *fê* em questão:

[...] os números resultantes revelam-se simbolizantes, entre todos, na história característica do sujeito, é porque eles já estavam latentes na escolha de que partiram – e portanto, se refutarmos como supersticiosa a idéia de que foram justamente esses números que determinaram o destino do sujeito, é forçoso admitir que é na ordem de existência de suas combinações, isto é, na linguagem concreta que eles representam, que reside tudo o que a análise revela ao sujeito como seu inconsciente (Lacan, 1953/1998, p. 270-271).

Esse é um texto que será disposto no decorrer da pesquisa, mas, por ora, importa a pipeta disso que já estava latente ao arar o terreno deste trabalho: os “números” que foram constituindo os objetivos e as ferramentas desta pesquisa. O que nasceu primeiro do gosto pela escrita poética, iniciou-se academicamente entre 2017 e 2019 quando na escrita do trabalho de conclusão do curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Psicologia Clínica: Teoria Psicanalítica, a partir de uma inicial pesquisa que intitulei “Da Escrita na Psicose: O que Pode 'Joyce O Artista' Ensinar a um Psicanalista?”. O Seminário 23, portanto, fora meu início nesta jornada, por assim dizer, formal. Iniciei na Psicanálise, com a licença poética da indestrutibilidade do desejo, “retroativamente”, como se dá nesta pesquisa. Desde esse momento, a escrita compreendida segundo “[...] uma palavra ausência, uma palavra-buraco, escavada em seu centro para um buraco, para esse buraco onde todas as outras palavras teriam sido enterradas. Não seria possível pronunciá-la, mas seria possível fazê-la ressoar” (Duras, 1964, p. 35) e “[...] desse mais precioso saber que se adquire apenas atravessando a perplexidade” (Miller, 2005/2003, p. 153), interessou-me por conter um saber não sabido sobre a posição do analista (expressão utilizada por Lacan em “Objeto da psicanálise”, resumo do seminário de 1965/66), por guardar, dessa forma, uma posição de escuta e cifra que nem sempre deriva de um dito, mas sugere um dizer que aponta para um sujeito ressonante, isso é, outro a si mesmo, de

impossível auto-referência por ser a heteronomia radical, a alteridade do Outro, e também no sentido de um estrangeiro a si mesmo, seu átomo. A hiância no homem dessa heteronomia radical, Lacan (1957) nos lembra com seu espírito que foi mostrada por Freud, apontando para a ausência da autonomia, o que nos permite reforçar o interesse entre a condição parasitária da linguagem que assola alguns escritores e suas “manias de escrever”. Que mania é essa? De que loucura, de que doença, de que solidão padece, mas não padece, um poema? O que quer?

Ainda nesse rigor quanto à impossibilidade de escrever-se, pois se trata do que há de vir, advir – lá onde isso foi, lembra-nos Lacan (1957/1998, p. 528) –, escreve-se em Duras: “Escrever. Não posso. Ninguém pode. É preciso dizer: não podemos. E escrevemos. É o desconhecido que carregamos dentro de nós: escrever, é isso que se alcança. É isso ou nada” (1965/2021, p. 63). Não seria essa uma definição de um sujeito de inconsciente para a Psicanálise? A presente investigação entende que sim: desde Freud, em “Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise”, de 1917, está posto que “O *eu* não é mais senhor em sua própria casa”. Ou seja: há um desconhecido dentro de nós. Se não é o *eu* quem escreve, por não adivinhar sua próxima palavra a não ser que a escreva ou a fale e descubra em sua errância, por ser essa desconhecida a si, apesar de segurar-lhe a caneta à mão, o que acontece em uma escrita poética? Recorro, mais uma vez, movimento que constituirá os retalhos deste texto, ao poema:

“Esse poema que sou,
que não escrevi,
mas que se escreve com
meu dizer,
me constitui,
e graças a uma análise

posso assiná-lo”

Soler (2011, p. 168).

Que é, então, um sujeito? Esse que está localizado no dizer, não no dito, como bem nos poetiza Soler (2011). Desde Freud, sabemos que ele não é “[...] de modo algum o inconsciente romântico da criação imaginante. Não é o lugar das divindades da noite” (Lacan, 1964/2008, p. 31), pois o que Freud revela que se trata sempre do sujeito enquanto que indeterminado. Isso que fala nele, a nível inconsciente, obedece de modo tão elaborado quanto o do nível consciente, o qual perde, assim, o que parecia seu privilégio até então (Lacan, 1964/2008). Houve uma ferida ao narcisismo do “homem” tão assegurado de si como tal. Freud advertiu-nos disso às resistências sofridas: “[...] acharam a estada no submundo da psicanálise desagradável demais para o seu gosto” (1914). Em Lacan (1964), encontramos, ainda, no Seminário 11 descrições acerca desse sujeito: além da amarração sintomática, ele aparece nos sonhos, nos atos falhos e nos chistes, devendo-nos chamar a atenção o modo do tropeço pelo qual se manifestam, esse desfalecimento, essa rachadura, numa frase pronunciada, escrita, em que alguma coisa se estatela e, ali, alguma outra coisa quer se realizar. Intencionalmente, mas de uma “estranha temporalidade”. Nessa hiância, um tempo lógico concernente ao dizer, não dito, mas não sem o dito, produz-se um achado. “Produzir-se”, enfatiza-nos Lacan, uma vez que é assim que se produz um sujeito. Esse achado é ao mesmo uma solução, a solução não do “acabado”, mas da ordem da surpresa. E, apesar dessa descontinuidade de estranha temporalidade, esse (re)achado está sempre prestes a escapar de novo, o que instaura a dimensão da perda (Lacan, 1964/2008). O que advém é, dessa forma, novo, até pela dimensão do real, mas a noção de reachado nos permite pensar, também, que o

novo que espanta o sujeito em seu efeito de sujeito é essa novidade repetitiva sobre si mesmo: “[...] em que o sujeito se saca em algum ponto inesperado” (Lacan, 1964/2008, p. 34).

Diante disso, por seus efeitos em minha formação, formou-se em minha experiência, entre 2019 e 2021, o primeiro Cartel em uma Escola de Psicanálise, cujo título era justamente sua causa: “Uma Questão de Escola”; ao produto desse trabalho, interessada na formação do analista, nomeei de mais uma pergunta: “Por que a Escola?”. Desde então, incessantes foram e são as inquietações que ainda ecoam e reverberam na articulação que nesta transmissão pretendo tentar, espantada pela clínica como quem se espanta por um poema. Assim, aos efeitos desse movimento, aconteceu-se meu contato com os textos lacanianos sobre a Escola, essa informação importa pois que a obra do “Outros Escritos” (2003), especialmente através dos artigos referentes à Escola, encontraram aproximação com a formação do analista e a Literatura, desembocando nesta dissertação – por ora, ensaiada – que pretende recortar pistas da posição de um analista a partir da escrita poética. Por fim, quanto aos artigos freudianos escolhidos sobre arte, literatura e os artistas²⁶, pinçados na escrita do presente texto no sentido de tensionar a argumentação lógica da pesquisa quanto à posição do analista, mantêm seu diálogo; não porque esta dissertação acredite que eles tenham qualquer coisa aplicável a oferecer sobre o Infamiliar que nos transmite a escrita poética na constituição de um sujeito ou de uma obra, mas justamente porque, em verdade, guiam-nos a responder que não é para isso a que servem senão que, como em uma

²⁶ Durante o primeiro semestre de 2025, coordenei um Grupo de Estudos no presente Programa de Pós-Graduação, nomeado “Da poética: o que ensinam os artistas ao psicanalista?”. A proposta foi leitura e discussão dos artigos de Sigmund Freud reunidos na obra “Arte, Literatura e os Artistas”, em compêndio da Editora Autêntica, sucedidos por alguns textos (selecionados em conjunto no primeiro encontro) de Jacques Lacan, também que pudessem contemplar a arte literária e a formação. Desejava aprofundar a investigação da poética da palavra como indício técnico e ético à práxis psicanalítica.

experiência de análise ou de escrita, a poética do toque de real, do impossível e do indizível, é que nos elucida a teoria psicanalítica do inconsciente que nos orienta.

Reforçamos, portanto, que não pretendemos exaurir a descrição linguística ou artística do que é escrever e muito menos, intencionalmente, construir uma linha do tempo sobre o estatuto da obra lacaniana em seus conhecidos períodos de ensino sobre o uso da escrita poética na Psicanálise, ou esmiuçar cada texto como a ser eles a própria pesquisa. Nosso compromisso é com a seguinte questão: se partimos da hipótese de que nem toda escrita causa o efeito de uma escrita poética – Roland Barthes, por exemplo, diferenciou em sua obra “O prazer do texto” (2015) um “texto de prazer” de um “texto de fruição/de gozo”; Elena Ferrante (2023) separou uma “escrita aquiescente” de uma “escrita impetuosa” e o próprio Lacan, permitindo-nos aqui interpretar e relacionar uma coisa à outra, distinguiu “fala vazia” e “fala plena” (1953/1998) –, como podemos dizer que a escrita poética – esse “escrever” de Marguerite Duras, essa “palavra como isca” de Clarice Lispector, essa “natureza coisal, palavra poética, vocação letral, prática da letra” – citadas por Lucia Castello Branco e Ayanne Sobral (2023) – anuncia seu uso do Inconsciente e, por conseguinte, convoca-nos à apreensão da posição de um analista? Quanto ao “efeito poético”, indicamos que não se trata de uma classificação formal ou de um gênero específico, mas de um modo de funcionamento da linguagem em que o significante não se subordina à produção de sentido, fazendo emergir um excesso que não se resolve em significação estável. “Amar um livro pelo que há nele de ilegível, amar uma palavra pelo que nela se apaga”, já diz o poema de Mar Becker, deixando-nos apenas *rastros* do Inconsciente. À mesma maneira, portanto, que não se pode explicar um poema pela característica própria de sua estrutura de “ruptura com a tentação comunicacional da unificação dos seres” (Souza Jr., 2023, p. 126), como quando Lacan em “não há relação sexual” (1971/2012, p.13), também é um sujeito inapreensível corpo

na tentativa de comunicar aos outros os efeitos de espírito de sua própria experiência de análise, especulando, no entanto, “com fé no testemunho”²⁷. É inconcebível o que é da ordem de um acontecimento, apenas seus rastros crêem misericordiosamente em seu vivido. Como não seria um poema, portanto, um argumento, uma evidência altamente científica do que coloca um sujeito em evidência?

Se não entrevistamos pessoas, apesar de ouvir a suas poéticas em consultório, entrevistamos aos textos poéticos que aqui aparecem, à mesma qualidade e sustento metodológico que os demais científicos, pois foram não só os criadores das perguntas como serão, lado a lado à clínica, a busca por seus ensaios de respostas. Não se trata, por conseguinte, de a teoria atribuir razão à escrita poética, ao contrário, de essa poder problematizar a própria práxis, suscitar questões de manejo clínico e retomar o retorno que fez Lacan: “Nesses dois pontos, a exigência absoluta de uma teoria do desejo remete-nos à retificação das perdas de rigor da prática, à autocrítica necessárias da posição do analista, que chega até os riscos ligados a sua própria subjetivação, se ele quiser responder honestamente nem que seja apenas à uma demanda” (1965-66/2003, p. 225).²⁸

Convido, a partir do chamado ao rigor da autocrítica, novamente Freud, quando em ocasião de seu discurso pela contemplação do Prêmio Goethe em 1930:

²⁷ “Mesmo que não comunique nada, o discurso representa a existência da comunicação; mesmo que negue a evidência, ele afirma que a fala constitui a verdade, mesmo que se destine a enganar, ele especula com a fé no testemunho” (Lacan, 1953/1998, p. 253).

²⁸ A expressão “posição da analista” no título deste trabalho de dissertação decidiu-se através desse texto, pelo rigor da autocrítica que exige autorizar-se a essa posição, e uma posição parece isso que convoca de certa forma um discurso, em nosso caso, o discurso do analista; e o termo “analista” pois que é uma analista, no feminino, como todo analista, que lhe escreve. Também se lê no Seminário 11: “Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”: “Nunca é sem perigo que se faz remexer algo nessa zona de larvas, e talvez seja mesmo a posição do analista – se ele a ocupa de verdade – dever ser situado – quero dizer, realmente – por aqueles em quem ele evocou esse mundo de larvas sem ter podido sempre trazê-las à luz” (Lacan, 1964/2008, p. 30).

[...] penso que devemos agradecer à Psicanálise [...] Mas confesso que, no caso de Goethe, não fomos muito longe. Isso se deve ao fato de que Goethe não foi apenas como poeta um grande confessor, mas também, apesar de suas inúmeras anotações autobiográficas, um cuidadoso encobridor. Não podemos deixar de lembrar aqui as palavras de Mefisto: “O melhor, que podes saber / Não deves dizê-lo ao menino (Freud, 1930/2021, p. 315).

Nessa interlocução de saberes, núcleo desta pesquisa e de seu método, relembro o êxito desse “não ir longe demais”:

Gostaríamos de destacar aqui o comentário de J.-B. Pontalis: “Afim de contas, Freud escritor? Freud cientista? E se a singularidade de sua obra, se o que ela tem de inclassificável, resultasse em grande parte desse convívio, dessa tensão entre dois polos?” Não foi por acaso que, na maioria das doze vezes em que Freud foi indicado ao prêmio Nobel de Medicina, alegou-se que sua obra era literária demais e, quando foi indicado ao Nobel de Literatura, alegou-se o contrário. Isso não é apenas uma curiosidade anedótica, mas indica algo sobre a própria cisão ontológica do objeto da psicanálise (Dunker e Iannini, 2023, p. 123).

O título do capítulo em que se encontra essa citação é “A estética do método”, uma escolha interessante à assinatura deste trabalho de pesquisa, pois facilmente se pode aproveitá-lo e tomá-lo aqui como uma pergunta: se o paradigma estético do inconsciente freudiano supera a condição de sublime com *Das Unheimliche* (1919) – O infamiliar, conforme proposta da Editora Autêntica (2019) –, aproximando-se mais da proposta de uma escrita poética como essa que escreve aos assombros, que ética aproxima analista e poeta sem fazê-los sobrepostos ou até mesmo substituíveis? Quer dizer, se uma das condições à instauração de um trabalho de análise é a presença de um psicanalista, e não de um poeta, o que os aproxima? A pista que estamos a seguir está no título deste trabalho: a disciplina dos assombros. Sobre esse avizinhamiento, advertiu-nos Lacan

(1965/2003, p.200): “[...] Marguerite Duras revela saber sem mim aquilo que ensino. [...] não há nada que se situe na letra do arrebatamento de Lol V. Stein e que um outro trabalho feito hoje em minha escola não lhe permita pontuar”. O que faz uma escrita poética é erguer monumentos ao que já morreu, homenagens póstumas à “desposseção cada vez maior de si mesmo” (Lacan, 1953/1998, p. 250), e por essa “estátua vacilar” – uma vez que, como sujeitos barrados, “O que mais excita alma é justamente ser traída pelo corpo que age contra a sua vontade, e assistir a essa traição” (Kundera, 1984, p. 158), o que quer dizer, também, que não se é senhora de sua própria escrita –, por não saber por que se escreve, e por recusar uma palavra qualquer, imperioso é o desejo de dizer sempre a próxima, ainda que não seja essa. Não se tem assim um testemunho de análise, mas absolutamente o de um “rompimento com o sono da palavra” (André, 2025, p. 21), algo que acontece, segundo Lacan, quando a análise é o tratamento que se espera de um psicanalista²⁹.

Romper o sono da palavra, interesse que anima ao desejo do analista e ao do poeta, sob, no entanto, conforme Serge André (2025), duas diferentes éticas de uso, duas distintas paixões. “O que o psicanalista deve saber: ignorar o que sabe”, adverte-nos Lacan (1953/1998, p. 351), ou seja, há um desejo de saber, enquanto que, na escrita poética, há um desejo de criar. Freud (1910/2021) já pudera dissonar esse esforço em seus escritos sobre Leonardo Da Vinci, o qual, esgotado pela resolução de um problema mais que pela solução de um enigma, “[...] pegava, sem prazer, no pincel e raramente pintava, deixando de lado os esboços incompletos e pouco cuidava do destino posterior de suas obras” (p. 73), considerando como inibida a relação de sua vida em sua atividade artística (p. 155). Ao que André (2025) conclui: “A inibição à criação, que

²⁹ Lacan repetiu essa constatação no escrito “Variantes do tratamento padrão” (1953/1998, p. 331), no “Seminário 17: O avesso da psicanálise” (1969-70/1992) e, segundo pesquisas, no Seminário do “Ato analítico”, ao qual o presente estudo ainda não pôde ter acesso, mas informa que sua tradução ao português fora lançada pela Editora Zahar este ano.

termina por derrotar Leonardo a ponto de secá-lo, provém, portanto, de sua sede de saber. Ao contrário de Jensen, o autor de *Gradiva*, para quem escrever se opõe a saber, para Leonardo, é o fato de procurar saber que o impede, finalmente, de pintar. Leonardo é um caso de fracasso da sublimação" (p. 16); em oposto, sobre Jensen, o autor relembra que Freud surpreendeu-se ao encontrar um saber verdadeiramente psicanalítico (p. 15, 2025), consagrando "O delírio e os sonhos na *Gradiva*" (Freud, 1907/2015) a grande aproximação entre a fantasia inconsciente – um sentido de criação artística que interessava à teoria freudiana – e um caso psiquiátrico, ou, quanto à psicanálise, clínico. Um caso literário à letra freudiana.

Assim, di-nos André (2025), que se artista e psicanalista partilham um mesmo saber, o do fracasso do saber – recordemos uma vez mais, Duras, quando respondia de sua própria boca ao insistente Lacan que não sabia, em toda a sua obra, de onde lhe vinha *Lol*³⁰) –, o artista não deseja saber aquilo que ele sabe; isso não lhe interessa. O jogo que precisa fazer um analista em transferência, assim, é efeito de um discurso: supor um mestre não nele, mas no analisante; enquanto que, ao escritor, não é preciso brincar de supor, sua brincadeira é séria. Talvez, o mais próximo que se poderia chegar de um discurso que não fosse semblante.³¹ Há aqui, à vista disso, um compromisso ético com reforçar que, conforme escrevera André (1999), "a escrita começa onde a psicanálise termina", sendo esse o título de seu trabalho, a precisamente enunciar que a primeira serve à experiência psicanalítica mais que seu contrário. Compreende-se: "A poesia é o que torna a linguagem possível" (Souza Jr., 2023, p. 137), "[...] pois a vida é impronunciável" (Lispector, 2019), feito a morte.

Por ser, à essa maneira, uma pesquisa sobre como a escrita da palavra poética aponta justamente para a ausência de uma palavra ("Mal a direi, e terei que acrescentar:

³⁰ Em "Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de *Lol V. Stein*" (1965/2003, p. 200).

³¹ Título do Seminário 19, no qual originalmente se encontra "Lituraterra".

não é isso, não é isso!"³², enuncia-nos Clarice Lispector), de um significante totalizante, a iluminar, assim, o caminho do ofício de um analista, transmitindo-nos algo sobre uma posição, sustentamos que esta dissertação pretende lançar-se, como objetivos, em três passagens: i. Indicar qual é a lógica da escrita poética diante da linguagem psicanalítica; ii. Esboçar uma travessia pelo avanço que Jacques Lacan faz de “não sou um poeta, mas um poema”; iii. Circunscrever, por fim, a escrita poética como pista de leitura da posição de um psicanalista. A saber: a escrita poética não deve ser tomada como objeto de aplicação da Psicanálise, mas como operador conceitual. Isso implica que ela não ilustra conceitos já dados, mas participa da própria elaboração teórica, ao evidenciar modos de funcionamento da linguagem que interessam à clínica.

Trata-se, portanto, não de uma analogia entre poesia e psicanálise, mas de uma homologia estrutural: ambas operam a partir do significante, ainda que em campos distintos.

À afinidade entre o fazer do poeta em seu campo e do analista em sua clínica, convoco Lacan (1965/2003) ainda em “Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein”, após deslumbrar-se com o rigor do enigma de seu romance:

Penso que, apesar de Marguerite Duras me fazer saber por sua própria boca que não sabe, em toda a sua obra, de onde lhe veio Lol, e mesmo que eu pudesse vislumbrar, pelo que ela me diz, a frase posterior, a única vantagem que um psicanalista tem o direito de tirar de sua posição, sendo-lhe esta reconhecida como tal, é a de sempre se lembrar, com Freud, que em sua matéria o artista sempre o precede e, portanto, ele não tem que bancar o psicólogo quanto o artista lhe desbrava o caminho. Foi precisamente isso que reconheci no arrebatamento de Lol V. Stein, onde Marguerite Duras revela saber sem mim aquilo que ensino (p. 200).

³² Em “A Paixão Segundo G.H.” (2020, p. 17).

Ou, ainda, como na obra de Gastón Cottino (2018), intitula-nos Torres: “*Borges sabe sin mí lo que yo enseño*” (2018, p. 49). Considero uma feliz escolha de posicionamento, de discurso, útil a este trabalho, a precisão do tempo verbal da frase “[...] e mesmo que eu *pudesse* vislumbrar” no trecho acima, uma vez que transmite, então, que não se pode. Fiska-me, de qualquer forma, esse aspecto quanto ao rigor da formação de um analista, tema deste trabalho: não se pode porque, feito escrito pelo mesmo autor em “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud” (1957), o que se tem sobre o saber inconsciente é “alguém com jeito de saber” (p. 525), pois esse saber pertence a ninguém, menos ainda ao analista tampouco a um analista na armadilha de mestre, que seria, penso, o que também podemos ler a seguir:

Um sujeito é termo científico, como perfeitamente calculável, e a evocação de seu status deveria pôr em termo a algo que de fato cabe designar pelo nome: a grosseria, digamos, o pedantismo de uma certa psicanálise. Essa face de suas traquinices, sendo sensível, esperamos, aos que nelas se lançam, deveria servir para lhes apontar que eles resvalam para uma certa burrice: por exemplo, a de atribuir a técnica declarada de um autor a uma neurose qualquer — grosseria, e de demonstrá-lo pela adoção explícita dos mecanismos que dela compõem o edifício inconsciente. Burrice (Lacan, 1965, p. 200).

Isso que não se pode vislumbrar, o estatuto poético que ultrapassa a escavação imaginária, uma “ascese da escrita” (Lacan, 1971/2009, p. 25), pois “está escrito” (Lacan, 1971/2009, p. 25), atribuímos à linguagem do texto dos poetas, essas certas literaturas que são rasuras na linguagem, ravinamentos literais ao pé-da-letra, conforme acompanhamos neste outro Lacan de Lição sobre *Lituraterra* (1971/2009, p. 109). É nesse escrito que, segundo Lacan, sua idéia de literatura talvez esteja virando *lituraterra*, referindo-se à uma escrita, a letra, que está no real, enquanto que o significante se encontra no simbólico. *Litura*, em *Lituraterra*, portanto, como rasura de

traço algum que seja anterior, sendo isso que do litoral faz terra. *Litura* pura é o literal, e produzir essa rasura, escreve-nos (Lacan, 1971/2009), é reproduzir a metade com que o sujeito subsiste, entre saber e gozo, entre centro e ausência, o litoral.

Aqui, apreendemos o fracasso da Psicanálise diante de um texto literário, e, conforme Lacan, o fracasso de uma psicobiografia psicologizante (1971/2009, p. 108), pois: “Quanto a mim, se proponho à psicanálise o texto de Poe, com o que há por trás dele, é justamente por ela [a psicanálise] não poder abordá-lo senão mostrando seu fracasso [...], um fracasso que pode apontar para, diga-se, um sucesso, se puder permanecer com o enigma ao seu lado, calando-se diante dos textos, medindo-se por eles” (Lacan, 1971/2009). Nesse sentido, não torna o enigma um problema. Esse fracasso, portanto, não deve ser entendido como limitação, mas como condição de possibilidade da própria articulação proposta nesta pesquisa. É precisamente porque a psicanálise não esgota o texto literário que este pode funcionar como via de acesso àquilo que, na clínica, se apresenta como impossível de dizer. Lembro que não foi um *enigma* que levou Lacan a dissolver sua Escola, mas um *problema*, o que nos dá indícios de suas diferenças. Um sujeito está do lado de um enigma, insolúvel, apesar dos problemas com que se cria.

Uma vez mais, colhemos pistas da posição psicanalítica a partir desse fracasso que repetidamente nos apontam as escritas: “Esse confessar salva a honra da literatura e, o que muito me agrada, libera-me do privilégio que eu poderia acreditar extrair do meu lugar” (Lacan, 1971/2009, p. 106). Nuances disso já apareciam em 1965:

[...] a única vantagem que um psicanalista tem de tirar de sua posição, sendo-lhe esta reconhecida como tal, é a de se lembrar, com Freud, que em sua matéria o artista sempre o precede e, portanto, ele não tem que bancar o psicólogo quando o artista lhe desbrava o caminho” (Lacan, 1965/2003, p. 200).

Nada que os poetas já não soubessem. Mas que, não sem muito trabalho, Lacan pôde incorporar ao estatuto de seu pensamento sobretudo ao questionarmo-nos: o que é um psicanalista? “O mínimo seria que os psicanalistas percebessem que são poetas” (Lacan, 1967/2006, p. 54) ou “Que hierarquia poderia confirmar-lhes ser analista, apor-lhe esse carimbo? [...] Repudio esse certificado: não sou um poeta, mas um poema. E que se escreve apesar de ter jeito de sujeito” (Lacan, 1976/2003, p. 568). Portanto, embora se diga “ser sujeito”, não é sem a dimensão do que ex-siste e do que que é êxtimo, que se constitui, possivelmente, o enigma sem palavra de nossa linguagem, que faz “o reconhecimento e o exercício dessa hiância no próprio seio da linguagem” (Souza Jr., 2023, p. 129).

Lembro aqui, curiosamente, e não sem razão: Duras, quando decidiu não mais escrever – era o que dizia, não ter mais o que dizer –, lançou sua última obra e chamou-a de “C’est Tout” (1995)/É Tudo”, falecendo um ano depois, em 1996. Seria um absurdo esforçoso dizer que há vida enquanto há o impossível de dizer? Seria essa a possível aposta, insistência da escrita poética, a função poética da palavra, em um trabalho de análise? Há uma perda em jogo que parece salvar-nos da morte.

Mallarmé, segundo Badiou (2004), sustenta a posição de uma “noção pura” (p. 239), uma distinção entre o real da perda daquilo que é perdido na perda, a saber, é o real do objeto perdido. Nesse contexto, relembro Elena Ferrante (2023), ao elaborar que se tornou “cada vez mais difícil” dotar a “escrita verdadeira” de uma substância (p. 31). Ela explica que quem escreve não tem nome (leio como li em Lacan o “apesar de ter jeito de sujeito”), que algo em si escreve e está perdido. Isso é, há a palavra, mas há, também outra coisa, a antipalavra. Um traço de similar dimensão encontro, novamente, em Manoel de Barros: “Eu quis uma vez implantar uma costela no vento. [...] Hoje eu tasquei uma pedra no organismo do vento. Depois me ensinaram que vento não tem

organismo. Fiquei estudado” (Barros, 2004). O poeta não lhe deu mais linha alguma depois dessa. Finda-se o poema quando se fica estudado. Aproveito esse parágrafo da seguinte forma: “ficar estudado” encerra a possibilidade de um poema (coisa essa “insabida”) acontecer de mesma forma que, numa experiência de análise, o discurso do mestre (coisa essa “estudada”), e não do analista, desautoriza verdadeiramente o desejo do analista.

Desse modo, articulamos a esta altura indícios de que a posição da analista (como no título deste trabalho) aproxima-se mais de ser um poema do que de ser um poeta, recitando Lacan, pois que é de ser um “dejetivo” (poema) que se trata essa posição, enquanto que ao analisante permita que escreva, aos modos de um poeta, seu próprio texto literário, no qual, por fim, temos o trabalho único de *des-ser*: “[...] o estatuto do psicanalista como tal não repousa em nada mais do que nisso: ele se oferece para suportar, em certo processo de saber, esse papel de objeto de demanda, de causa de desejo [...] Sua essência é a de assumir a posição em que, nessa operação, se situa o *objeto a*” (Lacan, 1968/2025, p. 210 e 211).

I.I: O ensaio como forma

Consideramos importante reservar um espaço neste escrito para pensar a sua defesa de pesquisa como um ensaio, a compreender “ensaio” não só como o que nos entrega um dicionário e seu significado de vocábulo, ou seja, isso que ensaia, de “ensaiar”, mas, ainda, como gênero textual, como um conceito, portanto. A forma ensaística já constitui, por si mesma, um método de pesquisa. O ensaio opera metodologicamente e, diante de seus procedimentos, também se equivale a uma forma

de sistematização. Elucidamos, desse modo, com a própria estrutura desta pesquisa, que o ensaio deve ultrapassar o espontâneo, sustentar uma exposição lógica e conservar rigor argumentativo. Nesta dissertação, princípios organizadores que operaram a seleção das referências, os deslocamentos entre literatura e psicanálise e os retornos recorrentes a noções como resto, falha, assombro e estilo constituem a coerência temática de uma pesquisa. Nesta dissertação, a exemplo, há uma maneira de retomar aos mesmos operadores, cada retorno, todavia, desloca, refina ou complexifica o argumento. Ou seja, o movimento espiralado precisa aparecer como construção, não apenas repetição. É preciso evitar que a forma ensaística seja lida como autorização para dispersão, a liberdade formal do ensaio não elimina a exigência de construção conceitual. Mais ou menos como em um trabalho de análise, a associação livre está sob uma um estatuto de escuta, a saber, mesmo que o analista não dirija ao paciente, ele dirige ao tratamento. O ensaio não é ausência de construção, não é espontaneísmo e não é fluxo associativo irrestrito, mas uma forma de pensamento cuja organização não responde a uma ordem outra de sistema, igualmente rigorosa. Ele possui, por conseguinte, uma lógica construtiva própria, construindo progressivamente seu problema de pesquisa.

Embora ofereçamos o próprio escrito como testemunho, encontramos Laura Erber (2026) pelo caminho com seu texto “Pique-pega do pensamento: sobre o ensaio como gênero de pesquisa e sedução” e pudemos endossar nossa constatação: “[...] logo de início está tudo dado. Isso é o ensaio: um pensamento que vive seu desafio estético no próprio ato de pensar” (Erber, 2026). Pensando com Erber (2026), compreende-se a impossibilidade de o leitor de um ensaio aprender com as conclusões ou com o que seria um resultado, mas com o percurso, um percurso inacabado. Esse inacabamento, diz a autora (2006), é trabalhado por cada ensaísta à sua maneira. Um ensaio se converte em

uma pergunta, conclui. Daqui, extraímos sua proximidade com a Psicanálise, a conversão de uma perseguição em uma pergunta, em uma questão, e seu acontecimento feito a estrutura própria do Inconsciente como linguagem: “O ensaísta não domina isso de saída. Tem algo no ensaio que exhibe essa não coincidência entre quem escreve e o que está sendo dito – aquele pensamento vai sendo levado pela própria linguagem, e você não sabe muito bem se é a forma que puxa o pensamento, ou o pensamento que vai dando saltos” (Erber, 2026). O ensaio é ele mesmo um.

Para isso, sustentamos o argumento também às luzes do trabalho do Professor Dr. Jayme Paviani (2009) em “O ensaio como gênero textual”, publicado no Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais, de mesmo ano. Quanto à Psicanálise, a aposta desta seção é experimentar a proximidade entre sua proposta e a própria proposta psicanalítica como método de tratamento e de pesquisa, reconvocando sua posição de ferida narcísica à ciência e à própria noção de “homem”³³, uma postura, conforme demonstraremos, cara à característica de um ensaio. “A ciência e a verdade”, por fim, escrito lacaniano de 1965, oferece-nos linha à costura desse ato decisivo à medida que questiona o cientificismo da ciência moderna.

³³ Faz menção ao paradigma do “Antropocentrismo” por não deixar de considerar, desde o período do Renascimento e do Iluminismo, seu pressuposto da racionalidade como centro de todas as coisas, portanto e sobretudo, da noção de “homem”. A ferida narcísica aberta à humanidade arriscada por Freud com a criação da Psicanálise foi justamente escutar e reconhecer o que em nós se chama Inconsciente, uma estrutura indomável e inacessível à razão, ao pensamento e à intelectualidade. Algo, dessa forma, incontrolável, mas não místico, tampouco médico, não maldição dos deuses ou acometimento adoentado. Bem como a obra de Copérnico e Darwin, também a de Freud causou irreversíveis efeitos no estatuto cultural de uma época em diante. De certa forma, além disso, o Inconsciente, com sua ética do desejo (em Lacan) e com a introdução de uma nova estética Infamiliar à “alma” humana, em Freud, reconhecia a imperfeição, um traço pouco cartesiano. Escreveu-nos Susan Sontag em seu ensaio “Contra a interpretação” (2011): “Assim, as notas de Elia Kazan teve de descobrir que Stanley Kowalski representava a bárbarie sensual e vingativa que vinha tomando conta de nossa cultura, ao passo que Blanche DuBois era a civilização ocidental, com sua poesia, roupas finas, luzes discretas, sentimentos refinados e tudo o mais, embora, claro, um pouco gasta pelo uso. O vigoroso melodrama psicológico de Tennessee Williams agora se fazia inteligível: era sobre alguma coisa, era sobre o declínio da civilização ocidental. Pelo visto, se continuasse a ser uma peça sobre um brucutu bonitão chamado Stanley Kowalski e uma beldade ranheta e fanada chamada Blanche DuBois, seria impossível lidar com ela.” Escolho esse trecho de Sontag (2011) pela perspicácia em sua interpretação, a qual, quando a li, tomei emprestada relacionando-a à “História do movimento psicanalítico” (Freud, 1914), por sua semelhança ao processo de resistência à Psicanálise desde seu nascimento: como apará-la, deturpá-la, para que seja suportável aceitá-la? Como lidar com ela, que, em suas belezas e feiúras, delicadezas e violências, significa lidar com os nossos brutos espelhos?

Um ensaio bem como o Sujeito do Inconsciente são seguramente opostos à noção moderna de “indivíduo”, precisamente por seu caráter divisível. Ei-la, a pista de nossa insistência argumentativa: “O status do sujeito na psicanálise [...] Chegamos a estabelecer uma estrutura que dá conta do estado de fenda, de *Spaltung*, em que o psicanalista o situa em sua práxis” (Lacan, 1965/1998, p. 869). Adiante, nesse mesmo texto (1965/1998), Lacan avança ao afirmar que o objeto da Psicanálise não é outro senão o que já havia exposto, até então, sobre a função que nela desempenha o *objeto a* (Lacan, 1965/1998). Por que recorto essa citação? Ora, porque, se carrega o conceito de *objeto pequeno a* a noção de resto, a perda mesma do objeto, marcada em nosso corpo, o ensaio dá-nos indícios do mesmo. É o que se alumia quando Paviani (2009, p. 5) cita Adorno para concordar que “o ensaio como forma” é uma forma de heresia às quatro regras do “Discurso do Método” cartesiano, pois, segundo ele, a infração do ensaio é tornar visível o que a ortodoxia busca manter como invisível. E o que seria isso? A nós, a incompletude, o impossível de alcançar, a realização do sujeito; uma vez que sua essência é a falta. Um ensaio, além de permitir o erro, permite o equívoco. Um ensaio não é Senhor em sua própria casa:

“[...] e se hoje digo
eu foi depois
de muito trabalho já
para ti fernando
não há nada mais
fácil do que dizer
eu eu eu
eres moderno fernando”

(Malmann, 2023, p. 35).

Um homem moderno esse do “eu”, de fato.

Faz-se necessário relembrar, já visto anteriormente, que a metodologia psicanalítica desta pesquisa se serviu da revisão narrativa como forma de “oferecer um tratamento adequado à questão delimitada de pesquisa” (Sapelli, 2020, p. 15). O que adicionaremos agora é a tese de que a maneira de sua escrita, isto é, o gênero textual do ensaio, compõe o método da pesquisadora no caminhar reflexivo desta investigação.

Isso posto, é possível que, de antemão, assumamos que há um conflito entre o gênero “dissertação” e “ensaio”, visto que, tal qual explica Paviani (2009), as propriedades do segundo são capazes de diferenciar, ortodoxamente, por exemplo, um artigo científico, uma monografia e uma tese de um ensaio. Reforçamos, no entanto, como é possível servimo-nos de uma maneira singular de dissertar para transmitir Psicanálise sem a perda de dois rigores: a da práxis psicanalítica e a da produção científica dissertativa. Por que, então, um ensaio deve de ser levado a sério como pesquisa? Primeiramente, porque ele se abre para os assombros, para a perda, para uma concepção que não poderia ser pensada sem integrar em sua própria história um conceito que incorporasse tal perda como Real (Dunker, 2011).

Dunker (2011), em seu livro “Estrutura e constituição da clínica psicanalítica: uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento”, oferece-nos o resultado de seu Pós-Doutorado, minuciosa revisão de sua Tese de Doutorado. Em determinado momento, ele se refere a esse produto como um “ensaio”, a explicar-nos que: “Este ensaio de topologia histórica escolheu algumas intersecções básicas para

construir as superfícies necessárias para a prática psicanalítica [...]”, as quais foram-se desenvolvendo no decorrer de sua pesquisa. Além disso, explica:

Em vários momentos deste livro, suspendemos o trabalho de reconstrução histórica e interpolamos discussões sobre temas e problemas presentes na reflexão psicanalítica atual. Isso pode ter trazido prejuízo tanto para o aprofundamento dos temas quanto para sua eventual dilucidação. Contudo, esse procedimento nos ajudou na tentativa de mostrar como a reflexão histórica liga-se internamente aos problemas teóricos e clínicos atuais da psicanálise (Dunker, 2011, p. 617).

O que recolhemos dessa passagem é que o autor nos diz que o procedimento que ocorreu à escrita de seu ensaio se liga internamente à transmissão da Psicanálise. Compreendemos, dessa forma, como um ensaio se sustenta acadêmica e cientificamente mesmo e sobretudo por suas interrupções. Esse é um procedimento que também compõe o presente ensaio. Ian Parker, quem escreveu o prefácio à edição inglesa da referida publicação, nesse sentido, apresenta: “Dunker, em seu magistral relato, acrescenta a sensibilidade psicanalítica à genealogia da psicanálise, introduzindo assim outra torção naquilo que nós pensávamos sobre as relações entre discurso e sujeito” (Parker, 2011). Parece-nos importante sublinhar esta rigorosa categoria, um dos componentes do gênero do ensaio: relato e sensibilidade.

Conforme Paviani (2009), a origem do ensaio data do século XVI, com Michel de Montaigne e Francis Bacon. Um recorte inestimável ao presente trabalho se refere ao que Montaigne registrou em seus *Ensaio*s acerca do que objetivava com o seu escrever: “Montaigne (...) afirma que escreve para si mesmo, e alguns íntimos. Seu objetivo é o de deixar alguns traços de seu caráter e de suas idéias para que conservem inteiro e vivo o conhecimento dele” (Paviani, 2009, p. 1). Evidentemente, podemos brincar de psicanalíticas formas com a impossibilidade do “inteiro”, mas vejamos que interessante

o quão familiar soa “escrever para si mesmo e para alguns íntimos” – outros. Também como já trabalhado previamente no capítulo anterior, Lacan, sobre a posição do analista, escreveu que esse só se autoriza de si mesmo (e de alguns outros). Para além da sonoridade das frases, sedutor encanto, há uma transmissão produtiva ao fazer da Psicanálise: tanto na escrita de um ensaio quanto no autorizar-se como analista há a singularidade do ato. Aliado a isso, lemos a permissão à ambivalência entre o íntimo e o outro, uma vez que, na estrutura dessa oração, “íntimos” é uma palavra tratada como referente a “outros”, outros que não “ele mesmo”, mas íntimos, *éxtimo*³⁴. Podemos imaginar, por conseguinte, que o infamiliar freudiano é bem-recebido e inevitável na escrita de um ensaio, por isso, também, amigo do assombro. Inclusive, pinçando o “imaginar”, Paviani (2009, p. 1-2) pontua que Montaigne constatava que seus escritos partiam também de sua *fantasia*, advertindo-nos de que não se deve prestar atenção à matéria discutida, mas à forma como é tratada. Não podemos inferir, então, visto que esta é uma dissertação que considera os artistas e suas produções, que desde o início defende a transmissão pela forma, que Freud também avançou nesse sentido ao permitir que seus romancistas lhe ensinassem algo sobre a forma e a estrutura do Inconsciente? Os mitos, de mesma forma, imprescindíveis à construção da teoria psicanalítica, pelo saber que contêm. Os casos clínicos de Freud foram construídos aos moldes do que pôde ler em seus “casos literários”. E, nesse sentido, não se tratava de “reencontrar a nosografia clínica psicanalítica no texto literário” (Villari, 2002, p. 22), muito embora Freud tenha primeiramente testado as relações possíveis e impossíveis entre Psicanálise e Literatura a tentar desvendá-los. No entanto, relembra-nos Villari:

Outra forma de S. Freud aproximar-se da Literatura, e da arte em geral, é tomando-a como campo de investigação, como conjunto de textos a partir dos quais poder-se-ia dizer sobre o

³⁴ Fazemos referência ao conceito lacaniano de *extimidade*.

real, que ele próprio – com os elementos disponíveis na teoria psicanalítica – não conseguiria atingir. É um momento em que se convoca a Literatura para dizer aquilo que a Psicanálise não alcança. Trata-se também de uma forma de abordagem partilhada com referência à utilização do mito na Psicanálise, na medida em que, quando o limite da construção da teoria se impõe, a recorrência ao discurso mítico – e literário – propicia o relançamento da elaboração psicanalítica (Villari, 2002, p. 21).

Quanto a Lacan, é possível afirmar que seu ensino tenha-se amparado literalmente mais (ou, ao menos, igualmente) à forma que ao conteúdo, a recorrer em determinada altura, por exemplo, ao silêncio e aos conhecidos nós em seus seminários. Todavia, podemos refletir sobre o engodo que um descuido de crítica ou leitura pode causar a essa interpretação, pois, conforme Sontag (2011), “[...] perpetuaria a própria distinção entre forma e conteúdo, que, em última análise, é uma ilusão (Sontag, 2011, p. 25) e nos distanciaria da tonalidade que propomos nesta seção. Nesse sentido, o que pretendemos tensionar é também como uma experiência de estilo pode corresponder à transmissão da Psicanálise. “Isso significa que o conhecimento que obtemos por meio da arte é uma experiência da forma ou estilo de conhecer alguma coisa, e não um conhecimento de alguma coisa [...] em si mesma” (Sontag, 2011, p. 38). Embora Susan Sontag dedique esse ensaio a problematizar o estatuto da crítica à arte em sua época, interessou-me pensar que o estilo, isso que ela considera “a forma de conhecer alguma coisa e não um conhecimento de alguma coisa em si mesma”, é também uma ofício psicanalítico, pois a evidência do Inconsciente se dá às manifestações de suas aparições, isso quer dizer que ele próprio, nosso objeto de escuta e de trabalho, não é passível de ser capturado, mas experimentado através justamente das formações inconscientes (título, inclusive, quinto seminário lacaniano). Também, quanto ao ensino da Psicanálise, a sua apreensão conceitual é absolutamente indissociável da forma de sua transmissão, por isso atravessado na tarefa psicanalítica, ou seja, na experiência de

análise, e, ainda, dependente de um efeito de causa de desejo (seja nas universidades, nos grupos de estudos ou na Escola). O que este ensaio compõe nele mesmo é, por fim, que a maneira com que conhecemos algo, a nível de conhecimento ou de saber, é também importante na ciência. Quero dizer aqui que mesmo às ciências exatas foi preciso interessar-se por uma maçã que cai e, de mesma maneira, olhar para cima e desejar descobrir os absurdos do céu. Há nessa pedagogia um valor pessoal intransferível. “É a mão do dono que dá ao livro uma cara inconfundível” (Han, 2022, p. 38), recitamos. Transmissão, lemos em Lacan em seus últimos anos de ensino, no que se denomina como “Clínica do Real”, não se dá sem presença de corpo, por capturá-lo através dos restos que escapam ao discurso. Algo como o estilo, o traquejo, a assinatura.

Finalizo essa digressão, talvez mais crucial ao trabalho como um todo que a esta seção especificamente, com a lembrança de que, à semelhança psicanalítica e ensaística, o que pretendemos aqui é reforçar nossa atitude de pesquisa: “Por isso, acreditamos que o texto literário deve incitar-nos, a partir do insabido, para a pesquisa, fazendo com que o analista resista aos encantos à sedução que todo discurso, ainda mais o literário, nos oferece. Ao invés de possuí-lo, fazê-lo falar” (Villari, 2002, p. 28).

Fazendo-nos falar, voltemos ao ensaio. Ao resgatar o objetivo dos Ensaios de Montaigne, há, ainda, a preocupação com o conhecimento. Um ensaio, feito a Psicanálise, transmite algo do conhecimento, um conhecimento que “[...] se pode capengar nessa articulação, esse é o passo da beleza, mas é preciso capengar direito” (Lacan, 1965/1998, p. 880). “Capengar direito”³⁵, preocupação rigorosa de Lacan à comprovação clínica da Psicanálise desde Freud, também é uma exigência ensaística: “[...] Mas, sendo livre, [...] o ensaio, com características desenvolvidas de diversos modos e com diferentes intensidades, é o único gênero que permite ao leitor transitar do filosófico para o artístico, do filosófico para o científico ou, ao contrário, sem diminuir

³⁵ Citação também trabalhada no Capítulo I.

o rigor da exposição” (Paviani, 2009, p. 3). Que rigor é esse? Paviani (2009) desenvolve que são particularidades conferentes a: ser um estudo, uma investigação ou uma reflexão, etc., contendo em suas entranhas o caráter de proposta; embora seu estilo seja mais próximo do literário, ser um estudo formalmente desenvolvido, elaborado no sentido de ultrapassar o espontâneo, pois, segundo o autor, é apresentado a partir de determinados padrões; poder, como texto, ser de natureza literária, científica e filosófica; dever a exposição do assunto ser lógica, “mesmo quando utiliza a linguagem poética” (Paviani, 2009, p. 4), não necessariamente a seguir os passos de uma análise ou demonstração esgotáveis – ênfase, aqui, no “lógica”, uma vez que sustenta o método deste trabalho, um desenrolar lógico e não cronológica de uma transmissão; ter o ensaio o rigor de argumentação, de demonstração, “O rigor, que não se confunde com exatidão, é característica indispensável do verdadeiro ensaio”; requerer o ensaio que o autor tenha informação cultural e maturidade intelectual, o que lhe faz considerar um gênero difícil de elaborar, pois “a liberdade de estilo, de ritmo, de expressão exige sutileza e equilíbrio” (Paviani, 2009, p. 4). Finaliza: “O rigor típico do ensaio aparece aliado, quase sempre, ao estilo de interpretação [...] Sem ser subjetivo, o ensaio não abole o espaço da subjetividade como pretende fazer o tratado ou um artigo científico” (Paviani, 2009, p. 4). O autor sinaliza essa condição como “com a dignidade originária”. Ressalto com atenção essa última parte, pois é ela quem nos ilumina – ou vice-versa – para que, adiante, possamos relacionar finalmente a questão da escrita poética e da posição da analista ao ato psicanalítico, esse “ser um poema”, sugestão lacaniana à tarefa psicanalítica, enfim. Destacamos as pistas: estilo, ritmo, estilo de interpretação e dignidade originária. A liberdade, transmite-nos Paviani, cobra-nos o rigor. Lacan endereçou-nos o mesmo com sua “Carta de Dissolução”, quando dissolveu a sua Escola: “Por um trabalho [...] que, no campo aberto por Freud, restaure a sega cortante de sua

verdade. [...] É por isso que dissolvo. [...] Não necessito de um mundo de gente. E há um mundo de gente do qual não necessito. Eu os abandono a fim de que eles me mostrem o que sabem fazer, afora me estorvarem e fazerem desandar um ensino em que tudo é sopesado” (Lacan, 1980, p. 320). A liberdade convoca ao trabalho, esse que só se autoriza do “um a um”, da solidão subjetiva e da radicalidade do Outro. É um trabalho, portanto, que não se dá sem a dimensão de sujeito, não há solução alheia que o atinja, Lacan, em sua Escola, dissolveu o problema de “diz-solução”.

Retomamos a questão do ensaio pontuando fortuitamente que na última parte do parágrafo acima há uma evidência de um ensaio acontecendo: há quem diga que essa constatação (a amarração de “ser um poema” ao ato psicanalítico) é indispensável ao problema desta pesquisa e portanto deveria de estar mais claramente entregue desde o início. Concordo, como pesquisadora, com a indispensabilidade da informação (é indispensável), discordo, como pesquisadora, de que logicamente ela não possa ser colhida *a posteriori*, como quem espera no mar para ver baleias, a aproximar-se, assim, da lógica da escuta psicanalítica: “Li em algum lugar que ler é como observar baleias, passamos as páginas como quem olha o mar esperando avistar algo. Aguardando, não procurando, porque não há como localizar baleias só de olhar o mar, o que não significa que não as veremos. Precisamos de alguma paciência até que apareçam” (Julia Pinto Almeida). Certa vez, disseram-me, sobre ler textos acadêmicos, algo como: “Vai-se lendo, passando as páginas, sem se preocupar com entender tudo e cada coisa. De repente, aparece uma baleia. Entende-se, anota-se, aproveita-se. E se fica mais algum tempo a olhar o mar”. Exige do leitor o mesmo que do escritor: trabalho. E um trabalho sem garantias, mas que aposta em seus efeitos: “Os poemas? Alguns funcionam, outros não. Se o que queres é uma garantia, então compra um televisor” (Roger Wolfe). Na clínica, é assim: quando uma palavra basta, vai-se para a próxima. Nesta pesquisa,

também: seu referencial teórico se revela à forma do método, um percurso por vestígios. Eles estão quase que por toda a parte. Assim, a imensidão precisa mesmo de ajuda, Galeano nos enuncia:

“A função da arte/1

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul.

Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.

Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.

E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:

– Me ajuda a olhar!”

(Galeano, 2024, p. 15).

O mesmo em nossas súplicas não pedimos nós, analisantes? Os verdadeiros escritores, os únicos poetas, do texto analítico. Fica-nos menos enigmático por que, então, é que um analista deve de recusar (Lacan, à época, preferiu “repudiar”) esse ofício – de poeta – em seu estatuto de psicanalista³⁶. Lacan (1968/2025, p. 134) sugere mais: é o psicanalisante, ele diz, que produz o psicanalista. Uma vez mais, aproxima-nos do que constatou em 1976: “[...] não sou um poeta, mas um poema” (Lacan, 1976/2003, p. 568). É-se, afinal, no giro do saber que desloca o Discurso do Analista, produzido pelo sujeito que se apresenta, e não produtor. Ao poema, o resto. Ao resto, o poema! “Estranho privilégio” de nosso campo, exclamou Lacan (1976/2025, p.

³⁶ “O estatuto do psicanalista” é o nome do capítulo XIII do Seminário 15 “O ato psicanalítico”.

207). A “inutilidade” fantasmagórica do *objeto a* recupera seu valor de inutensílio à vida. Foi, talvez, o que Lacan pôde ter dito ao defender que James Joyce já havia chegado lá (sem ter atravessado a experiência de uma análise). Argumento com um dos trechos do Seminário 15 (justamente sobre o ato psicanalítico, que desenvolvemos no próximo capítulo e, por ora, deixamos sonhar: “Foi a partir daí que parti, pois a perda estava lá primeiramente, nesse mesmo ponto de partida, antes mesmo que o trajeto fosse percorrido. Freud sempre formulou isso de maneira expressa: a perda do objeto está na origem do estatuto do inconsciente” (Lacan, 1968/2025, p. 99). Embora não seja o intuito desta pesquisa, resgatamos o que se encontra no Seminário 23: Joyce se serviu, na construção de seu Ego, do que já estava lá desde a gênese. Avançou, portanto, para o começo. Esse fio nos remete ao parágrafo inaugural deste trabalho, a sustentar um de seus eixos argumentativos: a ideia de que o “descomeço” não é apenas metáfora, mas uma forma de nomear a entrada do sujeito no campo do significante como perda. Nesse sentido, “No descomeço era o verbo”, lemos no poema de Manoel de Barros, permite-nos articular a intenção de que o sujeito não começa, ele é começado pela linguagem. Vamo-nos abandonado para que as palavras nos encontrem, e escrevo isso conceitualmente: espero que o “abandonar” remeta ao abandono do paradigma de indivíduo da essência da subjetividade, como no poema de Mallmann, o do “eu eu eu”, revelando-nos o que de muito trabalho há no sujeito do inconsciente que se conhece enquanto se fala: “O sujeito vai muito além do que o indivíduo da ‘subjetividade’: vai exatamente tão longe quanto a verdade que ele pode atingir, e que talvez saia dessa boca que você já acaba de fechar outra vez [...], por conhecer apenas suas réplicas” (Lacan, 1953/1998, p. 266).

A dimensão do sujeito, por conseguinte, essa a que ajudamos em um trabalho analítico a olhar, é um ato de fé. A fé, em última instância, é a poética (po-ética) da

Psicanálise: “Isso quer dizer, claro, que o psicanalista não é todo objeto *a*. Ele opera como objeto *a*. Mas o ato em questão consiste em autorizar a tarefa psicanalisante, com que isso comporta de fé dirigida ao sujeito suposto saber” (Lacan, 1968/2025, p. 133). Sabemos que o “sujeito suposto saber” é suposto e que seu saber é senão esse, mas sabemos, também, que, como na poesia, aposta simbólica tanto ao contorno quanto à presentificação do real, é preciso dizer a alguém que é impossível de dizer.

Quanto a esse impossível, bem-vindo ao gênero textual do ensaio, o que tem de ver com a hipótese desta pesquisa e por que insistimos nesse formato? Além de ser um incentivo de espírito da própria pesquisadora, esse método da “disciplina dos assombros” (engajamento aos restos e invenção do apagamento), parece afinado com como se produz a transmissão da Psicanálise. Quer dizer: não podemos ensinar alguém a desejar, tarefa impossível, todavia podemos transmitir algo de nossa causa.

Citemos uma circunstância do Prefácio de “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise” (1953/1998) na tentativa de articulá-lo ao que Montaigne escreveu sobre o seu ensaiar: prestar mais atenção à forma que ao conteúdo. Lacan, por exemplo, por todo o seu ensino, irradia-me que não é na sua “didática” (sabe-se que Lacan não é conhecido por ser pedagógico) que o efeito de apreensão se produz, mas exatamente em seu estilo: “Seja como for, ao evocar as circunstâncias deste discurso, não estamos de modo algum pensando em desculpar suas insuficiências, por demais evidentes, pela pressa que lhe foi imposta, uma vez que é dessa mesma pressa que ele adquire seu sentido e sua forma” (Lacan, 1953/1998, p. 242). Forma é método, portanto exploremos: Lacan inicia seu discurso preocupado com explicar os fatos que lhe antecederam, pois “traz deles a marca” (Lacan, 1953/1998, p. 237). Não é nosso objetivo extenuá-los, no entanto resumimos que dois atravessamentos produziram efeitos nesse discurso: a pressa à sua produção (foi um tema proposto ao autor para

compor o relatório teórico de praxe – “Relatório do Congresso de Roma, realizado no Instituto Di Psicologia Della Università Di Roma) e o incômodo com a fundação, à época, de um “instituto de psicanálise” no grupo francês.

Um relatório sobre “função e campo da fala e da linguagem em psicanálise” se inicia com a indignação do autor acerca de “Que se houvesse simplesmente podido ter a pretensão de regular de maneira tão autoritária a formação do psicanalista levantava a questão de saber se os modos estabelecidos dessa formação não levavam ao fim paradoxal de uma depreciação perpetuada” (Lacan, 1953/1998, p. 239) (referia-se à fundação do instituto). Ele prossegue: “Mas, não terão elas levado a um formalismo enganador, que desencoraja a iniciativa ao penalizar o risco, e que faz do reino da opinião dos doutos o princípio de uma prudência dócil onde a autenticidade da pesquisa se embota antes de se esgotar?” (Lacan, 1953/1998, p. 240). Lacan, assim, em 1953, antes mesmo da fundação de sua Escola, conduz o mesmo traço que mais tarde levou-o a dissolvê-la: um Outro que não mais dissesse a solução. Isso é rigor. Paviani (2009), recordamos, escreveu: “O rigor típico do ensaio aparece aliado, quase sempre, ao estilo de interpretação”. A lógica desse rigor, dessa coerência, é o que se espera de um ensaio em sua argumentação: estilística e/ou de conteúdo. Lacan, de toda forma, incentiva o risco, a autenticidade e o espírito da pesquisa, ou seja, da clínica, convidando-nos à elucidação de seus princípios. Sobre eles, penso: o esforço do espírito, esse que, apesar das tentativas regulatórias e institucionais de Freud, estavam presentes em sua fundação:

Urgente, em todo caso, parece-nos a tarefa de destacar [...] o sentido que elas resgatam tanto de um retorno à sua história quanto uma reflexão sobre seus fundamentos subjetivos. É essa, sem dúvida, a função de quem ensina, da qual todas as outras dependem, e é nela que melhor se inscreve o valor da experiência. Se a negligenciarmos, oblitera-se o sentido de uma

ação que só extrai seus efeitos do sentido, e as regras técnicas, ao se reduzirem a receitas, suprimem da experiência qualquer alcance de conhecimento e mesmo qualquer critério de realidade. Pois ninguém é menos exigente do que um psicanalista quanto àquilo que pode conferir status a uma ação que ele próprio não está longe de considerar como mágica, na impossibilidade de saber onde situá-la numa concepção de seu campo que ele nem pensa em atribuir à sua prática (Lacan, 1953/1998, p. 241).

A citação é longa, mas intraduzível, sustentamos a importância de mantê-la na letra lacaniana para que, então, possamos em seguida articulá-la ao que quer esta seção: uma aproximação entre o ensaio como forma pela possibilidade de “colocar algo de si”, bem como na clínica, que esse gênero permite. Conforme lemos na citação acima, não só não bastam os efeitos de sentido (é preciso a experiência, ou seja, lançar-se ao risco inventivo do ato da autorização pelo próprio ímpeto do corpo) para o ensino como eles (os efeitos de sentido) podem ser prejudiciais a (ao ensino), obliterando o efeito de uma ação e, por uma posição de infantilismo, chamá-lo (ao efeito de uma ação) de mágica. Lacan (se) questionava se os limites do infantilismo não teriam sido recuados, diante da boca dos mestres, à parvoíce (Lacan, 1953/1998). Quanto a esse problema, diz: “Trata-se da tentação que se apresenta ao analista de abandonar o fundamento da fala justamente em campos em que sua utilização, por confinar com o inefável, exigiria mais do que nunca seu exame” (Lacan, 1953/1998, p. 244). Em outras palavras, com pressa ou sem pressa, deve-se saber o que está em jogo no método psicanalítico, “colocar seus procedimentos no devido lugar” (Lacan, 1957/1998, p. 518); e aqui finalizamos com o fato de que até a pressa, contingencial ou sintomática, sob o rigor da transferência, pode de ter uma função (como “O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada”):

Aliás, demonstramos, num sofisma exemplar do tempo inter-subjetivo, a função da pressa na precipitação lógica em que a verdade encontra sua condição insuperável. Nada há de criado

que não apareça na urgência, e nada na urgência que não gere sua superação na fala. Mas nada há, tampouco, que não se torne contingente nela, quando chega para o homem o momento em ele pode identificar numa única razão o partido que escolhe e a desordem que denuncia, para compreender sua coerência no real e se antecipar, por sua certeza, à ação que os coloca em equilíbrio (Lacan, 1953/1998, p. 242).

Pode ser mágico, mas não é mágica, é “levar ao rigor as consequências de um mal-entendido” (Lacan, 1953/1998, p. 248), ou seja, a condição traumática estruturante do sujeito: sua desposseção de si mesmo. Esse é o mal-entendido e, para isso, há um rigoroso método de escuta e, ainda, de transmissão. Ao dizer o que diz acima, Lacan não deixa de nos transmitir, por exemplo, seu conceito de sujeito, o mesmo, portanto, com que trabalha esta pesquisa: há leis e as leis no/do Inconsciente: “[...] onde a linguagem está, não há nenhuma necessidade de buscar uma referência em uma entidade espiritual” (Lacan, 1967/2025, p. 21), pois “[...] é toda a estrutura da linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente” (Lacan, 1957/1998, p. 498), isso é, o Inconsciente estruturado como linguagem (apropriado destacar que o texto de 1957 “A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud” aproxima-se do movimento estruturalista da época).

Por fim, tudo isso para trazer: método também é conteúdo. “Não só o produto da investigação deve ser tão útil quanto o pão, também o método deve ser comestível” (Del Fuego, 2025, p. 28). Às pressas com as insuficiências, no exemplo do texto acima discutido, Lacan constata que foi a esse modo que seu texto adquiriu seu sentido e sua forma: “um verdadeiro texto” (Henderson e Chatelard, 2023, p. 92). Nesse sentido, quanto ao ensaio que constitui esta dissertação, finalizo esse eixo com uma questão elaborada por Paviani (2009):

Assim, o ensaio é o gênero textual dos autores experientes, densos, originais e profundos e, ao mesmo tempo, o gênero dos principiantes. [...] Os estudantes universitários, obrigados a apresentar monografias ao final do curso, fechadas em normas técnicas, na realidade nem sempre executam o previsto nem colhem os resultados esperados. Poderiam ser estimulados a escrever ensaios. Mesmo porque o ensaio eventualmente inclui em suas características a possibilidade do erro. A possibilidade do fracasso está contida desde os ensaios de Montaigne até sua defesa como forma de expressão em Adorno. A vida do ensaio é o transitório, o qual não deve ser confundido com o aleatório, com a falta de rigor, de imaginação, de verdade (Paviani, 2009, p. 6).

Um ensaio, desse modo, muito se assemelha ao sujeito escutado pelo psicanalista e ao ofício de um pesquisador, sobretudo aqui ao psicanalista-pesquisador: a possibilidade do fracasso, o transitório (o próprio tempo lógico carrega essa transição: o instante do olhar, o tempo para compreender e o momento de concluir, elucidado por Lacan quanto à função da pressa na citação previamente apresentada) e o contingencial (o toque de real), “o qual não deve ser confundido com a falta de rigor, de imaginação, de verdade” – segundo já nos comprova, por exemplo, o rigor do compromisso neurótico ao sintoma em seu “mito individual do neurótico”, quer dizer: não há falta de assiduidade na verdadeira ficção do texto inconsciente.

Quanto à “forma de expressão” apresentada por Paviani (2009), considerando-a particularidade estrutural de um ensaio, podemos aproveitá-la também para reforçar a noção de “escrita poética” desta pesquisa. É frutífero pensarmos que, conforme sugere Paviani (2009), mesmo onde há “forma de expressão” autoral, subjetivamente falando, há diante de uma condição de equívoco, de imprevisibilidade e de fracasso, inclusive aos estudantes universitários e seus formatos de exigência. Nossa licença poética é servimo-nos dessa constatação para apreender que na teoria psicanalítica é elementar compreender que a linguagem se dá à essa semelhança, não sendo uma habilidade do pensamento, mas estruturante do sujeito como furo, como, portanto, “fracasso” do

pensar feito garantia de existência ou resultado, precisamente porque aí, no não pensar, está o Inconsciente e existe o sujeito. A escrita poética, nesse sentido, é não-totalizável. Ela surge como efeito de falha da linguagem e manifestação do real lacaniano. Na obra “A Insustentável Leveza do Ser”, Milan Kundera (1984) pode nos abrir esse caminho conceitual ao escrever-nos: “O que excita a alma é justamente ser traída pelo corpo que age contra a sua vontade, e assistir a essa traição”, basicamente, é dizer que o eu não é mais senhor em sua própria casa.

Se somos *outro* a nós mesmos, essa a ser a heteronomia radical comentada no primeiro capítulo, que outro é este, que serve e interessa à Psicanálise e apresentou à ciência moderna da época uma outra instância de evidência? “Qual é, pois, esse outro a quem sou mais apegado do que a mim, já que, no seio mais consentido de minha identidade comigo mesmo, é ele que me agita?” (Lacan, 1957, p. 528). Lacan di-lo bem quando, ainda em 1957, evoca que não se refere, nesse contexto, ao “conhece-te a ti mesmo” do Oráculo de Delfos, pois que, segundo sua leitura de Freud, o que nos consitui não é o “*amâgo* de nosso ser” no sentido de um objeto arqueológico de *conhecimento* (não basta ter consciência de si, ser um *gerenciador de alma*, estamos sempre a nos espantar com as nossas), mas se refere precisamente a onde nosso viscoso *ser* vacila. Eis o saber, um saber que pertence a ninguém. Ninguém para nos dizer. Quer dizer, somos notícias de um testemunho que se realiza tanto ou mais em “nossos caprichos, nossas aberrações, nossas fobias e fetiches quanto em nossa personagem vagamente policiada” (Lacan, 1957, p. 531). Esse que aparece, feito aparições mesmo, ocorrências e, com sorte, inspirações (temos a tendência de nos considerarmos assombrados por algo de fora, que não nos pertence, um Infamiliar), nas formações inconscientes: chistes, sonhos, sintomas e atos falhos/lapsos. É com Isso que trabalha um psicanalista e é no Discurso do Analista (um discurso outro ao do Mestre, do

Universitário e do Histérico) que *ironicamente* podemos ocupar, como sujeitos, um lugar de saber (o que não se sabe sobre). A Psicanálise reinsere o sujeito nesse saber fugidio, difere-o, assim, de uma lógica de acúmulo de *auto/conhecimento* e acrescenta a poética dos artistas, criadores de si, desconhecedores de si mesmos, ao que acende a ética da práxis psicanalítica: a ética do desejo, a disciplina dos assombros. Digo “ironicamente” pois fazer-nos sujeitos, esses divididos e marcados pelo Significante pelo resto da vida, é passarmos justo por esta travessia de que, antes, somos objetos: da linguagem, do desejo do Outro e também de nosso corpo – soberano dizer, “antídoto a solidificação do ser, interrupção do ‘eu sou’, aquilo que habita outro dizer” (Paula Vella). Revela o ritmo do real que não faz sentido à linguagem, mas a convoca felizmente à força de querer ou precisar dizer do indizível. Como um *rébus* do sonho. “Essa revelação, foi a Freud que ela se fez, e ele deu a sua descoberta o nome de Inconsciente” (Lacan, 1957/1998, p. 513).

Se brincarmos bem apesar das críticas que se endossa ao “*cogito ergo sum*” (o “penso logo existo” de Descartes), pelo menos aí já somos acusados de algo para além da tentativa do controle do pensar: somos objetos do pensamento. Nem nisso fugimos de que algo em nós se pensa. “Algo em nós se pensa”, não seria o Inconsciente? Não seriam as expressões da fala como um “parasita”, do escrever como uma “doença da escrita”, como a “loucura do poeta” ou como uma “mania de escrever” o próprio conceito de linguagem na Psicanálise? Faz parte da linguagem que lhe falem palavras e que sua busca seja um eterno processo de luto pelo objeto há muito alucinado ou perdido. Essa é uma solidão essencial entre um escritor e seu texto. Blanchot (2003) também descreve efeitos dessa escrita poética, indissociável de sua submissão a esse outro que escreve: “Acontece que um homem que segura um lápis, mesmo que queira fortemente soltá-lo, sua mão, entretanto, não o solta, ela fecha-se mais, longe de se

abrir. A outra mão intervém com mais êxito, mas vê-se então a mão a que se pode chamar de doente esboçar um leve movimento e tentar retomar o objeto que se distancia” (Blanchot, 2003, p. 15). É uma exigência imperiosa, ele conclui.

Patti Smith, em *Devoção* (título propício), tratando da inspiração, considera-a sob a mesma experiência: “[...] uma doença incurável – ao mesmo tempo profana e divina” (Smith, 2019, p. 11). Ainda nesse ensaio (2019), em condição da artista que é, Smith também nos oferece indícios da dimensão inconsciente em seu ato de escrever: “a cadência de uma língua desconhecida”, “uma vertigem inesperada”, “escrever alucinadamente”, etc. Há marcas em comum em todas essas expressões, tanto nas de Smith quanto nas previamente citadas, que revelam e indicam a singularidade da escrita poética diante do que podemos considerar outras formas de escrita. Esse escrever, esse escrever do impossível, remete ao que encontramos em Lacan: o real insiste. Sim, ele resiste à simbolização, diante do desfiladeiro dos significantes, faz-se assim sua insistência. A escrita poética, portanto, não se trata de um gênero, mas de um efeito, efeito esse fruto de uma operação de linguagem e, inevitavelmente, do ato de fundação do Sujeito do Inconsciente. Apesar de utilizar-se das palavras, portanto da lógica significante, ela ultrapassa, como se tem podido acompanhar ao decorrer desta leitura, um mero jogo de palavras. Há algo para além da retórica e da dialética. Smith adiciona a isso outra camada que considero uma característica indispensável nesse escrever: “[...] ele se reúne de modo clandestino para formar um sistema singular, dissolvendo o indivíduo...” (p. 11), ou seja: há, aqui, o traço da singularidade de como cada escritor escreve sua solidão essencial, como cada escritor, aos moldes do “autorizar-se” lacaniano, clandestinamente (isto é, estrangeiramente, mas também no sentido de prescindir do mestre), põe algo de si, seu estilo, e há, ainda, a ideia de que o indivíduo,

por fim, se divide: dissolve-se. Essa é a noção da aproximação entre a escrita poética e a posição da analista.

Portanto, para além da ideia de “O poeta e o fantasiar” (Freud, 1908/2021), artigo no qual Freud brilhantemente aproxima a criação do escritor ao brincar de uma criança, uma maneira de transpor e comunicar “[...] as coisas do seu mundo para uma nova ordem, que lhe agrada” (Freud, 1908/2021, p. 54), há o incomunicável, há também a transmissão do impossível de simbolizar, disso que não cessa de não se inscrever na ordem simbólica, de não se escrever, aos escritores “servos da linguagem” (Lacan, 1957/1998, p. 498). Isso porque – questão que melhor se problematiza no ensino lacaniano – essa “centelha poética” (Lacan, 1957/1998, p. 510), que quase toca na fala (Lacan, 1953/1998), não é uma forma de ignorar a vida, ou, como dizem, uma “fuga da realidade”, mas a realidade posta em ato: ela é a própria vida e, ainda, o próprio Inconsciente, a evidência de sua estrutura. Recuperemos, assim: “Que a prática da letra converge com o uso do inconsciente é tudo de que lhe darei testemunho ao lhe prestar homenagem” (Lacan, 1965/2003, p. 200). Retornar justamente a Freud, entretanto, é advertir-nos de que de certa forma em 1928 ele também suspeitava disso, assumindo na leitura que fez de Dostoiévski: “Infelizmente, diante do problema do escritor, a análise deve depor as armas” (Freud, 1928/2021, p. 283).

II. DO POETA AO POEMA: o rigor do risco

“Para dar um passo adiante, voltemos ao único ponto em que o ato pode ser questionado, ou seja, seu ponto de origem” (Lacan, 1968/2025, p. 191). Que ato? O ato psicanalítico, tomado aqui como posição de poema. E por que “de origem”? Porque o

ato, no sentido de uma travessia, conforme orienta Lacan (1967/2025), inaugura tanto a entrada em uma análise como a um psicanalista como tal. Precisamente: “Há também o ato pelo qual o psicanalista se instala” (Lacan, 1967/2025, p. 12). Ambos, um do lado do sujeito e outro do lado do psicanalista como ofício, como posição, envolvem uma ação, ação como motricidade, ação como agir – “Contudo, é preciso que eu aja [...]” (Lacan, 1968/2025, p. 11), mas não são assegurados por ela. Decidir evidentemente faz parte de um ato, mas seu efeito psicanalítico, seu efeito de poema à poesia, não é uma ação passiva, uma resposta motora como uma descarga catártica ou um arco reflexo, pois é preciso disso “extrair algum fruto” (Lacan, 1967/2025, p. 15). Se estamos a tomar a escrita poética como modo de fazer leitura à posição do analista, essa sendo a posição da analista, também podemos citar o seguinte poema: “Será se a poesia vai se aproximar deste poema?” (Aroldo Pereira). Uma questão, uma problematização à garantia de que um efeito poético possa ser garantido pela estrutura de um poema (em seu sentido formal, de versos e estrofes). É uma indispensável pergunta à formação do analista, Lacan a responde no Seminário 15 (2025), advertindo-nos de que não há prescrição que garanta à uma ação sua reverberação de ato na técnica psicanalítica. Da mesma forma, nesse sentido, que o analista só se autoriza de si mesmo, não uma só vez, pois não é um diploma, mas a cada caso. A cada caso acontece ou não uma análise. A cada vez, inaugura-se o analista em sua clínica. O desejo do analista é o desejo de que haja uma análise, e haver uma análise talvez seja radicalmente uma experiência isolada da terapêutica, ou seja, isolada do objetivo de reestabelecimento de um estado primário (Lacan, 1967/2003). Contrariamente, de um poema e de uma análise, sai-se desestabilizado, sai-se sujo. Para isso mesmo serve o que Lacan escreve em seu ato de fundação (1971), quando descrevia a “análise didática”, que o sujeito, em seu querer, deve de ser advertido de que a análise contestará esse querer, na mesma da aproximação

do desejo que ele encerra. Compreende-se, dessa forma, que querer e desejo não se equivalem, pois que entre um e outro há a cisão do sujeito. O querer, portanto, não forma analista.

Insisto nesse ponto visto que ele é indispensável à argumentação desta pesquisa por corroborar seu início: o querer também não forma escrita poética, na maioria delas, inclusive, nem se “queria” escrever. Há quem escreva a duras penas, por não ter escolha, e diga que preferiria qualquer outro ofício, mas, tal qual Freud, não consegue evitar de recair.³⁷ – satisfatoriamente. Portanto o que caracteriza a escrita poética parece ser uma força:

Que esse sujeito seja originalmente marcado por uma divisão, é a partir daí que a linguística ganha força, para além dos gracejos da comunicação. Sim, força que põe o poeta no saco dela. Porque o poeta se produz por ser [...] devorado pelos versos/vermes [*vers*] que encontram entre si o seu arranjo, sem se incomodar, isso é patente, se o poeta sabe disso ou não (Lacan, 1970/2003, p. 402).

Uma força “para além dos gracejos da comunicação” e, mais uma vez, segundo Lacan, devoradora pelos versos-vermes, lugar de parasita que ele dá à linguagem ao sujeito. Lembremos que Serge André (2025), conforme apresentado no capítulo introdutório do presente trabalho, pontua-nos que o psicanalista e o poeta trabalham com a mesma matéria, operando com ela, por sua vez, a exigências éticas distintas. Ao poeta, “saber disso ou não” é dispensável, pois seu desejo é de criar. Ao analista, é preciso querer saber, com o psicanalisante, seus modos de amarração com a condição faltante estrutural da linguagem e com sua condição de objeto *a* (pulsional e de causa do desejo), por ser precisamente isso – “versos que encontram entre si seu arranjo” – o ponto de singularidade de cada um – o “um a um” de cada caso –, sua dicção. Daí nasce

³⁷ Homenageia uma das cartas que Freud escreveu a Schnitzler.

o estilo, inclusive, desse traço. A força que há no desejo do analista, assim, é o saber de ignorar o que sabe (Lacan, 1953/1998). Em outras palavras, apreendo o mesmo do já citado poema de Ferrazzano (2021): “[...] a lagartixa por exemplo sabe a hora de perder o próprio rabo.” O que nos sobra disso é o que está posto, em verdade, como condição desde o início, a partir da qual o analista se faz joguete do sujeito suposto saber enquanto sustenta seu lugar de poema, do qual ele sabe: o real. “De outra estrutura é o saber que circunscreve o real, tanto possível, como impossível. [...] Assim o real se distingue da realidade. Isto, não para dizer que ele é incognoscível, mas sim que está fora de questão entender disso [...], apenas demonstrá-lo. Via isenta de qualquer idealização” (Lacan, 1970/2003, p. 406). Um poema o demonstra bem, pois a todo o tempo trabalha colhendo lírios com um facão (em seus versos cortantes inconcebíveis à razão), atitude tomada, por vezes, como certa grosseria na arte de decapitar, Ferrazzano (2021), presente no ofício do analista. “Colher lírios”, porque o ato psicanalítico é, desde Freud, um certo otimismo, uma aposta na pulsão de vida, basta ler, por exemplo, Transitoriedade (1916), escrito no qual Freud associa a transitoriedade do belo ao aumento de seu valor, firmando que um trabalho de luto só é atravessado quando se reconhece a beleza e a dor do que foi perdido: “Reconstruiremos tudo o que a guerra destruiu, talvez com fundamentos mais sólidos e mais duráveis do que antes” (Freud, 1916/2021, p. 224). “Colher lírios”, também, porque “[...] Lacan espera um entusiasmo no fim. [...] Caminhar não como resto – o que seria um arresto de vida –, mas com o entusiasmo” (Brunetto, 2021, p. 12). Não foi, afinal, o que fez fundando uma Escola a partir de sua solidão – só como sempre esteve com a causa psicanalítica – e o que continuou a fazer dissolvendo-a? Esperando que trabalhassem? Que dessem frutos? Pois “De que vale chegar ao final de análise, descolar-se de sua fantasia, deixá-la cair e colar-se no real de objeto-dejeto que se é?” (Brunetto, 2021, p. 12). O convite da

Psicanálise lembra-me o de Clarice Lispector: “Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida” (1998). Um ato poético perfeitamente capaz de ser colhido de um ato psicanalítico, uma vez que não nos há saída de nós mesmos.

Se é da ordem, portanto, da movimentação na dimensão do sujeito, o ato produz um saber, um saber inconsciente, e não de conhecimento. Tampouco a escrita poética se interessa por ele. No primeiro capítulo, não nos escreveu Manoel de Barros que o poema se findou quando ficou estudado? Logo se faz importante reconhecer o risco do ato, o risco que envolve o desconhecimento de seus efeitos, mas a desejosa aposta que ocorre a um analista com ele. É preciso consentir com o mistério, com o inefável, com o desconhecimento que há no início de uma experiência, diz-nos Lacan (1967). Há real na formação analítica.

Depostas as armas, a intenção deste capítulo é concluir, através da escrita poética como meio, que a Psicanálise é uma clínica e que, portanto, visa à uma transformação subjetiva, função essa que, desde os textos chamados metapsicológicos de Freud, diferencia a operação de um analista da operação de um poeta, apesar de um denunciar ao outro por seu material e compromisso aos restos. A posição analítica é poemática: “A psicanálise, isso faz algo. [...] A poesia também, faz algo. [...] Mas esse não é o nosso propósito hoje, uma vez que se trata da psicanálise. Ela faz algo, mas certamente não no mesmo âmbito, ou plano, ou sentido, que a poesia. [...] Na medida em que o fazer psicanalítico implica profundamente o sujeito” (Lacan, 1968/2025, p. 12). Esse “implica profundamente”, prossegue Lacan (1968/2025), convoca necessariamente o sujeito em ato na transferência (diante, portanto, de um psicanalista), que não é outra coisa senão a colocação em ato do inconsciente. Isso é uma orientação clínica, quero dizer, que ambas fazem algo com o não-todo da verdade sem se

substituírem, pois “[...] não há realização possível do sujeito como elemento. [...] Há incomensurabilidade. [...] A incomensurabilidade do pequeno *a* em relação ao 1: é aí que está em jogo o que aparece como realização subjetiva ao final da tarefa psicanalítica, ou seja, a falta” (Lacan, 1968/2025, p. 98). Nesse mesmo capítulo de nome “Tornar-se Dejeito”, presente no Seminário 15: O Ato Psicanalítico (1968/2025), Lacan enuncia:

O sujeito remete ao Outro esse objeto perdido, ele o descarrega no analista, cuja função é esta. Na gênese, podemos conceber que é desse objeto perdido que se origina toda a estrutura. No processo em questão, o pequeno *a* [...] se separa do $-\phi$, que, no final da análise, é idealmente a realização do sujeito (Lacan, 1968/2025, p. 99).

O título do capítulo do Seminário em questão dá-nos a pista da afinidade: *dejeito*. Da construção percorrida neste ensaio até então, espera-se poder compreender esse “dejeito” como objeto *a*, essa noção de resto que Lacan formula por todo o seu ensino sob diferentes funções desde o seu início em “O estágio do espelho como formador da função do eu” (Lacan, 1949/1998), quando se questionava sobre as raízes da angústia na vivência humana. O autor acreditava, inclusive, ter sido esse o único conceito que efetivamente introduziu na Psicanálise em seu retorno a Freud, cuja formalização apresentou-se oficialmente a partir de 1964 quando fundou a Escola Freudiana de Paris e transferiu seus seminários para a École Normale Supérieure – ENS. Propomo-nos nesta pesquisa a apresentá-lo não prioritariamente desenvolvendo-o, mas sugerindo sua relação com a posição lacaniana de recusar ao psicanalista o título de poeta e, em seu lugar, propor-lhe o de poema. Esse é todo o nosso trabalho: “Esse poema que sou, que não escrevi, mas que se escreve com meu dizer, me constitui, e graças a uma análise posso assiná-lo” (Soler (2011, p. 168). Um poema citado na Introdução, mas que, aos

moldes dos procedimentos desta pesquisa, evocamos novamente pela valia de recordar, repetir e elaborar.

A partir disso, das duas citações acima sobre a realização subjetiva, explica-se: a primeira menciona a “realização subjetiva” ao final de uma análise como uma travessia possível diante da falta (tarefa psicanalítica), precisamente por que um sujeito não se realiza como elemento – esse elemento essencial lhe falta – mas acontece entre um “elemento” e outro, para aludir a sua existência na relação entre um significante e outro. A segunda reforça: é na queda que o sujeito se realiza, ou seja, novamente, na falta (-φ). Um poema que ensina a cair, a escrita poética que é a própria queda, dá-nos notícias dessa dimensão ética – clínica – quanto à posição do psicanalista, que é a da queda. Para suportar ser dejetado, ser poema, ser resto, ele já atravessou algo da queda: a queda do sujeito suposto saber, a queda do significante totalizante, a queda da palavra final, a queda do ideal. A queda do mestre. Em uma de suas cartas a Arthur Schnitzler, provavelmente datada de 1922, Freud escreve: “Perdoe-me recair na psicanálise, mas só sei fazer isso. Sei apenas que a psicanálise não é um meio para tornar-se amado”. Aparentemente, nesse endereçamento confessional, também recorreu a Freud que recair não é um meio para tornar-se amado, mas, possivelmente, livre para correr o risco de amar. Freud pede perdão por recair, como se fosse algo pelo que demandasse desculpar-se por, portanto algo “de pior”, e lembra-nos o que escreveu a Psicóloga Julia Rezende: “Procure seu estilo no que você tem de pior”. A recitação desse trecho visa a identificar: o pior, para além da noção do belo como estética, podemos tomar aqui como o Infamiliar freudiano³⁸, igualmente presente na escrita poética – “Eu era agora pior do

³⁸ “Algo desse domínio é o ‘infamiliar’. Não há nenhuma dúvida de que ele diz respeito ao aterrorizante, ao que suscita angústia e horror e, de todo modo, estamos seguros de que essa palavra nem sempre é utilizada num sentido rigoroso, de tal modo que, em geral, coincide com aquilo que angustia. Entretanto, pode-se esperar que exista um determinado núcleo, que justifique a utilização de uma palavra-conceito específica. Gostaríamos de saber o que é esse núcleo comum, que permite diferenciar, no interior do angustiante, algo ‘infamiliar’. [...] A esse respeito, nada encontramos nas meticolosas exposições da estética, as quais, em geral, ocupam-se de preferência dos sentimentos positivos, de suas condições e dos objetos que eles evocam, em vez de contraditórios, repugnantes, penosos. [...] O de que o infamiliar é

que eu mesma!” (Lispector, 2020, p. 127). – Ademais, Freud precisou amar à sua criação a fim de que sobrevivesse aos ataques da época. “Quanto ao desejo de Freud, coloquei-o num nível mais elevado. Eu disse que o campo freudiano da prática analítica permanecia na dependência de certo desejo original que tem sempre papel ambíguo, mas prevalecente, na transmissão da psicanálise” (Lacan, 1964/2008, p. 20).

Há nessa carta-confissão de Freud uma transmissão rigorosa de seu método – a Psicanálise – que se formava, embora não fosse a intenção: recair é uma questão de estilo, a condição de “indestrutibilidade do desejo” (Lacan, 1957/1998, p. 522), pode vir a ser matéria de criação, como foi a Freud. Cair também é método, porque se cai à sua maneira. Tropeçar é perigoso, mas, quando inevitável, faz Escola. Sirvo-me disso, inclusive, para reforçar a função da discussão sobre a Escola lacaniana na hipótese central desta dissertação, introduzida no capítulo inaugural:

Como Lacan avança como fundador de uma formação coletiva? No momento momento mesmo em que se faz emergir de seu discurso a Escola, a Escola ficção de linguagem, a faz nascer de seu discurso dirigindo-se a ela pela primeira vez, diz, “só como sempre estive em minha relação com a causa analítica.” Dito de outro modo, avança na solidão de um sujeito que tem relação com uma causa para defender e promover. Avança e se apresenta não como um sujeito que se propõe ele mesmo como Ideal, mas como um sujeito que tem relação com o Ideal, como os outros que convida a se reunir em sua Escola. [...] Não há anulação de Ideal na Escola. [...], mas isto, que Lacan remete a cada um em sua solidão de sujeito, à relação que cada um mantém com o significante mestre do Ideal sob o qual se coloca. [...] porque se trata com a Escola Freudiana de Paris de uma formação coletiva que não pretende fazer desaparecer a solidão subjetiva, mas que pelo contrário se funda nela. [...] A interpretação está, sem

uma espécie do que é aterrorizante, que remete ao velho conhecido, há muito íntimo. [...] seria propriamente algo do qual sempre, por assim dizer, nada se sabe. Quanto mais uma pessoa se orienta por aquilo que se encontra a sua volta, menos é atingida pela impressão de ‘infamiliaridade’ quanto às coisas ou aos acontecimentos” (p. 29-33). Ou seja, Freud está aqui a formular sobre o próprio Inconsciente, adicionando, à essa altura, que é sentido como uma experiência de espanto, de assombro, de “desatenção”. Mais uma vez, suscitando à clínica, corrobora, por exemplo, sua orientação quanto à posição “equiflutuante” em sessão dos analistas. Desejo reforçar, uma vez mais, que aí se tem outra elucidação do como se dá um rigor, uma coerência teórica e prática.

dúvida, no princípio deste laço social que se chama uma análise [...] e tem sempre um efeito desagregativo (Miller, 2016, p. 5-6).

A Escola, uma formação coletiva na qual se encontra a solidão essencial, indicada por Lacan desde o seu ato de fundação, inaugura-se como uma escrita poética. Por quê? “Se o objeto *a*, como objeto pulsional e causa do desejo, é aquilo que é rejeitado pela civilização, a Escola é uma instituição que [...] deve abrigá-lo” (Quinet, 2022, p. 58). Porque nem ela nem a Psicanálise trabalham com o efeito integrativo, pelo contrário, trabalham com a impossibilidade da integração (não com a impossibilidade do laço, entretanto; o que faz laço é justamente a alteridade, a diferença, se não, só faz espelho). Miller (2016) relaciona, inclusive, o fato de que a técnica da interpretação deve de estar presente na operação da Escola tanto quanto em um trabalho de análise e que, em última instância, é no efeito desagregativo de ideal que ela aposta, portanto, de uma separação que, ao apontar para uma perda, confia no laço. Isso se faz presente neste trabalho por três razões: entende que o funcionamento da Escola corresponde ao discurso analítico, conforme esperamos tê-lo demonstrado; impõe a importância do ato no funcionamento da Psicanálise; localiza semelhanças na solidão da posição do analista à solidão presente na escrita poética, ambas a convergir ao fato de que nenhum sujeito pode se representar (Lacan, 1968/2025, p. 212) e que, portanto, o objeto *a*, a raiz dessa solidão que é experimentar apenas o próprio corpo, inscreve o que se está ao mesmo tempo presente e velado no uso da palavra.

Sobre isso, a solidão essencial, procedemos com Maurice Blanchot (2011) na obra “O Espaço Literário”, a privilegiar seu capítulo de nome “A Solidão Essencial”.

“O que significa ‘estar só’? (Blanchot, 2011, p. 11), inicia o autor. “[...] tão sozinho quanto sempre estive em minha causa psicanalítica” (Lacan, 1964/2003, p. 235). Como efeito, difere a solidão de que se trata da solidão do recolhimento. Afirma

que a solidão em questão tampouco é a solidão do autor, mas a da obra de arte, a da obra literária, a qual, segundo ele, “desvenda-nos uma solidão mais essencial” (Blanchot, 2011, p. 11). Gostaríamos de aludir ao Sujeito do Inconsciente essa própria noção de obra, sempre na aposta de aproximações que nos permitam relançar o estatuto do psicanalista, nesse ponto, através dessa solidão. A obra ser solitária não significa que ela seja incomunicável, ou seja, que lhe falte o leitor (Blanchot, 2011). Blanchot propõe, todavia, que quem a lê pertence ao risco dessa solidão, esse querer que “mas o que quer terminar continua sendo o interminável” (Blanchot, 2011, p. 13), no sentido de que deseja o espírito realizar-se e realizar o infinito em uma única obra. Interessante essa locução se pensarmos que, seja no amor de transferência ou no amor romântico, lança-se ao mesmo risco. O rigor do risco é, assim, corrê-lo. No entanto, ao modo da disciplina dos assombros, é a experiência fugidia de escutar-se finito, como nos mostram as formações do inconsciente, essas, na mira do analista:

Diz-se que o analista escuta outra coisa naquilo que é dito materialmente pela boca do analisante. É verdade, entretanto, ele não pode tapar seus ouvidos... Diz-se também que é algo vivamente recomendado ao analista, por Freud em primeiro lugar, de praticar aquilo que é chamado “atenção flutuante”, isto é, de escutar seu analisante exclusivamente como um ouvido distraído e de confiar em seu inconsciente para captar, graças a essa distração calculada, os acidentes que marcam o florescimento no discurso de uma outra palavra, de uma outra significação, de uma verdade que, de qualquer modo, só pode se semi-dizer. Isso também é verdade: o analista não escuta, ele ouve, o que é muito diferente (ouvir pode implicar, ocasionalmente, levar as coisas ao extremo, em não escutar) (André, 1999/2025, p. 45).

Logo, essa finitude não configura um convite à passividade do cinismo, posição mais próxima à impotência, mas ao desejo de desejar, a aposta na próxima impossível palavra que nos agita. Até porque: “[...] era realmente o verbo que estava no começo, e vivemos

em sua criação, mas é a ação de nosso espírito que dá continuidade a essa criação, renovando-a sempre” (Lacan, 1953/1998, p. 273). Ou seja: “Ora, o discurso analítico, por sua vez, traz uma promessa: introduzir o novo. E isso, coisa incrível, no campo a partir do qual se produz o inconsciente, já que seus impasses, certamente entre outros, mas em primeiro lugar, revelam-se no amor” (Lacan, 1973/2003, p. 529). A orientação de Serge André (1999/2025), nesse sentido, é ética, por ser técnica. Por quê? Porque “Na análise [...], as questões técnicas são éticas, por um motivo muito preciso: nela nos dirigimos ao sujeito. A categoria do sujeito não é técnica, e sim, ética” (Miller, 1997, p. 221). Tanto o rigor da escuta do analista, causa e efeito do desejo do analista, sua posição de poema, apostam no mesmo rigor que o escrever: “os acidentes que marcam no discurso o florescimento de uma outra palavra”, que caracteriza, portanto, um dizer. É disso que se trata: de um dizer. Por isso o bem-dizer. Não é “bem-falar”, falar bem. Essa aposta, às distrações calculadas, sabem que não se sabe o que virá até que se fale, até que se escreva. Se um analisante se recusa a ser compreendido em uma certa dimensão de saber, por sua amarração sintomática, a exemplo, o escritor recusa-se em saber de sua recusa. Diante do papel, diferentemente do que acontece diante do analista, é possível que, se soubesse do que escreve, nunca mais o escreveria. A surpresa é celebrada pelo poema!

Quanto à questão do começo, Blanchot (2011) também trabalha com a dimensão de há algo na obra anterior à própria obra, ele diz: “A solidão do escritor, essa condição que é o seu risco, porfiria então do que pertence, na obra, ao que está sempre antes da obra. Por ele, a obra chega, é a firmeza do começo, mas ele próprio pertence a um tempo em que reina a indecisão do começo” (Blanchot, 2011, p. 15). Onde está o autor, portanto? Não na dissecação do conteúdo de seu texto literário, mas no ato: no tempo da indecisão ou decisão do começo, nisso que o repõe ou não em atividade. A esse ensaio,

devemos refletir sobre essa “atividade” como uma ação ou como um efeito de sujeito? “Escrevemos sem saber. Escrevemos observando uma mosca morrer. [...] Deveria haver uma escrita do não escrito” (Duras, 1993/2021, p. 54 e p. 82). Porém, diz Duras (1993/2021), que não é da ordem da reflexão, em suas palavras: “É o desconhecido de si mesmo. [...] Escrever não é nem mesmo uma reflexão, [...] é uma outra pessoa que aparece e que avança, invisível [...] e que algumas vezes coloca a si mesma em risco de vida” (Duras, 1993/2021, p. 64). Dessa forma, segundo a autora, escrever não só não é a mera atividade (ação) de escrever como não é não escrever e refletir sobre; escrever, para ela, é essencialmente a solidão do corpo, um estado de arrebatamento. É um acontecimento de corpo, o qual ela descreve como a condição que faz da escrita algo selvagem, “uma selvageria anterior à vida” (Duras, 1993/2021, p. 34). Mais radicalmente: “Ninguém jamais escreveu a duas vozes. Podemos cantar a duas vozes, fazer música também, e jogar tênis, mas escrever não” (Duras, 1993/2021, p.34). Uma grave lição à solidão que um sujeito experimenta quando se dá conta de que existe, de que tem um corpo e de que há de se fazer algo intransferível com isso.

A Psicanálise se serve desse saber. Blanchot também o diz: “Diz-se que o escritor renuncia a dizer ‘Eu’” (Blanchot, 2011, p. 16) e “[...] sou convertido em ninguém, outrem que se torna o outro [...] que se me dirige” (Blanchot, 2011, p. 19). Quem, então, escreve? Não parece ser o Eu cartesiano e o rastro está especialmente no artifício “que se me dirige”. O “se me” duplamente reflexivo recebe a dimensão incapturável do Inconsciente. Esse que “[...] pressupõe, para sua explicação, outros atos, de que a consciência não dá testemunho” (Freud, 1915/2010, p. 101), mas que são seus.

Foucault, em sua Conferência “O que é um Autor?” (1969), afirma que há uma atitude de indiferença particular da escrita contemporânea que tematiza o apagamento do autor e, dessa forma, localiza que a ausência ocupa lugar primordial no discurso e

que esse é um princípio que constitui a ética da escrita à época. Assim, explica que ela deixou de ser tratada como resultado, libertando-se sobretudo da noção de “expressão”, aproximando-se muito mais da experimentação de seus limites. Foucault (1969) segue a afirmar um traço similar ao de Duras, citado previamente, sendo: “Não se trata da manifestação [...] do gesto de escrever; [...] trata-se da abertura de um espaço onde o sujeito que escreve não pára de desaparecer”. É, dessa forma, uma experiência de ausência, uma afirmação da falta, um retorno “pelo vazio, pela ausência, pela lacuna do texto” (Foucault, 1969, n.p). Trabalha, ainda, com a noção de “função autor”, para dar conta desse que se revela, segundo ele, nem do lado do escritor real nem do lado do locutor fictício, mas na própria cisão, na divisão ou na distância entre eles. Há, ainda, um esforço por parte de Foucault em problematizar as noções de autoria e obra através da nomeação do autor (nome próprio), das relações de poder e de discursividade, questionando-se acerca das condições para, então, o desaparecimento do autor no texto. Foucault, nessa Conferência, considera que algumas noções de autor ainda preservam a existência da autoria e, segundo ele, obliteram a noção de escrita de permitir “[...] não somente dispensar a referência ao autor, mas dar estatuto a sua nova ausência” (Foucault, 1969, n.p). Assim, finaliza com uma questão: “Como, segundo que condições e sob que formas alguma coisa como um sujeito pode aparecer na ordem dos discursos?”.

Lamentamos o fato de não ter-nos havido tempo hábil para aprofundar diretamente a complexidade do que Foucault nos apresenta ou sequer uma proposta de articulação com a Teoria dos Discursos lacaniana. Aproveitamo-nos, entretanto, de um outro fato: Lacan estava presente nessa Conferência, prestigiando-a a compôr o debate, e um fragmento de seu comentário nos permite retomar a questão final por Foucault e inseri-la no campo psicanalítico:

“[...] gostaria de enfatizar que, estruturalismo ou não, não me parece de forma alguma que se trate, no campo vagamente determinado por essa etiqueta, negação do sujeito. Trata-se da dependência do sujeito, o que é completamente diferente; e muito particularmente, no nível do retorno a Freud, da dependência do sujeito em relação a alguma coisa verdadeiramente elementar, e que tentamos isolar com o termo ‘significante’” (Lacan, 1969, n.p).

Quanto ao desaparecimento, Lacan, após ter iniciado a pontuar a pertinência da fala de Foucault, parece defender acima que o desaparecimento não se trata da negação do sujeito, justamente, supomos, devido ao conceito de sujeito formar-se com a noção de desaparecimento que já há nele. O sujeito, como apreende a Psicanálise em sua clínica, é esse do “procura-se!” e, tudo indica, com a recompensa da palavra. Vai-se muito trabalho até que se dê por perdido.

O que sabe a escrita poética sobre isso? Desaparecer e aparecer pelas graças da língua, esse “inferno da fala” (André, 1996/2025, p. 44), “Glória estranha de corpo!” (Lispector, 2019, p. 27). Façamos um retorno à linguagem, usufruindo da “dependência do sujeito” mencionada por Lacan (1969). Uma passagem presente em “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud” (1957), na qual trabalha com duas figuras de linguagem, a metáfora e a metonímia, esforça-se para aludir ao mecanismo do Inconsciente quanto à lógica significante. À época, Lacan nos apresentava às suas articulações a partir de autores como Ferdinand de Saussure, Roman Jakobson e Lévi-Strauss, influenciado pela linguística e pelo estruturalismo. Nesse sentido, pela metonímia ou pela metáfora, conceitos da linguística que compõe o ensino de Lacan na altura do escrito referido escrito (1957), o autor nos transmite a dependência do sujeito à lógica significante, sendo a primeira “[...] a conexão do significante com o significante que permite a elisão mediante a qual o significante que permite a elisão mediante a qual

o significante instala a falta do ser na relação de objeto, servindo-se do valor de envio da significação para investi-la com o desejo visando essa falta que ele sustenta” (Lacan, 1957/1998, p. 519); e a segunda: “[...] que indica que é na substituição do significante pelo significante que se produz um efeito de significação, que é de poesia ou criação, ou, em outras palavras, do advento da significação em questão” (Lacan, 1957/1998, p. 519). Atribui, dessa forma, “[...] a metáfora à questão do ser e a metonímia à sua falta” (Lacan, 1957/1998, p. 533), uma vez que a metáfora transpõe e ultrapassa a barra (S/s), exprimindo uma passagem do significante para o significado, confundindo-o com a noção de sujeito e a metonímia, por sua vez, mantém a barra, manifestando uma resistência da significação (Lacan, 1957/1998).

É curiosamente proveitoso concluirmos que, nessa altura, Lacan tenha concedido à metáfora o efeito de poesia ou criação, quem sabe, pela noção própria que significava a si a poesia e o poeta, atravessando-a, com pertinência nessa lógica, ao estatuto de poema, no fim das contas. À escrita poética, esse dizer que atravessa a ordem do pensamento e do lúdico da palavra, parece-nos interessante, e demasiado contemporâneo, tomá-la a partir da metonímia. Embora ambas operem com a falta, quando Lacan (1957/1998) escreve que a metonímia, essa ideia da parte pelo todo, resistente à significação, não pode nos remeter ao que Blanchot (2011) escreve por “deseja o espírito realizar-se e realizar o infinito em uma única obra”? Uma única obra, uma única palavra, o significante totalizante. O efeito poético, bem como um trabalho de análise, apesar de suas distinções de fazer conforme temos desenvolvido, aponta-nos ao oposto disso: renuncia à fidelidade de reproduzir uma língua na outra, pois “[...] nos coloca mais próximos ao cume do real, onde o simbólico começa a ser rarefeito” (Junior; Lagoas, 2021, p. 221).

Ainda, Sapelli (2023), em seu trabalho nomeado *PERFORM(a)R*, enfatiza que a ação performática, enquanto assumida como uma obra de arte, está para além da representação, a apontar para a marca de uma singularidade como ato. Poderia ser a escrita poética, esse escrever, uma performance? Talvez isso constitua um outro trabalho, mas, duas características as une fundamentalmente, mesmo que uma se valha das palavras: a não representação e a singularidade. Apresenta Antelo (2023), que essa não está para um atributo ou uma essência, não se confunde com autonomia, particularidade ou identidade, contigência ou especificidade, mas, sim, para esse ato – isso que chama de escolha de linguagem. Nesse sentido, aproximamo-nos da “rarefação simbólica” elaborada por Junior e Lagoas (2021), pois é isso o que significa aplicar a arte à Psicanálise: conferir a ela seus limites enquanto, com a arte, no que estou inserindo a escrita poética, aprende “[...] com a dimensão do irrepresentável por meio de um traço singular” (Sapelli, 2023, p. 2). Nesse sentido, há na arte uma noção que prescinde da noção de belo (a noção dos restos como material da arte), precisamente através do conceito de singularidade tão cara à ela, essa autêntica e solitária relação com o objeto *a*, que também experimenta o estatuto do psicanalista. Não nos disse Lacan, já em 1955/1988, que a comparação que se pode fazer do analista com uma lixeira se justifica? Manoel de Barros (2015) nos explica: pessoas desimportantes dão para a poesia, ele diz, o que é bom para o lixo é bom para a poesia, pois é a palavra repositório que importa, entupida de silêncio por saber aos destroços. Esses mesmos que, tal qual lemos em Quinet (2022), é rejeitado pela civilização e abrigado na formação do analista.

Gregório Duvivier (2024), na peça “O Céu da Língua”, dedica seu monólogo a homenagear lúdica e seriamente a Língua Portuguesa, a brincar com o poder que possuem as palavras ou, melhor, ao poder que lhes damos. Nesse trabalho artístico, puramente linguística em sua poesia de poeta (ele anuncia na abertura que prefere

escolher que o mundo se acabe no galope de versos decassílabos), não deixamos de encontrar a dimensão da “lixreira”, (também apresentada por esta pesquisa sob outros nomes, como “o pior”, “dejeto”, “resto”, etc.), por exemplo quando diz: “Então me resta poluir o mundo com as palavras. Porque é falar sobre a vida que faz ela valer à pena” (Duvivier, 2024, p. 14). Duvivier traz o paradigma do belo à poluição das palavras ou, melhor, mantém a poluição das palavras apesar do belo. Na gênese deste ensaio, uma das epígrafes trouxe o dizer como esse parasita que, ao mesmo tempo que polui e invade, prolonga o sujeito para além de si mesmo. Mais adiante, Duvivier (2024) continua em sua transmissão e nos entrega o fruto da principal articulação argumentativa da presente pesquisa: “Toda língua é uma outra língua falada errado” (Duvivier, 2024, p. 18). Ele não se refere ao conceito de sujeito lacaniano ou ao uso que a Psicanálise faz da língua desde Freud, mas como não aprendermos com Duvivier que é também isso que pressupõe um analista? Diz-nos ele, em outras palavras, que toda língua é a princípio estrangeira, esse “erro”, então, pode se referir inclusive ao estrangeirismo que, mesmo em nossa língua, experienciamos, pois a alteridade do Outro é que nos funda. “Tudo o que parece banal em algum momento já foi cortante” (Duvivier, 2024, p. 20), diz-nos. O Outro é-nos cortante, igualmente a linguagem. Conforme (Duvivier 2024), é essa, inclusive, a função do poeta, pois na origem de todas as palavras tinha um poeta, algo que cortasse. “Pra isso servem os poetas: pra criar metáforas novas, que voltem a cortar” (Duvivier, 2024, p. 21). Além disso, ele (2024) escreve que há uma linha entre os linguistas defensora de que a função primordial da linguagem é fática, isso é, correspondente a tudo aquilo o que se diz não para comunicar, mas para simplesmente fazer barulho. “Tudo aquilo que não significa nada além de Alô. Som. Testando. [...]” (Duvivier, 2024, p. 24). Como chamar a mãe ou o pai, que em seguida respondem “Quê?” e se diz: “Nada!”, só para endereçar um

chamado que garanta a consistência da palavra, que não há. “É que ao tocar, por pouco que seja, na relação do homem com o significante [...], altera-se o curso de sua história, modificando as amarras de seu ser” (Lacan, 1957/1998, p. 531).

Por que isso importa? Porque “[...] um livro é sempre, antes de mais nada, um corpo estrangeiro introduzido à força na palavra” (André, 1999/2025, p. 46). Para além do livro como um objeto, referimo-nos aqui ao que articula Henderson e Chaterlard (2023) ao distinguirem um “texto qualquer” de um verdadeiro escrito para a Psicanálise. Um livro, então, como descreve André (1999/2025), tomado como um “verdadeiro escrito” diante do texto que se lê em análise, esse havendo em presença de um desejo de arriscar tudo “[...] tal como implica a descoberta freudiana, um desejo sem garantias” (Henderson e Chatelard, 2023, p. 92). Nesse sentido, assumindo o efeito da escrita poética, esse é um escrito acometido de um esquecimento (mostra a estrutura de uma linguagem), esquecimento esse que retorna e permite a travessia de contentar-nos apenas com o vislumbre que nos permite “ser um poema”. Assim, “E como não haveria chegado até mesmo um psicanalista de hoje de sentir que chegou a isso, a tocar na fala, quando sua experiência recebe dela seu instrumento, seu enquadre, seu material e até o ruído de suas incertezas?” (Lacan, 1957/1998, p. 497).

A partir disso, repetimos que o efeito da escrita poética, conforme tratamos neste ensaio, independe do gênero literário, quer dizer, não importa a forma com que o texto se organiza em sua disposição, tampouco seu conteúdo, é possível que essa escrita se revele tanto em uma prosa quanto não apareça em um poema metricamente versado. Um exemplo é que não bastam as metáforas, conhecida estilística da poesia e, como sustentado acima por Lacan, causadores da “poesia ou da criação”. Não basta a poesia ao efeito poético. Seria como dizer: não basta a ação ao efeito de um ato psicanalítico, no primeiro capítulo do Seminário 15 é até mesmo como Lacan abre sua fala. Sequer,

também, refere-se às estruturas clínicas psicanalíticas. Trabalhamos com essa escrita a considerar que o escrever do impossível, despreocupado com a produção de sentido da comunicação (à medida em que a dimensão do Significante se impõe sobre o sentido), desvela inevitavelmente o seu inverso: o alcance do real. O real que alcança um ser falante é uma insistência que experimentamos à repetição, é a prevalência de um sujeito irrealizável em si mesmo ou na totalidade da palavra, a aparecer e retornar sempre nos intervalos, na hiância, entre uma e outra. E é assim, também, que a verdade só se conta à estrutura de ficção, pois “[...] dizê-la toda é impossível, materialmente: faltam palavras. É por esse impossível, inclusive, que a verdade tem a ver com o real” (Lacan, 1973/2003, p. 508). Faltam-nos palavras para as questões de vida e morte que assolam nossas existências, temas inerentes à estrutura do ser falante e que, em sua verdade não-toda, não cessam de não retornar. A esse retorno temático de caráter repetitivo, Lacan (1973/2003), inclusive, permitiu o trocadilho “ficção” e “fixão”, atribuindo a essa particularidade a dimensão de mito:

[...] essa ficção mantém uma relação singular com alguma coisa que está sempre implicada por trás dela, e da qual ela porta, realmente, a mensagem formalmente indicada, a saber, a verdade. Aí está uma coisa que não pode ser separada do mito. (...) A necessidade estrutural que é carregada por toda expressão da verdade é justamente uma estrutura que é a mesma da ficção. A verdade tem uma estrutura, se podemos dizer, de ficção” (Lacan 1957/1995, p. 258-259).

Reforça-se, a essa maneira, que não serve à relação entre Literatura e Psicanálise que a segunda se aproprie da primeira à procura de seu autor, de sua autora. Mais interessante, insiste este ensaio, parece-nos aproveitar a dimensão verdadeira da ficção: que o dizer se demonstra por escapar ao dito, que a centelha poética acontece à medida em que se produz a verdade que é, em última instância, um meio-dito (Lacan, 1972/2003, p. 454).

Um jogo entre o aparecimento e o desaparecimento. Se, dessa forma, a enunciação é uma anunciação inconsciente, parece-nos possível aproximar “Que se diga fica esquecido por trás do que se diz em o que se ouve” (1972/2003, p. 448) da noção de “atrás do pensamento” de Lispector (2019), na qual insiste: “Sou subterraneamente inatingível pelo meu conhecimento. [...] Atrás do pensamento não há palavras: é-se” (Clarice, 2019, p. 42). Vejamos aqui que, por mais tênue que pareça, abismal é a diferença entre aplicar a teoria psicanalítica ao texto literário clariciano e, por outro lado, permitir-se, com ele, relançar a questão do Inconsciente na própria clínica.

Se a Psicanálise pode avançar com o campo da escrita poética é precisamente servindo-se da verdade ficcional – estrutural – que nos oferece um efeito de poema, bem como um efeito de sujeito: “[...] para fazer, desse jogo do dito ao dizer, uma demonstração clínica. Onde melhor terei eu feito compreender que pelo impossível de dizer se mede o real – na prática?” (Lacan, 1972/2003, p. 497).

Na prática, portanto, “[...] introduzir o silêncio nos poemas e reinstaurar a magia da palavra, também escapa às garras da interpretação” (Sontag, 2020, p. 25). Não são formalidades literárias, portanto, que definem a escrita poética, sequer a autonomia de escrever, mas seu efeito. Reforçamos que esse efeito ainda não se encerra no feito de escrever como verbo, mas precisamente apontando para algo similar à pulsão: não há satisfação plena e, à intrusiva sensação de escrever, colhemos a existência do Inconsciente: retorna, escapa, repete e insiste³⁹. À escrita poética, o impossível não se descreve como o impossível de desenhar uma palavra no papel, ou ao impossível como que isso que não existe, descreve em ato a presença disto que existe: o indizível, a fresta que se abre entre aquilo que o sujeito quis dizer e o aquilo que foi dito. Há uma fenda e é nela que se localiza ecos do Inconsciente: uma exigência

³⁹ Referência aos quatro conceitos fundamentais da Psicanálise: O Inconsciente, A Repetição, A Transferência, A Pulsão (Seminário 11).

imperiosa e, por seu caráter de insistência, também um “desejo morto” (Lacan, 1957/1998, p. 522). Tanto o Inconsciente quanto a escrita poética presentificam um desejo morto, erguendo cemitérios em sua homenagem, erigindo estátuas, ruínas a um tempo que não passa.

É também por isso que compreendemos a escrita poética como pista de leitura da posição do analista, por que há um desejo pela busca em jogo, a busca da palavra ou, em última instância, a busca pela busca. O efeito poemático, no silêncio que causa a espera, sopra um sopro de vida: o que queres? O poema pergunta, não responde, reverbera. Lacan disse: “Aquele que me interroga também sabe me ler”⁴⁰; Clarice escrevera: “Quero a glória de cair”⁴¹.

III. DE UM NÃO CONCLUIR: considerações finais

“Nossa tarefa não é descobrir o máximo de conteúdo numa obra de arte, muito menos extrair da obra mais conteúdo do que já está ali. Nossa tarefa é reduzir o conteúdo, para podermos ver a coisa” (Sontag, 2020, p. 29). A clínica psicanalítica não se traduz como uma teoria do conhecimento, tampouco a escrita poética, mas como uma prática, uma práxis que, a correr o rigor do risco da não-garantia de falar, lançando-se ao abismo como quem se é escrito à descoberta do próximo passo, baliza-se por um saber, ou, melhor, por um saber não sabido: o saber inconsciente, esse que restaura a sega cortante da verdade do campo aberto por Freud – expressão lida em Lacan tanto no “Ato de Fundação” (1967/2003) quanto em “Carta de Dissolução” (1980/2003). Chama-me a atenção agora que não por acaso a questão da “sua verdade” se fez presente nesses textos diretamente relacionados à Escola, em seu início e em seu fim –.

⁴⁰ Presente em “Televisão” (1973/ 2003, p. 508).

⁴¹ Em “Água Viva, ” (2019, p. 77)

Nesse sentido do que nos resta concluir, a hipótese desta dissertação propôs pensar se a escrita poética, distinta de outras formas de escrever em seu efeito, operaria como um dispositivo de transmissão análogo ao ato psicanalítico, algo feito um escrito-ato, seguindo as pistas deixadas por Jacques Lacan sobre o analista, em seu estatuto, “ser um poema”. Verificamos que essa aproximação é possível a partir de três eixos argumentativos: a escrita poética como relação com o impossível da linguagem; a proximidade entre esse escrever e a posição do analista através do ato psicanalítico como autorização do desejo do analista; e a elaboração da própria pesquisa à disciplina dos assombros como método.

Há um provérbio gascão que diz: “Soprar até que é fácil; o problema é mexer os dedos”, referente a uma canção tocada em flauta campestre; ou seja, embora a poesia seja para incorporar e não para compreender, feito aprendemos com Manoel de Barros, diante da função que se espera de uma análise, por mais instintivo que “soprar” seja, o analista deve estar advertido sobre os princípios que lhe permitem “mexer os dedos” diante do rompimento do sono da palavra. Essa é uma tarefa, por outro lado, dispensável à mira de um poeta, que: “Eu confesso, eu prefiro ficar encantado pela mágica do que saber qual é o truque” (Erick Saraiva). Atravessamos no presente estudo que ao analista interessa o truque. Não é um truque de mágica, isso nos colocaria novamente diante de um inconsciente místico e romantizado, o truque se refere ao truque de linguagem, portanto à técnica da escuta. Nisso, já há inefável mistério suficiente. Já nos resta o que escapa à ordem fálica: o corpo derradeiro, esse toque de real.

Encontramos que, embora poeta e psicanalista sirvam-se do mesmo material – a imperiosa, possivelmente infernal e parasitária linguagem, reforçando que ela mesma representa a ausência –, a experiência psicanalítica é fundamentalmente uma

experiência da palavra que se desenrola completamente na e pela palavra, enquanto a escrita literária vai contra a fala, pois deseja romper com a linguagem (André, 1999/2025, p. 21); e aí está sua irrupção de real. Isso significa que, diante da recusa do saber, não se espera do escritor uma transformação subjetiva; quanto ao método psicanalítico criado por Freud, por sua vez, essa travessia importa, a ser todo o seu trabalho, pois, desde a sua gênese, oferece-se como um método de tratamento, a apostar, assim, na afirmação da vida – o que não significa cura pela remissão, precisamente, ao contrário, pela assumpção. Para isso, elaboramos que a tarefa psicanalítica se dá diante da presença do analista enquanto poema, por sua noção de resto, uma formulação que alcança Lacan após ter abandonado o psicanalista “como poeta”. Não nos parece ilógico constatar, portanto, que nem toda escrita literária tem efeito de escrita poética e que o poema na travessia lacaniana se refere mais à noção de produto, à uma posição de resto, que a seu gênero formal de estrutura. No entanto, é verdadeiro que os poemas costumam trazer-nos mais cortes, quer seja por sua costumeira brevidade, quer seja pela prática de seus silêncios entre um dizer e outro. Os poemas, cada vez menores e despreocupados com a eloquência clássica, parecem tentar reduzir-se a um traço, a uma letra, a tentar dizer-nos tudo com poemas monossílabos, como se pudessem condensar todo o seu ser, toda a sua ausência, em uma palavra. E isso, para eles, basta, desde que se repita, pois mais grave que se esconder é não ser encontrado. “Invento, mas invento com a secreta esperança de estar inventando certo” (Paulo Emílio Sales Gomes).

A loucura do poeta é a devoção ao estrangeiro que lhe habita, um endereçamento à vida e à morte, pois, para elas, não há solução. “Por que perder nosso eu nos faz tão felizes?” (Millot, 2023, p. 17). Somos “flâneur”⁴² em nós mesmos. Nesse sentido, estamos sempre a ensaiar: uma errância que não significa necessariamente equívoco, erro; uma ficção sem a intenção de mentir. Em uma de suas cartas, datada de

⁴² Faz referência ao trabalho de Walter Benjamin (1892-1940).

1927, Virginia Woolf declarou-se ao seu destinatário da seguinte forma: “Sí, sí, sí, me gustas (tu). Tengo miedo de escribir la palabra más fuerte” (decido pela tradução em espanhol). O medo de escrever a palavra mais forte, de fato, parece ser o trágico do escritor, encerraria o dizer. Sabemos, no entanto, que essa palavra, em sua essência, não existe, justamente por isso a procuramos. Lacan, antes de falecer em 1981, tomou o cuidado de dissolver o que chamou de a sua Escola para que não deixassem de procurar pela palavra, a palavra morrer com ele seria mantê-la sagrada para sempre, como Totem e Tabu. João Guimarães Rosa escreveu-nos bonito como isso acontece: “As pessoas não morrem, ficam encantadas”. Por isso, ainda, pareceu-nos importante transpôr o eixo argumentativo da “solidão subjetiva” mencionada por Miller (2021) e, de outra forma, também trabalhada por Blanchot (2011) em sua “solidão essencial”, concluimos que se trata da própria constituição de sujeito e que seu bem-dizer enuncia a singularidade, a alteridade de cada um na transmissão da Psicanálise, também presente na Escola como a possibilidade de um dispositivo analítico e local de trabalho pela e para a Psicanálise, pois “Existe a psicanálise e existe a Escola” (Lacan, 1969/2003, p. 299), são distintas. A Escola se apresenta como uma pessoa moral, como um corpo diverso, que se apóia em pessoas, físicas e um tanto presentes. A Psicanálise, ao contrário, é função da ordem do sujeito, a qual demonstra depender do objeto que a esse sujeito cinde (Lacan, 1969/2033). Ao psicanalista, essa causa de desejo é a única mola propulsora transmissível, uma vez que, constatou-se, ensinar a desejar é impossível.

No escrever, podemos encontrar tudo, inclusive nada. Pode-se sobreviver e não haver sobreviventes ao mesmo tempo: “El centro de un poema / es otro poema / el centro del centro / es la ausencia” (Alejandra Pizarnik), visto que, tal qual lemos em Serge André (1999/2025), somente o nada pode responder ao infinito do desejo. A escrita poética, portanto, transmite-nos o saber de que “Tudo o que eu te disser / tudo o

que escrever / sou a perder-te [...]” (Manuel Antônio Pina), quer dizer, escrever é uma experiência de perda inaugurada a cada palavra, uma perda inaugural ao desamparo próprio que experimentamos com a linguagem, a não-toda linguagem, a feminina linguagem, a feminização de sua escapatória, uma elaboração encontrada, inclusive, no texto “O seminário Sobre ‘A Carta Roubada’” de Lacan (1956/1998), o qual não pudemos trabalhar neste ensaio, mas restamos como sugestão. Nesse sentido, sirvo-me novamente de Galeano (2024) para elucidar a experiência de que no centro do objeto há um furo: Galeano, em sua crônica “A linguagem da arte”, conta em prosa a história de seu protagonista Chinolope. Sua estória é sobre sua relação novata com a fotografia, enquanto aprendia a utilizar a câmera pelas ruas de Nova York, alguém lhe disse: ‘Você olha por aqui e aperta ali’, sendo essa a única instrução recebida. Ao acaso, enquanto caminhava, flagrou uma cena de tiroteio em uma barbearia e a única coisa que despretensiosamente fez foi ‘olhar aqui e apertar ali’. A cena, narra-nos Galeano, foi um horror. Havia um morto ensanguentado no chão da barbearia, mas não foi por isso que sua foto foi uma façanha, foi porque “[...] Chinolope tinha conseguido fotografar a morte. A morte estava ali: não no morto, nem no matador. A morte estava na cara do barbeiro que a viu” (Galeano, 2024, p. 16). Essa é uma linguagem bastante psicanalítica, a linguagem da arte, como pudemos acompanhar por esta pesquisa: o sujeito não está onde pensa.

É uma grande lição a do poema, ensinar-nos a cair. Talvez, igualmente, possa bastar em uma tarefa psicanalítica a depender do momento transferencial em que ela se encontre, entretanto em sua operação há uma instiga pelo saber, pois essa é uma clínica “[...] na qual um ser humano fala com outro e descobre como tal fala evoca algo sobre a verdade acerca dos envolvidos nesta experiência” (Parker, 2011, p. 15). Esse é o saber. Não deixa de ser saber cair o contato com o saber inconsciente. A direção clínica que há

nisso corresponde a: “Se nós, psicanalistas, estamos bem situados para conhecer o poder das palavras, isso não é razão para valorizá-lo no sentido do insolúvel, nem para ‘atar fardos pesados e insuportáveis para com eles vergar os ombros dos homens’” (Lacan, 1953/1998, p. 264), pois reconhecemos que a fala comporta algo de amor. Falar não é diferente de amar, esse apelo insiste tanto na Transferência quanto no *amódio*⁴³ que nutrimos pelas palavras e no que quer que façamos de experiência com elas: dizê-las ou calá-las.

De toda forma, não é preciso de uma distinção precisa entre o psicanalista e o poeta, ambos recusam definições e concedem “legitimidade ao que tinha parecido inadmissível” (Millot, 2023, p. 15), essa é uma frutífera aproximação, “[...] porque admite tanto o conceito quanto o sotaque” (Erber, 2026). Este ensaio não deseja provar que são radicalmente opostos, diria que inclusive o inverso, pois, a partir da escrita poética, relança a questão sobre o que está em jogo no texto da ética psicanalítica, sendo que a ética do desejo é a ética da clínica, da qual a (des)ordem do real não cessa de não se inscrever, e de não se escrever, no estatuto do Inconsciente.

Se o que faz uma análise girar é o discurso do analista, posição poemática que permite com que o analisante lhe produza como tal, é o desejo do analista que corre o risco desse rigor. Também aqui podemos compreender por que Lacan aproximou um analista do poema: pois, de certa forma, é o analisante quem o produz. A clínica psicanalítica não é o desejo de um analista, à instância subjetiva, mas o desejo do analista, à instância, portanto, de um discurso. “O que se destaca desta lógica na constituição é que talvez a psicanálise trate de forma diferente, diferentes pacientes. Um mesmo paciente, ao longo de seu tratamento pode exigir diferentes configurações, assim como um psicanalista ao longo de sua trajetória, formativa e clínica” (Dunker, 2011, p. 614).

⁴³ Neologismo lacaniano.

De mesma forma, à forma da singularidade, este é um trabalho sobre método. Um método que, desde a própria metodologia às nuances de seu procedimento, homenageia o estatuto fugitivo do ser, “realizado” às quedas, pois não se realiza. Encontramos suporte para isso em suas próprias manifestações textuais durante a pesquisa e a escrita, como alusões à clínica (ressaltando que “clínica” abrange mais que o conceito de consultório, compõe ela mesma uma linguagem, a linguagem da Psicanálise): nos monumentos (um corpo que comporta uma inscrição de linguagem, a qual, uma vez recolhida, pode ser destruída sem perda grave); nos documentos de arquivo (as impenetráveis lembranças da infância); na evolução semântica (acepções de um vocabulário particular, bem como do estilo de vida e ao caráter); na tradições (as lendas que veiculam a própria história, o próprio mito) e, por fim, nos vestígios, os quais, conservam inevitavelmente as distorções exigidas pela reinserção do capítulo adulterado nos capítulos que o enquadram, e cujo sentido a exegese restabelecerá (Lacan, 1953). “Vestígios” comporta, e comportam, a noção orientadora desta pesquisa: o que se (re)estabelece é a criação de um vislumbre. Escreve-se, portanto, em espiral, mas se mantém o núcleo vazio. Uma noção êxtima.

Essa clínica, portanto, constata que o sujeito é constituído pela linguagem, uma linguagem como uma lógica, e que dessa lógica faz parte o que ela não comporta, o que fica de fora: o real, dito lacaniano porque, conceitualmente, ele não se refere propriamente à realidade. Esse real, registro que insiste em não se apalavrear, concerne à escrita poética como isso que é externo a si e possui o escritor, devora o escritor, faz dele usufruto. Clarice Lispector mesmo dizia que pensava que os livros davam em árvore; em “A Descoberta do Mundo” (2020), escrevera: “Quando aprendi a ler, devorava os livros, e pensava que livro era como árvore, como bicho, coisa que nasce.” Não dava nela, ou nos outros, mas nascia, brotavam, do chão. Órfãos. De certa forma,

ela dizia que imaginava que os livros não eram um saber que pertenciam a quem os escrevia e, dessa forma, parece-nos que ela não se equivocava. Por que não essa ser uma forma de dizer que o Inconsciente é um saber não sabido?

A Psicanálise oferta um tempo outro, anacrônica e intempestiva (Pontalis, 2024). É a experiência de um tempo, uma marca de corpo que não nos abandona conforme as cronologias que o contam. Mede-se o tempo pela gramática quando se narra uma história, marca-se o tempo pela posição do sol, encontra-se a virada de um momento pelos ponteiros do relógio, organiza-se mais ou menos civilizadamente um tempo de encontro, de ir e de vir, mas como medir *esse tempo* sem medida? Esse que, segundo Pontalis (2024), não é a negação do tempo, mas a sua realização. Esse traço, esse, sim, nunca perdido, orienta-nos como recomendação técnica: não há um lugar de chegada no tratamento psicanalítico, o qual configura uma experiência de tempo lógico, no qual é o tempo da enunciação que porta a articulação entre tempo e saber (Tedesco, 2026). Esse é um tempo que esperamos ter demonstrado no presente trabalho, servindo-nos dos instantâneos das coisas, retornando a Freud na proposição de que a própria rememoração é uma verdade ficcional. Disso, serve-se a escrita poética, desse inútil essencial que suscita o objeto *a*, pois “[...] os seres humanos nunca se limitaram a criar objetos que lhes fossem simplesmente úteis. Em todos os lugares, eles sentiram a necessidade de algo mais. O utilitário nunca basta. Talvez sejamos, antes de tudo, animais poéticos” (Petit, 2024, p.7). Há algo que não é doente na escrita, uma ética da reconciliação.

“Qual o ensinamento que a psicanálise nos oferece – quero dizer a experiência, a *comprovação* da análise, ou, o que é a mesma coisa, a *comprovação* do estranho – a ponto de podermos considerá-la seu principal ensinamento, talvez o único? É que o tempo não passa” (Pontalis, 2024, p. 13). O Inconsciente, em seu saber não sabido,

estranho, estrangeiro, íntimo e familiar, é esse tempo que não passa. Agora que sei andar, escreveu-nos Walter Benjamin, não poderei tornar a aprendê-lo jamais. Há instantes em nossas vidas contados mais por seus “estados de choque e fascínio”, conforme lemos em Erber (2026) sobre o processo de produção de um ensaio, que por seu fechamento. Esses instantes, comumente sentidos como raptos de nós mesmos, ao mesmo tempo em que nos dividem, nos infinitam, descontornando nossos corpos, condensando as posições de dentro e fora, tal qual a Fita de Moebius utilizada por Lacan, mas também demarcando a nossa humanidade de seres fal(t)antes, ou seja, esses capturados pelo acontecimento que a palavra tenta sem fim incorporar.

Desde Freud, o inventor desse modo de fazer com o Inconsciente, a tradição de sujeito era uma tradição de “homem” racionalista, cartesiana, um sujeito como modelo biomédico de categorização e de apreensão, um sujeito, portanto, diagnosticável pelo olhar e pelo pensamento, um sujeito de duas substâncias separadas: corpo e mente. Quando a Psicanálise surge assumindo uma postura crítica a esse paradigma (não por uma revolta, mas por um ato freudiano, um médico neurologista a quem foi ensinado por seus pacientes que falar não é simplesmente falar), propondo uma concepção outra de sujeito, justamente inapreensível, não mais senhorio em sua própria casa, habitado por um Infamiliar, estranho mas íntimo em seu corpo, sujeito de linguagem, sujeito de real, a saber, de Inconsciente, é quando podemos engajar-nos no sentido técnico que há na proposição de Lacan acerca do que deve suportar um analista que se autoriza como tal: ser um *des-ser*. Saber disso é saber que o sujeito não é autônomo, como proposto pela ciência moderna à época, mas heterônomo, radicalmente, em sua raiz, fundado pelo desejo do Outro. “O poema ensina a cair” (Luiza Neto Jorge). Dignifica-se o abismo.

No mais, “Toda palavra merece uma despedida” (Duvivier, 2024, p. 28) e, por isso, feito também aprendi em o “O Céu da Língua” (2024), saio da conclusão deste trabalho à brasileira: despeço-me sem sair.

“[...] – em meio à violência e a solidão dizendo

sim –

pelo espanto de beleza

pela flama de Thereza

pelo meu filho perdido

neste vasto continente

por Vianinha ferido

pelo nosso irmão caído

pelo amor e o que ele nega

pelo que dá e que cega

pelo que virá enfim,

não digo que a vida é bela

tampouco me nego a ela:

– digo sim”

Ferreira Gullar.

IV. REFERÊNCIAS

- Allouch, J. (1999). – *Alô, Lacan? – É claro que não*. Companhia das Letras.
- André, S. (1999/2025). *A escrita começa onde a psicanálise termina*. Trans.: Laerte de Paula.
- Antelo, R. (2023). *Duas locomotivas*. Texto apresentado na III preparatória da IV Jornada da EBP Seção Sul.
- Badiou, A. (2004). Por uma estética da cura analítica. In Analucia Teixeira Ribeiro (trad.). *A psicanálise & os discursos*. Escola Letra Freudiana.
- Blanchot, M. (2011). *O espaço literário*. Rocco.
- Barros, M. (2015). *Meu quintal é maior do que o mundo: antologia*. Alfaguara.
- Barros, M. (2004). *Poemas Rupestres*. Record.
- Barthes, R. (2015). *O prazer do texto*. Perspectiva.
- Casper, G.; Humboldt, W. V. (1997). Sobre a organização interna e externa das instituições científicas superiores em Berlim. In Casper, G.; Humboldt, W. V. *Um mundo sem universidades?* EdUERJ.
- Cavalcante, L. T. C.; Oliveira, Adélia A. S. (2020). Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. *Psicologia em Revista*, 26(1), 83-102. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.5752/P.1678-9563.2020v26n1p82-100>.
- Ciaccia, A. D. (1999). Da Fundação por Um à Prática por Muitos. In *Revista Curinga*. Escola Brasileira de Psicanálise. Recuperado de <https://ebp.org.br/mg/curinga-013/>.
- Chatelard, D. S.; Maesso, M. C.; Rilho, V. (orgs). 2023. *Inconsciente e escrita*. Appris.
- Chatelard, D. S. (2005). *O conceito de objeto na psicanálise: do fenômeno à escrita*. Editora UnB.
- Cottino, G. (2018). *Cuando la poesía inspira a un analista: Lacan com Borges*. Grama.
- Deleuze, G. (1987). *Proust e os signos*. Forense Universitária.

Dunker, C. I. L.; Iannini, G. (2023). *Ciência pouca é bobagem: por que a psicanálise não é pseudociência*. Ubu.

Dunker, C. I. L. (2011). *Estrutura e constituição da clínica psicanalítica: uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento*. Annablume.

Duras, M. & Gauthier, X. (1974). *Boas falas: conversas sem compromisso*. Editora Record.

Duras, M. (1993/2021). *Escrever*. Relicário.

Duras, M. (1986). *O Deslumbramento de Lol V. Stein*. Nova Fronteira.

Del Fuego, A. (2025). *Nego tudo: ficções súbitas*. Companhia das Letras.

Duvivier, G.; Paes, L. (2024). *O céu da língua*. Pad Rok.

Erber (2026). Pique-pega do pensamento. In *Escrevedeira Centro Cultural*. Recuperado de <https://escrevedeira.substack.com/p/pique-pega-do-pensamento-laura-erber>.

Ferrante, E. (2023). *As Margens e o ditado: Sobre os prazeres de ler e escrever*. Intrínseca.

Ferrazzano, C. (2021). *Palato duro*. Selo Doburro.

Galeano, E. (2024). *O livro dos abraços*. L&PM.

Herzog, W. (2011). *Caverna dos sonhos esquecidos*.

Freud, S. Algumas reflexões sobre a psicologia escolar (1914). In: Freud, S. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, não paginado.

Freud, S. (1912/2010). Recomendações ao médico que pratica a psicanálise. In S. Freud. *Obras Completas de Sigmund Freud, Vol.19*. Companhia das Letras.

Freud, S. (1915/2010). O inconsciente. In S. Freud. *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. 12. Companhia das Letras.

Freud, S. (1919/2019). *O infamiliar*. Autêntica.

Freud, S. O poeta e o fantasiar (1908/2021). In S. Freud. *Arte, Literatura e os Artistas: Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Autêntica.

Freud, S. (1910/2021). Uma lembrança de Infância de Leonardo da Vinci. In S. Freud. *Arte, Literatura e os Artistas: Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Autêntica.

Freud, S. (1904[1905]/2017). O método psicanalítico freudiano. In S. Freud. Fundamentos da Clínica Psicanalítica: *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Autêntica.

Freud, S. (1912/2010). Recomendações ao médico que pratica a psicanálise. In S. Freud. *Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. 19*. Companhia das Letras.

Foucault, M. *O que é um autor?* Debate com M. de Gandillac, L. Goldmann, J. Lacan, J. d'Ormesson, J. Ullmo, J. Wahl. Vincennes: Bulletin de la Société Française de Philosophie, 1969.

Goldenberg, R. (1994). *Boletim de novidades*. Recuperado de <https://ricardogoldenberg.com.br/wp-content/uploads/2020/09/a-linguagem-segundo-lacan.pdf>.

Han, B.-C.H. (2022). *Não-coisas: Reviravoltas do mundo da vida*. Vozes.

Hilst, H. (2022). *Tu não te moves de ti*. Companhia das Letras.

Junior, L. A. S.; Lagoas, J. M. (2021). O Unheimliche brasileiro. *Revista Brasileira de Psicanálise*. Recuperado de <https://www.bivipsi.org/wp-content/uploads/2021-febrapsi-revistabrasileria-v55-n4-15.pdf>.

Lacan, J. (1957/1998). A Instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In J. Lacan. *Escritos*. Zahar.

Lacan, J. (1971/2003). Ato de Fundação. In J. Lacan. *Outros Escritos*. Zahar.

Lacan, J. (1965-1966/2003). Carta de Dissolução. In J. Lacan. *Outros Escritos*. Zahar.

Lacan, J. (1965-66/1998). A ciência e a verdade. In J. Lacan: *Escritos*. Zahar.

Lacan, J. (1953/1998). Função e campo da fala e da linguagem. In J. Lacan. *Escritos*. Zahar.

Lacan, J. (1965/2003). *Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein*. In J. Lacan. *Outros Escritos*. Zahar.

Lacan, J. (1967/2006). Lugar, origem e fim do meu ensino. In J. Lacan. *Meu Ensino*. Zahar.

Lacan, J. (1972/2003). O aturdido. In J. Lacan. *Outros Escritos*. Zahar.

Lacan, J. (1969/2003). Pronunciamento na Escola. In J. Lacan. *Outros Escritos*, Zahar.

- Lacan, J. (1970/2003). Radiofonia. In: J. Lacan. *Outros Escritos*. Zahar.
- Lacan, J. (1973/2003). Televisão. In: J. Lacan. *Outros Escritos*. Zahar.
- Lacan, J. (1953/1986). *O Seminário, Livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Zahar.
- Lacan, J. (1955/1988). *O Seminário, Livro 3: As psicoses*. Zahar.
- Lacan, J. (1957/1995). *O Seminário, Livro 4: A relação de objeto*. Zahar.
- Lacan, J. (1957-1958/1999). *O Seminário, Livro 5: As formações do inconsciente*. Zahar.
- Lacan, J. (1958-1959/2016). *O Seminário, Livro 6: O desejo e sua interpretação*. Zahar.
- Lacan, J. (1960/1988). *O Seminário, Livro 7: A ética da psicanálise*. Zahar.
- Lacan, J. (1964/2008). *O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Zahar.
- Lacan, J. (1967-1968/2025). *O Seminário, Livro 15: o ato psicanalítico*. Zahar.
- Lacan, J. (1969/1992). *O Seminário, Livro 17: O avesso da psicanálise*. Zahar.
- Lacan, J. (1971/2009). *O Seminário, Livro 18: De um discurso que não fosse semblante*. Zahar.
- Lacan, J. (1971/2012). *O Seminário, Livro 19: ...ou pior*, Zahar.
- Lacan, J. (1976/2007). *O Seminário, Livro 23: o sinthoma*, Zahar.
- Lacan, J. (1956/1998). *Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956*. In: J. Lacan. *Escritos*. Zahar.
- Lacan, J. (1980/2003). O objeto da psicanálise. In J. Lacan. *Outros Escritos*. Zahar.
- Lacan, J. (1945/1998). O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. In J. Lacan. *Escritos*. Zahar.
- Lacan, J. (1976/2003). Prefácio à Edição Inglesa do Seminário 11. In J. Lacan. *Outros Escritos*. Zahar.
- Lacan, J. (1953/1998). Variantes do tratamento padrão. In J. Lacan. *Escritos*. Zahar.
- Lacan, S. (1996). *Um Pai*. Puzzle.

- Fortaleza, F. C. L. (org). (2021). *Ato analítico e afirmação da vida*. Aller.
- Lagoas, Juliano M. (2016) *O problema da percepção na psicanálise de Freud a Lacan*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Brasília.
- Ligeiro, V. M. (2024). *O triunfo do real: Arte e psicanálise*. 7 Letras.
- Lispector, C. (2019). *Água Viva*. Rocco.
- Lispector, C. (1998). *A hora da estrela*. Rocco.
- Lispector, C. (2020). *A paixão segundo G.H.* Rocco.
- Mallmann, F. (2021). *Tudo o que leva consigo um nome*. J.O.
- Madeira, C. (2022). *A natureza da mordida*. Record.
- Moraes, E. (2023). *A parte maldita brasileira: literatura.excesso.erotismo*. Tinta-da-China Brasil.
- Mota-Naunheim, R.; Neves, T. & Lagôas, J. M. (2024). *O universal advém como singular: apontamentos sobre os finais de análise*. Teoría y Crítica de la Psicología.
- Miller, J. A. (1993/1995). *A lógica na direção da cura*. Campo Freudiano.
- Miller, J. A. (1997). *Lacan elucidado*. Zahar.
- Miller, J. A. (2021). Teoria de Turim: sobre o sujeito da Escola. *Opção Lacaniana*. Recuperado de http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_21/teoria_de_turim.pdf.
- Millot, C. (2023). *Abismos ordinários*. 7 Letras.
- Nery, N. O Assunto: *O Brasil que lê menos*. YouTube/Spotify, 2024. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=AQhVeOS2ssg>.
- Oom, P. (1980). *Actuação Escrita. & Etc.*
- Parker, I. (2011). Estrutura e constituição da clínica psicanalítica: *uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento*. Annablume.
- Paviani, J. (2009). O ensaio como gênero textual. *V Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais/Internacional Symposium on Genre Studies – O Ensino em Foco* – Recuperado de https://www.ucs.br/ucs/tplSiget/extensao/agenda/eventos/vsiget/portugues/anais/textos_autor/arquivos/o_ensaio_como_genero_textual.pdf.

Prado, A. (2018). Programa IN(CONFIDÊNCIAS). *TV UFOP*. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=J-pJZehgo1c>.

Pontalis, J.-B. (2024). *Esse tempo que não passa*. Quina Editora.

Petit, M. (2024). *Somos animais poéticos: a arte, os livros e a beleza em tempos de crise*. Editora 34.

Quinet, A. (2022). *A Escola de Lacan: a estranheza da psicanálise*. Atos e Divãs.

Safatle, V. (2023). *Introdução a Jacques Lacan*. Autêntica.

Sapelli, C. (2023). *Perform(a)r*. Texto apresentado na IV Jornada da EBP Seção Sul – louco-motiva: a cada um seu acento.

Smith, P. (2010). *Devoção*. Companhia das Letras.

Soler, C. (2011). *Les affects lacaniens*. Presses Universitaires de France.

Sontag, S. (2020). *Contra a interpretação e outros ensaios*. Companhia das Letras.

Souza, Jr. P.-S (2023). *O fluxo e a cesura: um ensaio em linguística, poética e psicanálise*. Blucher.

Szyborska, W. (2024). *Correio literário: ou como se tornar (ou não) um escritor*.

Tedesco, A. (2026). Tempo e saber na clínica psicanalítica. In *Revista O Rei Está Nu*. Ed. 6. Abertura Para Outro Lacan.

Tarrab, M. (2021). O ato analítico, ler e escrever. *Boletim Travessias*. Recuperado de <https://ebp.org.br/sp/o-ato-analitico-ler-e-escrever/>.

Villari, R. A. (2002). *Literatura e Psicanálise: Ernesto Sábatto e a melancolia*. Editora da UFSC.

Weber, F. (2009). A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: por que censurar seu diário de campo? *Revista Horizontes Antropológicos*. 15, p. 157-170.